

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO PELA DUREZA: UM ELO DE LIGAÇÃO

ENTRE AUTORIDADE E AUTORITARISMO

José Roberto Lemos

São Carlos

2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO PELA DUREZA: UM ELO DE LIGAÇÃO

ENTRE AUTORIDADE E AUTORITARISMO

José Roberto Lemos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos como parte dos requisitos para a obtenção do título de MESTRE EM EDUCAÇÃO.

São Carlos

2005

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

L557ed

Lemos, José Roberto.

Educação pela dureza: um elo de ligação entre
autoridade e autoritarismo / José Roberto Lemos. -- São
Carlos : UFSCar, 2005.

177 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2005.

1. Professores e alunos. 2. Autoridade e autoritarismo. 3.
Educação pela dureza. I. Título.

CDD: 371.1023 (20ª)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Álvaro Soares Zuin

Prof. Dr. Nelson Palanca

Prof. Dr. Celso Luiz Aparecido Conti



Handwritten signatures of Antonio Álvaro Soares Zuin and Nelson Palanca. The signature of Antonio Álvaro Soares Zuin is written in cursive and is circled. Below it, the signature of Nelson Palanca is also written in cursive. Both signatures are written over horizontal lines.

à minha mãe...

*à Ana Amália,
à minha pequena grande Ana Lia,
à Iraci, que sempre me socorreu nas horas difíceis,
e, em especial ao Márcio,
que ajudou a tornar possível esta realização.*

VITAE DO CANDIDATO

Licenciado em Pedagogia pela UFSCar (2001).

**MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
JOSÉ ROBERTO LEMOS
APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, EM 20 DE OUTUBRO DE 2005.**

BANCA EXAMINADORA:

**ANTONIO ÁLVARO SOARES ZUIN
Orientador
PPGE/UFSCar**

**NELSON PALANCA
FAFIJA**

**CELSO LUIZ APARECIDO CONTI
DEd/UFSCar**

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Antonio Álvaro Soares Zuin pela orientação objetiva e atenta, bem como precisão e relevância de suas intervenções, quer na sua pessoa de orientador, como também pela sincera amizade.

Aos professores Dr. Nelson Palanca e Celso Luiz Aparecido Conti pela disponibilidade e precisas e importantes observações apontadas no Exame de Qualificação.

À minha família que sempre esteve presente nas horas que mais precisei.

A todos os meus amigos pelo apoio durante esta etapa de minha vida.

A todos os professores (ex-alunos) e alunos do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos, que colaboraram para a realização deste trabalho, ainda que no anonimato, também meus sinceros agradecimentos.

A Deus por ter me dado forças para continuar...

RESUMO

O presente trabalho busca contribuir com as reflexões acerca da autoridade e autoritarismo pedagógicos, bem como a chamada “educação pela dureza”, que de certo modo quase sempre estiveram presentes no âmbito educacional, pois este sugere diferentes posições hierárquicas, ou seja, de um lado os alunos e de outro os professores. É nessa relação complexa, que envolve muitas variáveis, que tentamos penetrar para obter subsídios que pudessem clarear a relação das concepções/conceitos de autoridade e autoritarismo pedagógico, bem como sua influência no cotidiano de sala de aula. Para tanto nos valem de uma pesquisa de campo que tentou investigar estas concepções, bem como suas relações, entre alunos e ex-alunos (agora professores do ensino fundamental) do curso de Pedagogia da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos). Nossas análises se apoiaram principalmente nos estudos feitos pela Teoria Crítica e nas idéias de seu maior representante Theodor W. Adorno, e outros. A abordagem temática configurou-se em quatro capítulos: o primeiro deles buscou enfatizar as concepções de educação para Adorno e a crítica da educação pela dureza; no segundo buscamos enfatizar as diversas concepções sobre autoridade e autoritarismo, e o período no qual se fundou a UFSCar; no terceiro a universidade enquanto instituição autoritária; no quarto e último capítulo a análise da pesquisa de campo como contribuição para o esclarecimento das concepções de autoridade e autoritarismo, bem como sua influencia nas relações entre alunos e ex-alunos (agora professores do ensino fundamental) do curso de Pedagogia da UFSCar.

ABSTRACT

SEVERE EDUCATION: A LINK OF CONNECTION BETWEEN AUTHORITY AND AUTHORITARIANISM

The present work search to contribute with the reflections about the authority and pedagogic authoritarianism, as well as the call "severe education" that in a certain way, they almost always had presents in the educational ambit, because this suggests different hierarchical positions, that is to say, on a side the students and on the other the teachers. It is in that complex relationship, that involves many variables, which we tried to penetrate to obtain subsidies that, the relationship of the authority conceptions/concepts and pedagogic authoritarianism could clear up, as well as its influence in the daily of class room. For so much we were worth ourselves of a field research that tried to investigate these conceptions, as well as its relationships, between students and ex-students (now teachers of basic school) of the Course of Pedagogy of UFSCar (Federal University of São Carlos). Our analyses leaned on mainly in the studies facts done by the Critical Theory and in its largest representative's Theodor W. Adorno ideas, and others. The thematic approach was configured in four chapters: the first of them looked for to emphasize the education conceptions for Adorno and the critic to the severe education; in the second we looked for to emphasize the several conceptions on authority and authoritarianism, and the period in which the UFSCar was founded; in the third the university while authoritarian institution; in the fourth and last chapter the analysis of the field research as contribution for the elucidation of the authority conceptions and authoritarianism, as well as the influences in the relationships between students and ex-students (now teachers of basic school) of the Course of Pedagogy of UFSCar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
I – A CONCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO PARA ADORNO E A CRÍTICA DA EDUCAÇÃO PELA DUREZA	04
II – AUTORIDADE E AUTORITARISMO	30
II.1 – Autoridade	30
II.1.1 – Autoridade Pedagógica	34
II. 2 – Autoritarismo	36
III – A UNIVERSIDADE ENQUANTO INSTITUIÇÃO AUTORITÁRIA	41
III. 1 – Educação Autoritária	44
III. 2 – Educação Liberal	46
III. 3 – Educação Libertadora	49
III. 4 – O Autoritarismo nas Universidades	51
III. 4.1 – Breve Histórico dos Trotes	55
III. 4.2 – Análise do Curso de Física da UFSCar	58
IV – ANÁLISE DA PESQUISA	67
IV.1 – Bloco I – Concepções em Relação aos Conceitos Autoridade e Autoritarismo	68
IV.1.1 – Síntese do Bloco I	75
IV.2 – Bloco II – A Relevância das Concepções de Autoridade e Autoritarismo na Prática	77
IV.2.1 – Síntese do Bloco II	84
IV.3 – Bloco III – A Influência das Concepções de Autoridade e Autoritarismo nas Relações Professores/Alunos	86
IV.3.1 – Síntese do Bloco III	93
IV.4 – Discussão Geral	98
CONCLUSÃO	102
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104
APÊNDICE	107

INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta do envolvimento que tivemos com uma pesquisa realizada nos anos de 2000 e 2001 na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, que investigava os processos de integração entre calouros e veteranos desta instituição, como também do envolvimento com as idéias dos pensadores da chamada Escola de Frankfurt, em especial as de Adorno e, Horkheimer. Já no campo psicanalítico, as contribuições de Freud foram fundamentais.

É importante ressaltar que, como educadores que somos, também vivenciamos este caldo cultural, tanto profissional, como pessoal, que parece nos levar por caminhos muitas vezes imperceptíveis, dada a velocidade cada vez maior em que temos que resolver milhões de coisas ao mesmo tempo, pois se assim não for não damos conta do que nos é exigido nesta *sociedade administrada* *.

Contudo, podemos dizer que somos privilegiados por termos maiores possibilidades de reflexão sobre nosso trabalho e os resultados que dele colhemos, pois representamos apenas 3,43% (IBGE - senso 2000) de nossa sociedade que tem um maior acesso à produção científica e acadêmica.

Considerando e fazendo jus a este percentual, tentaremos descortinar o véu que parece cobrir um fenômeno que foi observado inicialmente nas pesquisas sobre os trotes nesta Universidade e que nos chamou a atenção pelas

* "*sociedade administrada*" pode ser entendida como a sociedade na qual o sistema capitalista transforma tudo em mercadoria – mesmo os produtos do espírito; nesta sociedade, fundada no e para o consumo, fica praticamente abolida a possibilidade de o homem alcançar o esclarecimento, e, via de conseqüências, chegar à emancipação. PALANCA, Nelson. *Modernidade, Educação & Barbárie*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 1998, p. 23.

representações aversivas que os alunos parecem ter a respeito dos professores, em especial do Curso de Pedagogia.

Portanto, nosso objetivo principal é analisar como é que se dá a passagem de autoridade para autoritarismo, fenômeno que apareceu em todas as entrevistas realizadas naqueles anos, qual o elo entre os dois, ou seja, *em que momento o professor passa do exercício de sua autoridade pedagógica para o autoritarismo.*

Nosso referencial teórico será baseado nas idéias de Adorno, principalmente no que diz respeito à sua concepção de educação. Para tanto, no capítulo primeiro faremos uma análise de suas idéias com um enfoque especial na chamada “educação pela dureza”: seus meios, sua atuação e seus resultados, bem como as possibilidades de sair de suas amarras.

Já no capítulo segundo faremos uma busca entre vários autores e suas concepções de autoridade e autoritarismo de modo geral, e depois trataremos mais especificamente do processo pedagógico de ensino/aprendizagem que permeia nossas instituições. Como este assunto é muito vasto e existem muitas produções a respeito, faremos um recorte no tempo, para podermos nos aprofundar no ponto específico que diz respeito ao nosso trabalho.

No capítulo terceiro seguiremos uma linha do tempo analisando uma época turbulenta de nossa educação, os chamados *anos de chumbo* *, período autoritário no qual surge a UFSCar, suas raízes, seus primeiros cursos, em especial o de Pedagogia, que possivelmente tenha a contribuir com a elucidação de nossas hipóteses a respeito do conceito de autoridade e autoritarismo e o elo entre um e

* a expressão “anos de chumbo” refere-se ao auge do regime militar-autoritário que revela talvez a face mais dura desse regime e o que ele representava em termos político-econômicos e sociais, nas suas relações com a universidade pública. SGUISSARDI, Waldemar. *Universidade, Fundação e Autoritarismo – O Caso da UFSCar*, Editora da UFSCar, São Carlos-SP, 1993, p.11.

outro. Esta análise se torna interessante, pois se por um lado a UFSCar nasceu em um período autoritário, por outro ela é jovem, o que permite fugir um pouco aos rituais da academia, de cunho autoritário.

No capítulo quarto, como instrumento de análise da pesquisa, utilizaremos entrevistas feitas com atuais alunos do Curso de Pedagogia (variando as turmas, ou seja, alguns no início do curso, outros no meio e outros no final), como também ex-alunos deste curso e desta instituição, sendo que estes foram alunos dos mesmos professores que os anteriores, “alunos” que atualmente exercem sua profissão docente. São entrevistas relativas às suas concepções de autoridade e autoritarismo, tanto discente como docente.

Também é apresentado um cruzamento das entrevistas realizadas com o intuito de detectar os meios pelos quais ocorre este fenômeno (se é que ocorre) de passagem, qual o elo entre eles, sua possível causa e as possibilidades de reflexão a respeito.

Dessa forma esperamos dar nossa pequena contribuição com intuito de desvelar estas armadilhas que muitas vezes passam imperceptíveis por nosso cotidiano, no qual somos vítimas de nós mesmos e que se não paramos, por um instante, para esta reflexão poderemos reproduzir algo que a maioria de nós abominamos.

I – A CONCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO PARA ADORNO E A CRÍTICA DA EDUCAÇÃO PELA DUREZA

Inicialmente é importante lembrar que Adorno é um intelectual de meados do século passado, porém suas contribuições atravessam o tempo tornando-se um clássico, pois tratam de reflexões históricas que se perpetuam no avanço das sociedades submetidas ao sistema cultural, econômico e político de nossa época, principalmente no que diz respeito à crítica da educação.

Para entendermos a concepção de Adorno em relação à educação é necessário remeter-nos a uma palestra feita por este na rádio de Hessen, em 18 de abril de 1965, na qual ele disserta sobre as raízes educacionais que possivelmente contribuíram com a barbárie que ocorreu em Auschwitz.

Auschwitz foi uma monstruosidade ocorrida durante a 2ª Guerra Mundial que pouco foi tratada naquele período, e apesar de existir atualmente muitas pesquisas a respeito, ainda é pouco, dado a gravidade das conseqüências desta, por isso Adorno reitera sua preocupação frente a esse fato, pois se essa monstruosidade não calou fundo nas pessoas, isso mostra que há uma possibilidade de que se repita, dependendo do estado de consciência e inconsciência das pessoas.

Para Adorno, a tarefa maior da educação é não permitir que Auschwitz se repita, “porque ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação”.

Este trabalho, contudo, tenta demonstrar o oposto: que a educação reforça o autoritarismo; isto é nem toda ela se volta contra isso, contra a barbárie.

Para refletirmos sobre como evitar a reincidência à barbárie, precisamos nos lembrar de vários fatos históricos que são tratados como “normais” em nossa sociedade ou até ignorados, como o assassinato planejado de milhões de pessoas inocentes, durante a 2ª Guerra Mundial, com raízes no nacionalismo agressor que vicejou em muitos países e a invenção da bomba atômica capaz de matar centenas de milhares de pessoas de uma só vez.

Adorno propõe que reconheçamos os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, e reconhecendo-os, possam impedir que novamente voltem a repetí-los, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos ^[01]. O autor denomina esse processo de inflexão em direção ao sujeito, tornando consciente para os culpados os seus atos de ódio e fúria agressiva contra pessoas inocentes.

Por isso, Adorno diz que “a educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica” ^[01]. Assim, uma educação que pretenda eliminar as possibilidades de reincidência à Auschwitz precisa concentrar-se na primeira infância, pois é nesse período da vida que a personalidade da pessoa parece se formar, bem como o esclarecimento geral, dado que o homem se forma por meio de relações dialéticas; portanto, fruto das relações sociais, culturais e intelectuais da qual pertença.

“Quando falo de educação após Auschwitz, refiro-me a duas questões: primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância, e além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto, um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes” ^[01].

Adorno identifica algumas características da personalidade das pessoas que permitiram que Auschwitz acontecesse, que estão relacionadas com a autoridade, ao caráter autoritário, como a identificação cega com o coletivo e a manipulação de massas. É necessário opor-se à entrega cega de todos os coletivos, posicionando-se contra os mesmos por meio da auto reflexão e do esclarecimento do problema da coletivização. “O ponto de partida poderia estar no sofrimento que os coletivos infligem no começo a todos os indivíduos que se filiam a eles” [01]. Esse comportamento aparece de forma visível nos hábitos populares, rituais de iniciação de qualquer espécie, que possam promover dor física e/ou psicológica a uma pessoa, ou até mesmo a um grupo, como passaporte para ser membro de um coletivo. Segundo o autor, “os trotes de qualquer ordem são precursores imediatos da violência nazista” [01].

“Tudo isso tem a ver com um pretense ideal que desempenha um papel relevante na educação tradicional em geral: a severidade” [02]. Esse tipo de educação baseado na força e voltado à disciplina era elogiado pelos nazistas, pois ela seria necessária para constituir o tipo de homem que lhe parecia adequado. Adorno faz críticas severas a esse tipo de educação dizendo que a idéia de que a virilidade consiste num grau máximo de capacidade de suportar dor, é uma fachada de um masoquismo que se identifica com muita facilidade ao sadismo. “Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir” [02].

Este modelo de educação tradicional citado por Adorno, pela qual se aprende pela dureza, é um modelo atual, pois as exigências são as mesmas: as avaliações, os exames de filiação (vestibulares, pós-graduação, idiomas, artigos, projetos, etc.) os trotes universitários, entre outros; talvez mais implícito, e por isso

mesmo mais danoso, pois detectar estes fatos se torna ainda mais difícil. Quando se diz que este modelo é atual pode-se justificar pelo alto valor que a sociedade administrada, principalmente na academia, dá ao mestre que é mais “duro”, ou seja, mais severo, exigente, inflexível nas suas relações pedagógicas, porém, neste tipo valorizado, esconde a indiferença à dor do outro como também a sua própria.

Assim parece ser imprescindível que estes mecanismos sejam desvelados, tanto para o mestre quanto para a sociedade, que parece manter as raízes do antigo tradicionalismo operante dos séculos anteriores, ou seja, a educação precisa efetivamente considerar o que a filosofia já dizia há séculos: que a angústia/medo não devem ser reprimidos.

Os indivíduos que se entregam cegamente aos mandos do coletivo, principalmente o professor, irrefletidamente perdem sua individualidade para dar corpo a uma massa amorfa, dissolvendo-se como seres autodeterminados; isso foi o que Adorno chamou de “caráter manipulador” que constituía a personalidade dos nazistas na Segunda Guerra Mundial.

Este caráter parece se distinguir pela exacerbação organizacional que o compõe, como também pela ausência da capacidade de reflexão e de emoções inerentes aos seres humanos. Isso significa dizer que os elementos essenciais do próprio homem são substituídos pelos mandos do coletivo, segundo suas exigências, que na sua maioria estão isentas de emoções e afetividade, fazendo prevalecer a coisificação, ou seja, a valorização do objeto em detrimento do ser humano.

Neste sentido, pode-se dizer que o “*caráter manipulador*” vem de uma “*consciência coisificada*”. O indivíduo imerso neste tipo de caráter, inicialmente

transforma-se em coisa, ao se sentir transformado, inicia um processo de coisificação do outro na medida em que for possível.

Considerando estas possibilidades, é que parece crescer ainda mais a preocupação com este estado das coisas, pois se transferíssemos este indivíduo para o lugar do professor – fato muito provável, dado que este pertence a organizações muitas vezes autoritárias – teríamos uma reprodução em massa de seres coisificados, que destituindo-se dos elementos básicos do humano também passaria a reproduzir esta massa amorfa.

A angústia que este caldo cultural produz muitas vezes faz com que o professor mergulhe nesse poço de insensatez se tornando uma vítima de si próprio e conseqüentemente fazendo novas vítimas. Contrariamente ao que pregam as grandes coletividades, é preciso ter medo, reconhecer a angústia que permeia nosso tempo, pois segundo Adorno, o não reconhecimento desses elementos poderá permitir que Auschwitz se repita.

Quando as pessoas deixam-se deglutir por esta sociedade administrada em busca das falsas promessas que ela oferece tornam-se escravas, frias, incomunicáveis. O outro parece tornar-se sempre seu inimigo, assim sendo, deve ser destruído, pois destruindo aquilo ou aquele que possa lhe oferecer perigo de reflexão mantém-se isento do frio psicológico que a sociedade dele exige.

Uma outra característica percebida por Adorno refere-se à fetichização da técnica que passa a servir à destruição do ser humano, como por exemplo o desenvolvimento de um projeto relativo a um sistema ferroviário para conduzir com maior rapidez e fluência as vítimas de Auschwitz. Isso está intimamente relacionado à incapacidade de amar observada nas pessoas, que se tornaram frias e precisam

negar também em seu íntimo a possibilidade do amor. “A capacidade de amar, que de alguma maneira sobrevive, eles precisam aplicá-la aos meios” [02].

A frieza deve ser entendida nos seus pressupostos para ser combatida. Para Adorno, esse trabalho deve começar na infância para ter melhores chances de sucesso. “Crianças que não suspeitam nada da crueldade e da dureza da vida acabam por ser particularmente expostas à barbárie depois que deixam de ser protegidas” [02]. O amor só pode ser exigido na relação familiar – pais e filhos e não em relações profissionais. Mas o incentivo ao amor constitui ele próprio parte de uma ideologia que perpetua a frieza [02]. “Por isto o primeiro passo seria ajudar a frieza a adquirir consciência de si própria, das razões pelas quais foi gerada” [02].

Adorno nos chama a atenção para algumas possibilidades de conscientização dos mecanismos subjetivos que, se não trabalhados, poderão recair na barbárie. Também fala da possibilidade de um direcionamento da fúria ocorrida em Auschwitz para outros grupos (idosos, intelectuais, grupos dirigentes, por exemplo), pois o clima favorável à barbárie é o nacionalismo que pode ressurgir. “(...) o centro de toda educação política deveria ser que Auschwitz não se repita” [02].

Partindo dessa assertiva que Adorno tenta clarear as raízes da educação autoritária, que seria um elemento fundamental para o desenvolvimento da barbárie; pode-se perceber um esquema oculto, e muitas vezes subjetivo, imperceptível ao olhar comum. Neste esquema, a valorização das experiências e das vivências se tornam secundárias, cedendo lugar para as tradições das ciências fixas e mensuráveis. Neste sentido, Adorno discorre fazendo uma análise das provas aplicadas no concurso de docência em ciências nas escolas superiores do Estado de Hessen na Alemanha.

O destaque dessa análise parece ser a necessidade de entender a profissão do docente em filosofia e sua responsabilidade em relação à formação de intelectuais na Alemanha, enquanto professor em escolas superiores, se são intelectuais ou meros profissionais.

O que se pode notar é o despreparo dos alunos para o concurso, pois a maioria está ligada a antigas tradições mnemônicas de regras e conceitos. Para fazer filosofia é necessário compreender o que se faz, vivenciar e experimentar, por isso Adorno diz que a forma como são feitas as provas contam apenas o quanto o candidato sabe em relação a conceitos. Para Adorno, a prova oral faz muito mais sentido, pois nesta se reconhece melhor as possibilidades do candidato.

Adorno diz que os resultados fixos nada têm a ver com a formação cultural, pois o fato de ser fixo denota paralisia de pensamento e são as tentativas de mudanças pautadas na autocrítica que permitem a emancipação:

“É justamente esta tentativa e não um resultado fixo que constitui a formação cultural (bildung) que os candidatos devem adquirir, e, gostaria de acrescentar, também aquilo que o exame exige em termos de filosofia; que os futuros professores tenham uma luz quanto ao que eles próprios fazem, em vez de se manterem desprovidos de conceitos em relação à sua atividade. As limitações objetivas que, bem sei, se abatem sobre muitos, não são invariáveis. A auto-reflexão e o esforço crítico são dotados por isso de uma possibilidade real, a qual seria precisamente o contrário daquela dedicação férrea pela qual a maioria se decidiu. Esta contraria a formação cultural e a filosofia, na medida em que de antemão é definida pela apropriação de algo previamente existente e válido, em que faltam o sujeito, o formando ele próprio, seu juízo, sua experiência, o substrato da liberdade”^[03].

Uma das grandes preocupações com esses exames é a separação entre o objeto de apresentação filosófica e o sujeito que o apresenta. Pois deveria fazer parte da identidade do mesmo, em consideração profissional e a

responsabilidade, pois esta separação é, na verdade, um infindável aumento da auto-alienação.

“Pois o que perturba nesses exames é a ruptura entre aquilo que constitui objeto de elaboração e apresentação filosófica e os sujeitos vivos. A ocupação com a filosofia deveria promover a identidade de seu interesse verdadeiro com o estudo profissional que elegeram, mas na verdade apenas aumenta a auto-alienação. Esta possivelmente se avoluma ainda mais na medida em que a filosofia é percebida como um peso morto que dificulta a aquisição de conhecimentos úteis, seja na preparação das disciplinas principais, prejudicando o progresso nessa área, seja na aquisição de conhecimentos profissionais”^[03].

A filosofia submetida ao exame traz em si própria a contradição e a conversão contrária de seus próprios objetivos, pois ao invés de conduzir seus seguidores, apenas demonstra o fracasso de sua formação cultural. Este tipo de exame é sustentado e fundamentado no conceito de ciência.

A exigência cada vez maior da ciência que verifica, comprova, mensura e prevê faz com que os indivíduos pensem estarem salvos sob as regras e normas dessa ciência heterônoma. Isso faz com que a reflexão filosófica seja substituída pela aprovação da ciência, tornando a consciência cada vez mais coisificada em detrimento da experiência viva.

“Atualmente a ciência se converteu para seus adeptos em uma nova forma de heteronomia, de um modo que chega a provocar arrepios. As pessoas acreditam estar salvas quando se orientam conforme regras científicas, obedecem a um ritual científico, se cercam de ciência. A aprovação científica converte-se em substituto da reflexão intelectual do factual, de que a ciência deveria se constituir. A couraça oculta a ferida. A consciência coisificada coloca a ciência como procedimento em si própria e a experiência viva”^[03].

O espírito encontra-se hoje numa situação talvez mais difícil, porém, isso não impede que se faça uma auto-reflexão do porque da escolha da profissão intelectual e que esta obrigação não deve ser menos importante do que aquela regulada pela necessidade da prova (ciência positivista). Isso significa não nos conformarmos com a realidade na qual nos encontramos, mas enfrentá-la, permitindo que a filosofia cumpra seu real papel de emancipação integral do homem.

Dessa forma, cabe uma pergunta que não se cala – Educação, para quê? Esta é a pergunta que iniciou um diálogo de Becker com Adorno, ressaltando, ao que tudo indica, que ela já não é tão clara e sua resposta muito menos, pois como responder a algo que parece não mais existir?!

“No instante em que indagamos: “Educação para-quê?”, onde este “para-quê” não é mais compreensível por si mesmo, ingenuamente presente, tudo se torna inseguro e requer reflexões complicadas. E, sobretudo, uma vez perdido este “para-quê”, ele não pode ser simplesmente restituído por um ato de vontade, erigindo um objetivo educacional a partir do seu exterior”^[04].

A educação, cujo objetivo tem validade (modelos ideais) não pode ser considerada a melhor, mas pode ser um ponto de partida para entendermos a definitiva perda da inocência.

Os modelos ideais dos quais se servem a sociedade atual parecem não atender às necessidades de uma educação que resgate a inocência, pois seu caráter heterônomo e autoritário é imposto a partir do exterior, com modelos pré-estabelecidos.

“Em relação a esta questão gostaria apenas de atentar a um momento específico no conceito de modelo ideal, o da heteronomia, o momento autoritário, o que é imposto a partir do exterior. Nele existe algo de usurpatório. É de se perguntar de onde alguém se considera no direito de decidir a respeito da orientação da educação dos outros. As condições --- provenientes do mesmo plano de linguagem e de pensamento ou de não-pensamento --- em geral também correspondem a este modo de pensar. Encontra-se em contradição com a idéia de um homem autônomo, emancipado, conforme a formulação definitiva de Kant na exigência de que os homens tenham que se libertar de sua auto-inculpável menoridade”^[05].

Adorno define a educação enquanto produção de uma consciência verdadeira, na qual se priorize a importância política e sua efetiva ação; assim culminaria em uma democracia com o dever de operar sobre seu conceito possibilitando às pessoas se emanciparem, pois “uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado”.

“Numa democracia, quem defende ideais contrários à emancipação, e, portanto, contrários à decisão consciente independente de cada pessoa em particular, é um antidemocrata, até mesmo se as idéias que correspondem a seus desígnios são difundidas no plano formal da democracia. As tendências de apresentação de ideais exteriores que não se originam a partir da própria consciência emancipada, ou melhor, que se legitimam frente a essa consciência, permanecem sendo coletivista-reacionárias. Elas apontam para uma esfera a que deveríamos nos opor não só exteriormente pela política, mas também em outros planos muito mais profundos”^[06].

É necessário também atentarmos para o conceito de “homem emancipado”, que tem de ser observado de perto, pois de nada adiantaria entendê-lo teoricamente se não existisse na prática, precisa ser inserido no pensamento, mas também na vida prática.

Atualmente a separação entre teoria e prática se mostra consolidada de maneira muito infeliz na história da cultura, assim é necessário derrubar obstáculos e remover barreiras para que a educação possa ter em suas bases uma relação efetiva entre a teoria e a prática.

O convívio perturbado entre teoria e prática, muitas vezes apresenta uma relação direta com a inaptidão em realizar experiências, pois os homens se colocam justamente entre si e os estereótipos da camada a qual precisa se opor.

“Essas pessoas odeiam o que é diferenciado, o que não é moldado, porque são excluídos do mesmo e porque, se o aceitassem, isto dificultaria sua “orientação existencial”, como diria Karl Jaspers. Por isso, rangendo dentes, elas como que escolhem contra si mesmas aquilo que não é propriamente sua vontade. A constituição da aptidão à experiência consistiria essencialmente na conscientização e, desta forma, na dissolução desses mecanismos de repressão e dessas formações reativas que deformam nas próprias pessoas sua aptidão à experiência. Não se trata, portanto, apenas da ausência de formação, mas de hostilidade frente à mesma, do rancor frente àquilo de que são privadas. Este teria de ser dissolvido, conduzindo-se as pessoas àquilo que no íntimo todas desejam” ^[07].

Pode-se dizer que o que caracteriza a consciência é o pensar em relação à realidade, a relação entre as formas, as estruturas do pensamento sujeito e o que não é sujeito também. Este sentido profundo de consciência, de pensar a lógica formal, e da capacidade de viver experiências, nos permite dizer que pensar é viver experiências intelectuais. Dessa forma a educação experienciada é idêntica à *educação emancipada* * e também à educação para a imaginação.

* em “educação emancipada” insere-se o “aprender por intermédio da motivação”, a superação das barreiras classistas e o possível desenvolvimento em direção à emancipação mediante uma motivação do aprendizado baseada numa oferta diversificada ao extremo. ADORNO, Theodor W.. *Educação e Emancipação*, Trad. Wolfgang L. Maar, Editora Paz e Terra, São Paulo-SP, 2003, p. 170.

Em todos os casos a educação precisa trabalhar em direção a ruptura que existe entre a teoria e prática conscientizando-se dessa alienação, e procurando assumi-la como um ideal a ser atingido. Para tanto, pode-se fazer da experiencição uma arma para preservar a individualidade dentro da sociedade administrada.

Por outro lado, mesmo sabendo desta necessidade de preservação, encontramos uma sociedade barbarizada, subsidiada por um tipo de educação alienada de seus primórdios, por uma pedagogia da concorrência, com ênfase em dogmas e conceitos pré-fixados pela sociedade hegemônica.

A desbarbarização tornou-se a coisa mais urgente a que a educação deve se preocupar, porém é necessário saber o que esta pode fazer para poder transformar a atual situação. É necessário alguma coisa que permita um combate decisivo contra a barbárie.

Diria que muito mais do que preocupar-se com o perigo da barbárie, é necessário tentar incessantemente superá-la e isso é uma questão de sobrevivência da humanidade. Todo este desespero parece óbvio, pois todos aparentemente são contra a barbárie, porém na prática educacional da sociedade esta obviedade parece desaparecer, pois as exigências sociais, os dogmas impostos, as repressões e proibições são os panos de fundo desta "educação", que parece assumir o papel de "civilizadora". Neste sentido, a observação de Freud é absolutamente válida quando diz que "esses momentos repressivos da cultura produzem e reproduzem a barbárie nas pessoas submetidas a essa cultura".

Pode-se dizer que barbárie consiste em atos impensados, não refletidos, resultados de personalidades deformadas. É muito complicado trabalhar com esta questão, pois o que temos atualmente é uma pedagogia que colabora com a produção dessas mentes deformadas, como é o caso das competições entre

jovens, reconhecidamente como princípio pedagógico saudável, mas que apresenta elementos de educação para a barbárie.

"...uma proposição básica da pedagogia recorrente na Alemanha, a de a competição entre as crianças deve ser prestigiada. Aparentemente aprende-se latim tão bem assim por causa da vontade de saber latim melhor do que o colega na carteira à nossa direita ou à nossa esquerda. A competição entre indivíduos e entre grupos, conscientemente promovida por muitos professores e em muitas escolas, é considerada no mundo inteiro e em sistemas políticos bem diversos como um princípio pedagógico particularmente saudável. Sou inclinado a afirmar (...) que a competição, principalmente quando não balizada em formas muito flexíveis e que acabem rapidamente, representa em si um elemento de educação para a barbárie" [08].

Freud já alertava para o problema da civilização cultural, pois através dessa as pessoas experimentam fracassos e sofrimentos que por sua vez acabam retornando como atitudes agressivas em relação a própria cultura, portanto ao próprio indivíduo. Além desse fenômeno de fatores subjetivos ainda permanece uma razão objetiva da barbárie que Adorno chamou de falência da cultura:

"A cultura, que conforme sua própria natureza promete tantas coisas, não cumpriu a sua promessa. Ela dividiu os homens. A divisão mais importante é aquela entre trabalho físico e intelectual. Deste modo ela subtraiu aos homens a confiança em si e na própria cultura. E como costuma acontecer nas coisas humanas, a consequência disto foi que a raiva dos homens não se dirigiu contra o não-cumprimento da situação pacífica que se encontra propriamente no conceito de cultura. Em vez disto, a raiva se voltou contra a própria promessa ela mesma, expressando-se na forma fatal de que essa promessa não deveria existir" [09].

Pode-se dizer que o processo de desbarbarização poderia começar com a diminuição da agressão, desde a mais tenra infância, pois é importante que a

educação supere o tabu acerca da diferenciação, da intelectualização, da espiritualidade, que vigora em nome de crianças saudáveis e espontâneas de modo a conseguir tornar essas crianças capazes de sentir aquela importante "vergonha" contra a prática de atos bárbaros, podendo, desta forma, evitar a barbárie.

Considerando esta sociedade administrada, logo, também a educação administrada, a escola que tem, ou deveria ter, a função de disseminar esta educação de forma emancipatória, permitindo ao aluno a possibilidade de se libertar das amarras que o prendem na malha da irreflexão, surge uma proposta de educação destinada ao povo brasileiro, prescrita por Paulo Freire ^[10], que tenta quebrar esta formalidade da escola, pois como já dizia Adorno, o distanciamento da realidade é necessário para a reflexão crítica. Porém, este formalismo no qual se apresenta a escola pode fazer com que estes percam de vistas a realidade lá fora, prejudicando o maior objetivo da escola, a função de propiciar condições para seus alunos de transformar a sua realidade.

Neste sentido, a proposta pedagógica de Paulo Freire ^[10] caminha no intuito de criar condições para que o indivíduo marginalizado, por meio de participação nos centros de cultura deixe de ser objeto e passe a ser sujeito que escreve a história e a transforma. Este propósito, além de apresentar um método de alfabetização com finalidades de libertação do oprimido, tem a preocupação em criar condições facilitadoras capazes de permitirem que o indivíduo marginalizado e oprimido tome consciência de sua situação enquanto tal, quais são seus papéis e como poderiam trabalhar para a transformação dessa situação. É fundamental, para a reivindicação e luta por melhores condições de vida, o reconhecimento dos direitos e o dever que se tem em relação à ciência e a tecnologia que são patrimônio da humanidade e não privilégio de grupos e classes dominantes.

Paulo Freire ^[10], em suas pesquisas, constata um fenômeno que ele chamou de “hospedagem do opressor e de sombra”; esta se caracteriza pela constatação que os oprimidos são indivíduos que vivem situações ambíguas, quando introjetam prescrições dos opressores e sem perceber hospedam-nos dentro de si e ao mesmo tempo continuam sendo oprimidos. Paulo Freire ^[10] constata este fenômeno quando observa a vontade e os desejos que os oprimidos demonstram de ser os novos opressores, ao invés de lutarem para ser livres e de se libertar de seus opressores.

Estas prescrições são introjetadas de tal forma que, muitas vezes elas impedem qualquer forma de denúncia da barbárie, gerando grande receio, que Paulo Freire ^[10] definiu como medo da liberdade. Este conceito parece decorrer do medo de si mesmo, de ser livre; tal brutalidade parece obstaculizar qualquer organização e reivindicação que possam surgir. Porém, esta brutalidade que as mazelas da sociedade administrada produzem nas consciências se agrava mais ainda quando da formação danificada que a escolarização provoca, e ainda mais com o advento da *indústria cultural* *, que vende a promessa de cultura no ato de consumir seus produtos, entre eles muitas escolas. Na verdade o que ela dissemina é a semicultura, segundo Adorno.

O conceito de semicultura significa que a apropriação cultural se apresenta de forma distorcida, deturpada, quando da produção desta como produto mercadológico vinculado às padronizações da indústria em detrimento da emancipação e da objetivação das reflexões críticas. Este conceito parece ser o mais adequado para definir este atual processo educacional, no qual a

* a “*indústria cultural*” pode ser entendida como organizações (rádio, jornal, televisão, por exemplo) cuja produção estejam voltadas para a exploração comercial de bens culturais. PALANCA, Nelson. *Modernidade, Educação & Barbárie, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 1998, p. 24.*

instrumentalização da produção simbólica sobrepõe a dimensão emancipatória da própria racionalidade.

Observa-se, portanto, que o indivíduo semiculto é representativo desse tempo, no qual a memorização e a história parecem não existir. Nestes domínios da Indústria Cultural a lógica do equivalente se espalha não só nos processos de produção e reprodução, mas nas esferas da educação e da cultura.

Nas décadas de 60 e 70 consolidam-se as regras de produtos simbólicos no Brasil. Nesta época, a indústria cultural tem um papel predominante no sentido de promover a integração (adaptação) e o conformismo social, principalmente na mídia e nas telecomunicações.

Nas escolas os alunos são levados a uma competição com a falsa promessa de serem o “melhor” e terem seus nomes estampados nos murais das escolas, assim “consomem” avidamente diversas revistas e produtos culturais vindos da Europa e Estados Unidos; são estes os primeiros passos para a construção do indivíduo semi-aculturado.

Esta corrida alucinante atrás do que se chamou de “atraso educacional” apresentava no seu pano de fundo um enorme mercado de consumo, no qual só chegaria à vitória quem consumisse, ao contrário do perdedor humilhado. Também esta alucinante corrida faz com que o indivíduo não encontre tempo para realmente pensar e refletir sobre sua própria condição de objeto em relação à Indústria Cultural.

Atualmente podemos dizer que a teoria de Paulo Freire ^[10] deve ser repensada dado o contexto atual de avanço tecnológico, o avanço da mídia, as telecomunicações e dos mais diversos instrumentos e produtos da semicultura que a Indústria Cultural nas últimas três décadas tem construído.

Alfabetizar-se, assim como o fez o educador, significa livrar o oprimido e o opressor. Hoje é difícil ver apenas por este prisma, pois a produção da semicultura tende a uniformizar todas as possíveis diferenças, porque o mercado de produtos “culturais” atinge todas as camadas sociais. Portanto, mesmo aqueles que são alfabetizados dificilmente conseguem escapar da lógica desse processo ameaçador da cultura consumista.

Para Adorno a concepção de educação tem como objetivo principal a realização da práxis educacional num sentido emancipatório. Observa-se também uma defesa radical na recuperação da dimensão emancipatória da formação em tempos difíceis, nos quais as bases fundamentais para a formação cultural, que é a continuidade e a temporalidade, se encontram quase paralisadas por conta da velocidade de consumo de produtos culturais exigidos pela indústria cultural. A continuidade é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois a presença dos conteúdos em todo o processo é essencial.

Dessa forma, a intenção não é absolutizar nem o concreto nem o simbólico, mas analisar com rigor científico as raízes das relações que se estabelecem entre ambos. Essas análises entre teoria e prática podem ser observadas no âmbito educacional, tal como Adorno observou. O conceito de educação para a consciência possui uma ambigüidade que se expressa no doloroso processo de formação da autoconsciência envolvendo os dois momentos, um de adaptação e outro de inadequação, relação esta que consiste no cerne da educação emancipatória e também da experiência formativa.

Em relação à adaptação, esta não pode se dar imediatamente, pois a experiência formativa exige um momento de distanciamento (inadequação) em relação ao fenômeno educativo, para depois de analisado e refletido dar-se

seqüência ao processo de formação. Caso contrário esta adaptação não seria mais do que “pessoas bem ajustadas”. Portanto, o que importa é analisar o processo formativo que entremeia as duas categorias, pois é nesse processo que reside os mecanismos de emancipação capaz de permitir a reflexão da realidade.

Apesar da bela reflexão asseverada por Adorno ao destacar o cerne da educação emancipatória, é necessário compreendermos que o novo elemento que vem permeando a educação formativa, a indústria cultural, se fortalece cada vez mais, principalmente na escola formal subsidiada pelas forças políticas e econômicas.

A expansão da escolarização da educação teve seu grande momento (no Brasil) exatamente na época de expansão do sistema capitalista nas décadas de 60 e 70, juntamente com o tecnicismo, o avanço da mídia e das tecnologias, sempre a serviço desse mesmo sistema.

Neste solavanco do capitalismo começa a aparecer com maior força um novo fenômeno, a indústria cultural, que serviu, juntamente com seu componente intrínseco, a mídia, aos grandes interesses políticos e sociais no sentido de convencer a população quanto aos interesses da elite brasileira e internacional, utilizando principalmente o jornal, o rádio, a TV e o cinema.

Para a efetivação desses interesses a escola foi o grande instrumento de controle dos punhos de ferro que governavam supremos, mas também era o espaço mais perigoso para o regime ditatorial, pois era o local mais quente de manifestações contrárias àquela situação. Considerando que a escola tem como uma de suas funções a divulgação da cultura e a formação do homem para o trabalho e para a vida, nas condições apresentadas acima na maioria das

vezes ela demonstrou-se desempenhando uma função contrária, principalmente com o advento da indústria cultural.

Para compreender a relação entre a indústria cultural e sua ação na sociedade administrada e, conseqüentemente na escola (educação), é necessário, antes de qualquer coisa, observar a concepção de Adorno no que diz respeito ao que o conceito de indústria cultural apresenta de mais profundo. Esta parte essencial refere-se à ambigüidade dos dois termos: Indústria e Cultura; porém, ao mesmo tempo em que são distintos, não conseguem se realizar completamente.

A indústria cultural se assemelha à indústria manufatureira no momento em que reproduz objetos tidos como culturais (por ex., o filme) de forma industrial, seguindo os mesmos padrões de produção da indústria de mercadorias (por ex., Ford, Wolkswagem, etc.). Contudo, ela não se reduz ao termo indústria, pois o tipo de mercadoria produzida não se refere apenas ao processo de produção, mas à marca particular que cada objeto carrega em si (um traço que o distingue dos demais). Este fato se apresenta como superioridade da cultura em relação à indústria, porém, ele se desfaz quando depara-se com a lógica da universalização da mercadoria que faz com que esses traços particulares tornem-se adquiríveis por qualquer um que possa “comprar” aquela mercadoria.

Dessa forma, o que parecia em princípio particular e individual se torna vendável, deixando de ser individual, conseqüentemente construindo uma pseudo-individualidade, como também danificando a experiência de cada indivíduo. Portanto, se a educação também faz parte da cultura e tem como maior veículo a escola, logo esta poderá produzir os mesmos pseudos-indivíduos, criando um círculo de danificação na educação.

As conseqüências do avanço da indústria cultural parecem não ter barreiras, pois além do plano objetivo e cultural ela avança sobre o plano subjetivo do homem, fazendo com que este se sensibilize em relação ao objeto em detrimento de si próprio.

As conseqüências da fetichização das mercadorias no plano subjetivo parecem ser tão fortes a ponto da sensibilização em relação aos objetos apresentarem uma supremacia em detrimento do próprio indivíduo. Neste caldo cultural, por exemplo, pode-se avaliar o amor de uma pessoa por outra segundo o valor (mercadológico) que o presente oferecido apresentar em datas como: dia dos namorados, aniversário ou simplesmente num ato de afetividade.

Observa-se nesta sociedade capitalista que o indivíduo está tão coisificado pelo fetiche da mercadoria que parece perder sua capacidade de projeção de libido a outro indivíduo, libido este que se direciona a algum objeto (mercadoria) perdendo-se a capacidade de se relacionar libidinalmente com o outro.

A indústria cultural apresenta-se ao indivíduo como símbolo máximo da expressão de liberdade, porém esta aparência subordina-se à integração de uma sociedade administrada, de padronização das atividades intelectuais e de trabalho que repudiam a reflexão. Neste sentido, pode-se dizer que o pseudo-indivíduo pensa que está se apropriando de sua subjetividade quando exerce uma atividade de lazer, porém o que ocorre é a mesma lógica que este indivíduo exerce no seu ambiente de trabalho, em relação à educação escolarizada; o indivíduo pensa estar se formando, mas muitas vezes está se deformando, pois acaba sendo moldado segundo as necessidades do sistema, reproduzindo o que Adorno chamou de semiconhecimento, Türcke da mentalidade do *ticket*, do conhecimento coisificado.

A supremacia da indústria cultural reforça as condições sociais que propiciam um caldo cultural de práticas fascistas, como exemplo pode-se perceber o riso da piada racista, nas escolas, nas ruas, no trabalho; a violência dos trotes universitários e a defesa destes atos pautada na justificativa de integração e brincadeiras, muitas vezes pela própria instituição de ensino.

Percebe-se também este processo na identificação do pseudo-indivíduo com o astro de cinema, por exemplo. Esta identificação se torna clara quando explicita a felicidade suprema na tela do cinema. Assim o indivíduo confessa sua própria infelicidade, fato sempre negado no seu cotidiano. Nesse processo há também uma satisfação de poder explicitar sua miséria como também se identificar com os demais que se encontram na mesma condição.

Contudo, a escola ainda é o melhor instrumento de luta contra esta “erva daninha” que se dissemina assustadoramente em todos os setores da sociedade; porém, considerando que a realidade é contraditória, existem fissuras que permitem a crítica das promessas que não foram cumpridas pela indústria cultural. O problema é que dificilmente o indivíduo, mergulhado na sociedade administrada, tendo uma formação danificada, uma educação escolarizada que o afoga cada vez mais, dispõe de condições necessárias de reflexão crítica, pois o mesmo vive sob os ditames da indústria cultural que reforça cada vez mais a desvinculação entre pensamento e questionamento da realidade.

Partindo das considerações feitas anteriormente e da relação intrínseca que a escola tem com a educação, a Teoria Crítica vem apresentando uma tentativa de resgate da formação do homem, pois as verdades acabadas do marxismo ortodoxo não parecem dar conta do atual contexto, tendo em vista novos fenômenos produzidos pelo avanço do capitalismo, que até então estava engatinhando.

De forma nenhuma se descarta as contribuições do marxismo, mas ele deve ser visto de forma crítica, reflexiva e histórica, afinal esta é a máxima do materialismo-histórico dialético. É preciso resgatar, nas contradições da barbárie capitalista, a idéia de uma humanidade sem *status* e sem exploração, ricamente presente na categoria formação cultural.

Os intelectuais (profissionais, individuais ou coletivos da auto-reflexão crítica) são os contribuidores primeiros no processo de “desbarbarização”. Contudo, a denúncia da onipresença dos irracionalismos por si só não é suficiente para a transformação da realidade, ainda que ela não deixa de ter sua relevância fundamental para a luta em direção `a emancipação. Nesta perspectiva, Adorno mostra que a teoria se torna força prática e transformadora.

Nesta tentativa de resgate, o filósofo alemão Kant deu sua enorme contribuição quando tratou da questão do esclarecimento do indivíduo, pois este é fundamental no trabalho de resgate da razão humana, que por sua vez é força capaz de libertar o homem dos grilhões da irracionalidade social na qual se encontra.

Kant coloca no indivíduo a responsabilidade de se libertar, é por isso que ele (indivíduo) precisa “ousar saber”, ter coragem e fazer uso de sua própria razão, pois os preceitos e fórmulas da educação escolarizada, fruto da sociedade administrada, contribuí grandemente para a perpetuação do homem na minoridade.

Este esclarecimento da razão não é um método mecânico de revolução, é um lento processo histórico e individual, mas para isso o homem tem que ser livre de qualquer fenômeno que o impeça de exercer a sua individualidade, assim qualquer homem pode falar por si próprio, esclarecer, discordar, falar para si e para o mundo.

A tarefa de preservar o poder crítico na sociedade administrada é muito difícil, porém este tem sido o grande esforço que os frankfurtianos (pensadores da Teoria Crítica) têm feito de interpretar e transformar esta sociedade dentro de uma dimensão dialética na sua vertente negativa, pois, para alguma coisa ser alguma coisa, ela precisa vir a ser o que não é, isto é, buscar além dos fatos, descortinar a realidade dada, clarear a ignorância, combater a barbárie, a manipulação ideológica, afirmar a autonomia do homem e sua individualidade.

Para a Teoria Crítica, a indústria cultural tem sido o elemento mais sensível de controle social e de liquidação dos bens culturais da humanidade, pois ela se mascara para poder engolir o homem no seu sentido objetivo de produção material, como também sua subjetividade, transformando o sujeito em objeto, e ao mesmo tempo transformando o objeto em sujeito efetivamente ativo, isto é a coisificação do homem.

Todavia, se a teoria crítica trabalha penteando a história a contrapelo, isto é, considerando a contraditoriedade da realidade histórica, percebe-se que ela se torna um instrumento de resistência ao irracionalismo, à barbárie, à semicultura, por meio da razão, cultura, educação/formação, da arte, individual ou coletivamente, tenta resgatar a consciência de que somos sujeitos da história e não objetos dela.

Na questão específica da função educativa do refletir, Adorno afirma que a educação só teria pleno sentido como educação para auto-reflexão crítica. Educação/formação cultural pela auto-reflexão crítica significa para ele a busca da autonomia, da autodeterminação kantiana, do homem enquanto sábio fazendo uso público de sua razão, superando os limites da liberdade trazidos pela barbárie, pela semicultura. Dessa forma, a educação para o esclarecimento traz grandes contribuições, no sentido de modificar as atitudes dos que praticam a barbárie;

porém, por si só ela não pode evitar o aparecimento dos ideólogos da barbárie, por mais abrangentes que fossem seus esclarecimentos.

Um elemento essencial na proposta da Teoria Crítica é o resgate da cultura enquanto força política, que atua como elemento poderoso no processo de dominação; outro é a luta constante por meio da escola com sua função de reeducação (desbarbarização) como: restabelecer as condições de autonomia, de consciência e de liberdade do indivíduo, do sujeito, do ambiente social.

Nesta luta pela desbarbarização, é de extrema importância o reconhecimento do caráter manipulativo dos líderes que se caracterizam como um tipo de consciente coisificado, que se equiparam de certa forma às coisas, e acabam igualando os outros com essas; a fetichização da tecnologia, a incapacidade de amar, a frieza das relações sociais; a possibilidade de deslocamento do preconceito: ontem contra os judeus, hoje contra os idosos, amanhã contra os alunos e assim por diante.

Ainda temos a contribuição da hermenêutica histórica, que tem uma função fundamental de levantar as cinzas do passado, resgatando a história das mazelas deste, dando uma contribuição necessária para se perceber que a barbárie sobrevive fortemente; e dos intelectuais coletivos, por sua profissão, não só por meio da educação escolar, mas pelas mais diversas formas de atividades formativas, têm papel fundamental nas análises e reflexões acerca das experiências acumuladas pela história.

Ao longo deste capítulo, percebe-se que a escola sempre foi um grande instrumento de criação e manutenção de ideologias, tanto para dominar quanto para esclarecer. Sua expressão de dominação vem pelo engessamento tecnicista, pelo sistema capitalista de exploração dos indivíduos e pelo autoritarismo.

Por aí ela se apresenta como instrumento de inculcação de preconceitos e ideologias dominantes, não faz parte da vida cotidiana do aluno, apresenta-se a este como um “mundo estranho” fora de sua realidade, conseqüentemente produz uma formação danificada, que forma pseudos-indivíduos. Já no sentido kantiano, a escola se apresenta como educadora e emancipatória, esclarecedora, produtora de homens pensantes, críticos e reflexivos. Contudo, como vivemos numa sociedade hegemonicamente capitalista, quem acaba ditando as regras é a ideologia dominante. É neste sentido que a Teoria Crítica se apresenta como possibilidade de resgate do humano, dando condições para a realização da emancipação do indivíduo, mesmo sabendo que é uma briga difícil, mas necessária, até mesmo pela própria sobrevivência humana. Apesar das dificuldades e das enormes barreiras a escola ainda é a melhor maneira de lutar contra o *status quo*, contra esta realidade posta pela dominação.

Dessa forma, é necessário que esta tarefa de desvelamento da realidade histórica seja contínua e rigorosa, assim temos (como educadores) de nos responsabilizar pela luta travada em sala de aula ou no cotidiano, pela libertação do homem, por meio de sua formação sólida e emancipatória; como já dizia Kant, devemos “ousar saber”, para podermos ensinar.

Talvez seja esta a grande reflexão que tentamos fazer acerca do conceito de educação em Adorno e sua crítica em relação à mesma, para então podermos entender a concepção de autoridade e autoritarismo pedagógico que perpassa nossa educação, em especial a formação dos alunos do Curso de Pedagogia da UFSCar. Para tanto, nos valeremos dos conceitos de autoridade e autoritarismo a partir de diferentes visões, como também a presença destes na forma pedagógica de aprendizagem e principalmente na relação professor/ aluno.

No capítulo II tentaremos vislumbrar esta concepção de forma histórica desde a fundação da Universidade (UFSCar) seguindo o fio condutor histórico/político do Departamento de Educação, seus fundadores, professores, seus alunos e o fruto do ensino/aprendizagem colhido nos anos de 1996 a 2000.

II – AUTORIDADE E AUTORITARISMO

II.1 – Autoridade

A autoridade é, de um modo geral, concebida como capacidade inata ou adquirida com manifestações grupais e individuais, expressa em símbolos que exercem domínios sobre indivíduos ou grupos que os aceitam voluntariamente. Também pode ser chamada de poder legítimo por representar o núcleo moral das manifestações materiais do poder, pois é esta que cria o laço de mando e obediência das relações, implicando muitas sanções e obrigações.

‘O conceito de autoridade pode ser visto das mais variadas formas, desde um simples dicionário (Ciências Sociais) aos mais resignados ensinamentos do Torá. Falemos sobre alguns deles:

Autoridade, em seu mais amplo sentido, significa uma superioridade de qualquer espécie: superioridade da ciência (no caso do saber), de vontade (homens que nasceram para guiar), de credibilidade, cargo de ministro (padres, mestres, Estado, igreja), o da pura força (o mais forte, o tirano). Em seu sentido estrito, autoridade significa o direito de mandar, de decidir, de guiar e de obrigar. A este direito correspondem os subordinados, com dever de obedecer, de submeter-se à vontade de um superior e desejar, portanto, que sua liberdade seja de acordo com quem está mandando. Esta autoridade pode se efetivar por todos os meios pelos quais o homem puder exercer sua ação sobre outro homem: por coação externa (prisão), castigo, temor, veneração, amor e convencimento interior. Porém, só a

autoridade moral consciente mostra-se fundamentada no direito. A autoridade produz, ou deve produzir, sobre aquele que a detém sentimento superior em relação a ela mesma (consciência de sua posição e responsabilidade), e nos subordinados o sentimento de obediência à autoridade, ou seja, compreensão do significado desta e submissão para cumprir suas ordens.

Este conceito ^[11] surgiu em Roma durante a República, abrangendo as relações primárias legais, e representava muito mais uma espécie de atitude do que um conceito genérico. Neste conceito a Igreja fez novos adendos, transportando-o para contextos que a interessava, reformulando-o, de modo que ele servisse para montar o grande aparato político institucional eclesiástico, combinando religião, instituição, Igreja e governo.

Desde esta época até o século XVI a Igreja reinou dominante. Contudo, neste último, houve uma tentativa de restauração das idéias iniciais, o que ficou conhecido como Reforma. Porém, com o passar do tempo, com a transformação social, econômica e política o conceito de autoridade entrou em processo de separação entre a matriz religiosa e a política.

Este processo ocorreu entre os séculos XVI até fins do século XIX, período em que surgiam novas idéias, principalmente as liberais, que tentavam combater o autoritarismo em que autoridade havia se transformado ao longo desses séculos, pois este havia se transformado em lei natural, desvinculando-se de qualquer princípio moral e ético.

A autoridade então passou a ter sua origem nos meios políticos, sendo considerada essencial veículo de conciliação racional entre as instituições conflitantes e a unidade dos Estados. Ela se tornou a criação voluntária do homem com objetivos estritamente políticos, proporcionando ao poder coercitivo dos chefes

de Estado a possibilidade de transcender esse poder. Maquiavél consumou a disjunção dos dois princípios, o da moral cristã e da política, justificando os meios pelos fins.

Contudo, a necessidade de justificar o nosso poder só aparece após a Reforma Protestante, na qual se fundamentaram as teorias do liberalismo que por sua vez pregavam a iluminação interna da criatura humana. Esta preconização incitou a exploração das relações de autoridade, razão e liberdade, que contém em seu bojo tanto a idéia de submissão social à minoria, como também da vontade geral (J.J. Rousseau) ^[11].

Muitos sociólogos fizeram dessa tradição intelectual base para elaboração de idéias que vinham ao encontro do momento pelo qual atravessava a sociedade, uma época em que tudo passava pelo prisma industrial e a coerção parecia parte essencial das relações sociais.

Neste sentido Émile Durkheim (1893) ^[11] associava a autoridade a um tipo repressivo de sociedade que anunciava-se em declínio, ao passo que a igualdade apresentava um lado mais progressista e orgânico. Dessa forma o autor parece dizer que a consciência coletiva a respeito da autoridade que pregava a velha sociedade deveria, aos poucos, ceder espaço para as novas concepções progressivas da sociedade moderna.

Max Weber (1864-1920) ^[11] distinguiu autoridade do poder, pois para ele o poder vem de forma vertical, ou seja, qualquer possibilidade de impor seus interesses a qualquer relação social de forma coercitiva, não pode ser autoridade, pois esta última implica na probabilidade de se obter obediência, de um grupo ou de um só indivíduo, por meio de três formas diferentes: do tipo carismático, tradicional e legal ou burocrático.

O tipo *Racional* seria aquele que obedece às ordens objetivas, estabelecidas por determinadas sociedades dentro da legalidade e dos círculos de competência de cada cargo; o *Tradicional* obedece àquele que é o senhor, por tradição vinculado ao seu subalterno, seja por piedade ou por costumes; no caso *Carismático*, pode ser classificado como aquele que goza de confiança, revelação, heroísmo ou é um exemplo no meio onde vive.

V. Pareto concebe a autoridade como instrumento de persuasão, domínio e manutenção da classe hegemônica sobre uma maioria subordinada politicamente:

“Essa elite era simplesmente a camada mais alta da sociedade, cujos dotes a mantinham no poder, e que desempenhava as funções do governo, perpetuando-se pela força. A circulação das elites, por outro lado seria uma demonstração da supremacia da capacidade política sobre a classificação social, i.e., a ascensão ao poder dos bem-dotados politicamente fosse qual fosse sua origem social, que tendia a apagar as linhas divisórias entre o político e o social, em favor de uma dominação puramente política”^[11].

Nos anos 50 e 60 uma nova linha de pesquisa se despontava no Instituto de pesquisa social de Frankfurt, a chamada Escola de Frankfurt, fundada em 1924.

A análise desta nova linha de pesquisa tentava compreender, principalmente nesta época, que se caracterizou pela ascensão do nazismo na Alemanha, de que forma tantos cidadãos aderiram a esta barbárie. A partir desta análise percebeu-se que a característica mutável da autoridade permitiu que ela se transformasse em autoritarismo, subjacente às atitudes aparentemente antitotalitárias da era burguesa, moderna e liberal.

Uma outra análise, mais profunda, revelou que a família era a base desta autoridade, e que ela se constituía na matriz da personalidade autoritária, que escamoteava a verdadeira autoridade familiar. Horkheimer em sua obra “Autoridade e família” dizia que:

“O papel desempenhado por esse novo tipo de família nuclear será essencialmente contraditório. Por outro lado, é nela que a criança abandona o seu estado de “asselvajamento” e interioriza toda uma série de comportamentos autoritários. Positiva, por um lado, como primeiro momento de socialização, a família está, na maior parte das vezes, condenada a tornar-se irremediavelmente o local onde a reificação da autoridade, a glorificação da autoridade paterna, a fixação dos papéis masculinos e femininos atingem seu clímax, constituindo assim o ponto de partida para a “Familiarização”, para a aceitação da relação de autoridade em geral” ^[12].

Estas idéias levaram o grupo a perceber que existia um vácuo na autoridade social pelo qual se controlava o poder e os preenchiam com instrumentos políticos de dominação.

II.1.1 – Autoridade Pedagógica

Na simples conceituação de um dicionário social ^[11], como se viu, percebemos as mais variadas formas de autoridade segundo sua aplicação e nos mais variados contextos. Como parâmetro de análise consideraremos como autoridade pedagógica a ação exercida pelo professor em relação aos seus alunos. Neste sentido, pode-se dizer que ela está pautada na idéia de que o professor tem um saber que é superior com relação aos alunos.

Segundo Michel Lobrot ^[13] em sua obra “a favor ou contra a Autoridade” (1977) a pessoa que desejava a autoridade tem originalmente carências graves na formação da personalidade. Isso poderia ser um medo interno em relação ao outro, por isso ela aparece puramente como autodefesa nas relações humanas, incluindo as relações professor/aluno.

Segundo este autor, as experiências traumáticas parecem ser a base da autoridade. Depois vem a angústia, a generalização e depois as superdefesas, sendo que esta última se apresenta no sentido de redução das angústias.

Portanto, a autoridade parece estar ligada às superdefesas, estas que são acionadas quando a integridade intelectual se sente ameaçada, seja por alunos ou companheiros de docência, que questionam as verdades absolutas de alguns professores que se acham mergulhados no sistema nocivo do compromisso com o êxito, que parece fazer parte das experiências traumáticas de vivências educacionais de outrora. Neste sentido Lobrot ^[13] diz:

“A única coisa que permanece verdadeira e que podemos admitir é que as provas, mesmo muito duras, podem fazer progredir um sujeito bem estruturado positivamente e já sólido, obrigando-o a encontrar novas soluções e novas formas de adaptação, Elas são, ao contrário, extremamente perigosas para seres não ainda construídos, por exemplo, para seres jovens. A escola da dureza é para eles a pior escola e a que produz as perturbações que temos diariamente diante dos olhos como delinqüência, neuroses, psicoses, violências, etc.”.

Do ponto de vista da educação, parece que o professor tenta por meio de seus saberes, exercer a autoridade (o poder), visto que é ele quem aprova, ou seja, dá a última palavra. Portanto, aquele aluno que não concordar com suas idéias correrá sérios riscos de não ser aprovado em sua disciplina, que, aliás, o próprio nome já menciona o poder da autoridade, pois é por meio de provas, testes,

dissertações etc., que ele vai medir o conhecimento do seu aluno, logo seu parâmetro será o seu próprio conhecimento, fazendo valer dessa forma a sua autoridade.

Contudo, na sua expressão mais elaborada, a autoridade se dá não por meio de imposições, mas por meio de convencimento interno, seja este por fundamentação de seus saberes, por afinidades, por amor ou qualquer outro sentimento que possa não ser autoritário.

II.2 – Autoritarismo

Segundo S. Andreski ^[11] existem formas distintas de autoritarismo: no sentido psicológico, no qual percebe-se uma combinação de obediência a uma hierarquia, de servilismo, bajulação com os mais fortes ou para com aqueles que se acham sobre seu poder; uma outra forma é de conduzir a administração confiando ordens, ameaças, punições e apresentando verdadeira aversão aos caminhos democráticos reflexivos; finalmente aquela que denota uma ideologia conivente com procedimentos autoritários, exaltando este modelo, bem como este caráter.

Contudo, existe uma enorme dificuldade para se avaliar o grau do autoritarismo, pois na maioria das vezes este se encontra revestido de inúmeras variantes que podem definir um mesmo fato como sendo autoritário visto por um ângulo e o mesmo fato visto por outro como não sendo autoritário; por exemplo, os feudos enquanto entidades eram muito autoritários, ao passo que a hierarquia feudal não o era inteiramente.

Assim, torna-se impossível classificar de forma concreta o autoritarismo. Porém, dentro de uma linha específica permeada por inúmeras variantes, como a educação, pode-se perceber de certa forma que alguns tipos de vivências pedagógicas autoritárias têm por princípio a ausência do diálogo – o conhecimento é imposto exclusivamente através do professor, que possui o poder institucional por conta de suas aquisições e seus saberes adquirido.

Dentro desta postura, o detentor do conhecimento – o professor – que então disciplina, avalia e detém a última palavra, pode avaliar o aluno de forma positiva se este concordar com a referência atribuída ao conhecimento pelo professor e também apresentar atitudes que não contestem seus ensinamentos, pois isso poderia acarretar resultados negativos nas avaliações feitas em relação aos discentes. Neste sentido Furlani ^[14] diz que:

“É provável que essa forma de transmitir o conhecimento e de exigir a memorização e repetição de fórmulas, datas e definições façam o professor acreditar que alguns alunos aprenderam, já que foram “bem” nas provas e avaliações. Porém, esta aprendizagem não é duradoura quando os alunos não adquirem métodos de pensamento, capacidades e habilidades para poderem se utilizar, autônoma e criativamente, dos conhecimentos transmitidos. Ou quando o planejamento das aulas não tem propósitos claros de ligação entre as capacidades que estão sendo desenvolvidas (através dos conteúdos e problemas daquela matéria de estudo) e as características do aluno concreto (o seu nível de conhecimentos da matéria, sua experiência, preparo, desenvolvimento mental e sociocultural”.

Pode-se observar que nesta vivência as características deste perfil docente são consideradas como suficientes para provar a competência deste profissional, como se não houvesse nenhuma conexão entre o professor e sua prática docente, desempenhada para que ocorra uma boa aprendizagem, com

valorização efetiva dos conteúdos desenvolvidos. Neste sentido, estes modelos podem denotar uma alta desigualdade, culminando no autoritarismo pedagógico.

Este autoritarismo também pode ocorrer de duas formas, segundo Furlani ^[13]: o autoritário explícito e o oculto. O primeiro está presente no exercício do poder pelo qual o professor deixa claro que quem manda ali é ele e a função do aluno é apenas obedecer, pois são eles (professores) quem detêm o poder de decisão, independentemente do grau de maturidade e conhecimento do aluno, pois eles estão pautados na ordem hierárquica da instituição, isentos das críticas e revisões de seus desempenhos profissionais.

Já o autoritário oculto sempre se esconde por trás dos poderes preestabelecidos da instituição, se defende diante das críticas dizendo ser uma imposição impessoal, que essas ou aquelas atitudes não ocorrem por culpa deles, mas estão cumprindo ordens, dando a impressão de que as decisões vêm de cima para baixo. Neste vai e vem fica caracterizada a desordem, na qual não se sabe quem manda e nem quem obedece, deixando o aluno à deriva, e principalmente escamoteando o conflito necessário ao crescimento intelectual de ambos. Segundo Furlani ^[14]:

“A independência e a liberdade podem ser valorizadas no nível do discurso, mas aparecem ao lado da dependência e do pensamento convergente do aluno. Como os limites não são claros, ao sentir suas necessidades bloqueadas, o professor pode jogar toda responsabilidade no sistema, nos determinantes sócio-econômicos, e seu discurso torna-se impessoal, visando esconder o conflito”.

Como se pode perceber, as duas concepções são autoritárias, apenas sua forma de apresentação aos olhos dos educandos é que as diferenciam. Isso não

significa que uma exclui a outra, possivelmente elas pertençam a portadores de formações e a contextos de formações diferenciados, uns mais claros outros mais nebulosos, mas essencialmente autoritários.

Considerando que o aluno se situa na posição de aprendiz, como também de um sujeito que comete ações segundo seu conhecimento – este em última instância ligado ao professor – carregará no bojo de sua formação as atitudes e os exemplos recebidos do mestre, portanto estes modelos autoritários poderão fazer parte de seu entendimento do processo pedagógico, pois segundo *Aquino* ^[15], em seu livro “Confrontos em sala de aula: uma leitura institucional da relação professor/aluno” o aluno é quase sempre o reflexo do professor:

“...a indisciplina parece ser uma resposta ao abandono ou à habilidade das funções docentes em sala de aula, porque é só a partir de seu papel evidenciado concretamente na ação em sala de aula que eles podem ter clareza quanto ao seu próprio papel, complementar ao de professor. Afinal, as atitudes de nossos alunos são um pouco da imagem de nossas próprias atitudes. Não é verdade que de certa forma, nossos alunos espelham, pelo menos em parte, um pouco em nós”.

Partindo deste princípio, estes exemplos parecem desembocar em uma reprodução negativa de formação docente, com tendência a se perpetuar, se não houver uma reflexão crítica, como também uma atitude efetiva no sentido de se reconhecer a problemática às quais a profissão docente está permeada.

Neste sentido é necessário compreender como nascem as universidades, em especial a UFSCar, o que acontecia neste período de gestação, o parto e o engatinhar desta “Educadora” que acaba sendo a responsável pela formação dos seus representantes no âmbito educacional, pois é dela que vão surgir os professores que formarão crianças, adultos e depois novos profissionais da

educação. Este movimento dialético parece ser a chave dos fundamentos básicos de compreensão dos rumos que a instituição – Universidade – parece percorrer nos dias de hoje.

III – A UNIVERSIDADE ENQUANTO INSTITUIÇÃO UNIVERSITÁRIA

Para se ter uma compreensão mais profunda em relação ao processo pedagógico/educativo brasileiro seria necessário gastar páginas e mais páginas apenas para falar de forma genérica, quanto mais de forma específica, tal qual tenta-se fazer, pois nosso principal recorte é o processo pedagógico nas suas dimensões da autoridade e do autoritarismo, no período da criação da UFSCar, pois ela nasce nos anos mais conturbados da nossa história.

Dessa forma, tentaremos neste recorte relatar rapidamente um dos períodos mais importantes na história da educação brasileira – “A guerra fria” e a ditadura militar - uma época em que o pensamento tecnocrático vinculado ao autoritarismo militar e as pressões ideológicas internacionais, dominaram até os anos 80.

Com o fim da segunda guerra mundial, que culminou na avassaladora destruição atômica em Nagasaki e Hiroshima pelos norte americano, criou-se uma polarização ideológica no planeta o que se convencionou a chamar de guerra fria, na qual o Ocidente (liberal) e Oriente (comunista) pareciam dois touros na arena prontos a se chocar com seus principais representantes: de um lado os Estados Unidos e de outro a União Soviética.

Neste contexto, no Brasil, o que se via era uma eclosão de movimentos populares como: os camponeses; os estudantes; o método Paulo Freire ^[10] de alfabetização; etc. Dessa forma, o país parecia se dividir (ideologicamente) em dois blocos: os “entreguistas”, que defendiam um capitalismo transnacional com abertura

para os grandes blocos hegemônicos e por outro lado o bloco "Populista", que defendia um capitalismo, estritamente nacional, com capital nacional para não dependerem de países externos.

Diante desta movimentação, as forças militares do bloco conservador dão o golpe de Estado em 64. Inicia-se o regime militar.

Assim, como todos os setores públicos a educação torna-se um dos principais alvos, pois de acordo com as exigências internacionais, impressas pelo avanço do capital estrangeiro, o Brasil precisaria de um número maior de mão-de-obra qualificada. O Ministério Educação e Cultura (MEC), nessa perspectiva, faz acordos com os Estados Unidos para enviarem "colaboradores" para reestruturar e organizar o sistema brasileiro de ensino (famoso acordo do MEC com a United States Agency for International Development-USAID). Dessa forma se formaria a mão-de-obra necessária para a expansão do Capitalismo internacional, dando uma aquecida na economia brasileira, que até então era praticamente agrícola. Começa a abertura ao capital estrangeiro.

Daí em diante o Brasil faz diversos acordos de cooperação com os Estados Unidos da América; pelo menos um acordo por ano era implantado no Brasil. O mais importante, em termos educacionais, talvez seja a Reforma Universitária de 1968, na qual muda-se toda a estrutura da Universidade brasileira, passando-se da cátedra para a estrutura departamental (segundo o modelo Americano), com o intuito de "enxugar" os cofres da União. Assim, inicia-se a implantação da pós-graduação (Mestrado e Doutorado).

Num contexto ideológico de influência mundial não se falava mais em defesa nacional e sim em segurança nacional. Com a expressão "defesa nacional" subentende-se que o "inimigo" está lá fora (no exterior). Com a guerra e as

possibilidades do comunismo, os termos mudam de defesa para “segurança nacional”, ideologia usada como justificativa para atos bárbaros, como as cassações, torturas e repressões das idéias críticas contrárias àquele governo.

Neste período a educação foi alavancada no sentido de se criar várias universidades pelo país afora, com o intuito de promover o desenvolvimento científico e de alta tecnologia (principalmente a bélica). A indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão era o fundamento básico exigido na Reforma Universitária de 1968.

Com este incentivo, começou-se uma corrida assustadora aos ensinos médio e superior. Como a estrutura de ensino que existia não estava preparada para atender tal procura, quem acabou lucrando com isso foi a iniciativa privada, que teve um aumento gigantesco, abrindo escolas (de ensino fundamental e médio) e faculdades (cursos superiores) por todo o canto do Brasil. Porém, a “diversificação”, como era chamada pela legislação da Reforma Universitária de 1968, eram escolas isoladas e não atendiam o básico da Universidade, que tinha como princípio a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. A diversificação, em geral, era apenas de ensino e muitas vezes de qualidade duvidosa.

Em 1985 a Diversificação foi reconhecida como oficial, porém não legal e para manter certa diferença entre estas escolas superiores e as Universidades de tradição, ou seja, com ensino, pesquisa e extensão das universidades de “consumo” aquelas que trabalhavam apenas o ensino. Este fato criou uma crise nas universidades que acabou forçando o governo a retirar o Grupo Executivo para a Reformulação da Educação Superior - GERES (criado pelo governo, que tinha como finalidade distinguir as Universidades; as que têm “tradição de pesquisa” e as outras Universidades de “Consumo”).

Em 1997 a “diversificação” apoiada pelo decreto lei 2207/97 passa a ser legal tendo o mesmo valor que as outras.

Até hoje a Universidade mantém as estruturas departamentais filhas da ditadura, do pensamento autoritário, técnico, disciplinar e nos moldes Americanos.

Percebe-se neste breve resumo da história da educação brasileira que os processos pedagógicos sempre tiveram um caráter político autoritário. Isso não significa que não houve correntes contrárias a esta situação; muito pelo contrário, foi um período de grandes lutas, muita resistência e mártires anônimos que dedicaram suas próprias vidas em nome da liberdade coletiva.

É importante ressaltar que é neste período que surge o nascimento e a implantação da UFSCar (1968-1978). Logo é de fundamental importância que saibamos o que acontecia no Brasil e no mundo nesta época, como também as forças que reinavam no meio político e educacional.

Se fôssemos enumerar as diversas idas e vindas, os avanços e recuos dessas lutas gastaríamos muitas páginas. Como este tema tem volumosos trabalhos a respeito, não cabe neste momento descrevê-las, porém é relevante destacarmos pelo menos os três tipos de processos educativos que reinaram neste período, segundo Reinaldo Matias Fleuri, no seu livro “Educar para quê?”^[16]: A educação autoritária, a Liberal e a Libertadora.

III.1 – Educação Autoritária

Este tipo de educação é basicamente aquela em que o professor aparece como o dono do saber, sua “autoridade” é inquestionável, pois existe um

consenso de que este é portador da verdade e da bondade ^[16]. Neste caso o docente é visto como certo e bom para todos, logo o que resta aos subordinados (alunos) é cumprir e obedecer às ordens para que tudo ocorra sem problemas e sem riscos à sua futura “formação”.

Neste processo, o aluno não passa de mero executor das determinações de seus superiores se percebendo na história como objeto de ação de uma educação alheia, alienada e alienante se tornando um local inócuo no qual se deposita os saberes externos.

Neste sentido os objetivos deste tipo de educação parecem convergir para a formação de indivíduos adaptados ao *status quo* vigente para que não tenham um olhar crítico e reflexivo de sua própria situação. As estratégias usadas neste tipo de educação aparecem na concepção pedagógica do docente que de modo geral reproduz a sua própria formação,

“Há uma estratégia mais brutal através da qual se impõe um tipo de relação autoritária, castigando-se os que recusam e premiando-se os que a aceitam passivamente. Na escola atual, os castigos físicos estão caindo de moda! (talvez não se possa afirmar isso com tanta certeza, quando, na realidade, o aluno é obrigado a ficar diariamente quatro horas sentado numa carteira, sem poder falar, nem se mover). Em todo caso, a chamada, as provas, as notas estão em pleno vigor e são poderosos meios de controle do pensamento e da atividade dos alunos nas mãos dos professores” ^[16].

Estes são apenas alguns instrumentos que poderiam ser usados pelo professor, pois ainda pode-se dissimular este autoritarismo, permitindo muitas vezes que os alunos possam Ter a falsa idéia de que estão sendo ouvidos e sendo respeitados nas suas opiniões sobre determinados conteúdos, porém, após exaustivo debate a opinião do “dono do saber” é que vai prevalecer.

Em relação ao conteúdo do ensino, este se apresenta como mera repetição das idéias dos “grandes gênios” da humanidade via professor, pois se ele quiser ser considerado um “bom” professor terá de ler e seguir esta cartilha. Para o aluno que resistir a este tipo de educação fica bem claro que *“quem não repete o que o professor diz repete de ano”*, segundo Fleuri ^[16]:

“A eficiência em repetir teorias (geralmente alienadas e alienígenas) aparece como o critério fundamental de avaliação do processo educativo. Deste modo, a avaliação atua como o mecanismo que realimenta um processo não criativo, de monótona repetição. Trata-se apenas de repetir o que os outros falaram, escreveram ou fizeram. Quem se submete a isso, recebe, como recompensa, a nota que lhe vai garantir o diploma desejado como meio para conseguir melhor posição na escala social”.

Dessa forma percebe-se que este tipo de educação se torna não só a manutenção da ordem vigente como também impede que o futuro se transforme, pois o que poderia ser uma ação reflexiva se torna um empecilho para o desenvolvimento de novas idéias de resistência e de não conformidade desta sociedade que obriga seus filhos a submeter-se passivamente a quem os explora.

III.2 – Educação Liberal

Neste segundo tipo de educação o professor percebe o aluno como autodidata, capaz de “educar a si mesmo”. Neste processo o aluno é quem decide o que quer estudar, como vai fazer, ou seja, a metodologia, que recursos poderá usar para determinadas aprendizagens.

Segundo Libanêo ^[16] o aluno cria uma lei para ele mesmo, com autonomia para decidir qual será seu comportamento e seu destino, logo ele será dono de sua própria autoridade.

Neste sentido, esta proposta parece ter como principal objetivo o incentivo a processos autônomos de desenvolvimento individual do aluno, isso poderia acarretar uma concorrência que o levaria de forma automática ao progresso da sociedade. Para tanto cada um deveria se esforçar ao máximo para conseguir galgar os melhores lugares na sociedade, pois se toda oportunidade e toda decisão está em suas mãos, qualquer desvio deste caminho será de inteira responsabilidade do próprio indivíduo.

Quanto às estratégias de desenvolvimento deveria ser a “livre-expressão” e a “livre-iniciativa”, utilizando-se de modelos estimulativos, enfatizando a livre ação e vontade com incentivos de reconhecimento nos saberes adquiridos por si só. Dessa forma, o aluno desenvolveria aquilo que achasse pertinente ao seu progresso, levantando hipóteses e buscando respostas para aquilo que se propusesse a aprender. Portanto, acredita-se que com esta proposta poderia brotar do aluno as verdades sem que os meios pelos quais aprenderam pudessem causar algum tipo de trauma que pudesse dificultar seu progresso.

As avaliações seriam de forma que o próprio aluno avaliasse seu desempenho, tendo em vista que ele próprio escolheu e dirigiu todo o processo de aprendizagem; em última instância o aluno seria juiz de suas ações e seus pensamentos.

Percebe-se que este tipo de educação, apesar de sua aparente inovação em relação à autoritária, tem como base fundamental a característica burguesa, pois se considerarmos “que eles podem fazer o que querem, quando

querem e como quiserem” só poderá servir a um contingente mínimo, pois só aqueles que vivem no ócio e possuem condições necessárias para a efetivação desta proposta poderiam usufruir deste tipo de educação.

Considerando que é uma minoria que goza destes privilégios, pois quem tem que trabalhar mais de dez horas por dia para poder comer, beber, vestir-se etc. não poderia usufruir desta proposta; em última instância ela serve apenas para a perpetuação e manutenção dos que estão no poder, no exercício de domínio e exploração da maioria.

Neste sentido, Beatriz Costa ^[16] diz o seguinte:

“Numa sociedade de classes, quem determina as regras do jogo de poder é a classe dominante. Assim sendo, o tipo de relações de poder mais generalizado nas práticas sociais é aquele capaz de garantir e perpetuar o poder da classe dominante, ou seja, é aquele capaz de garantir a continuidade do sistema social. Por exemplo, podemos observar que um sistema baseado na exploração do trabalho só subsiste garantindo por um tipo de relações de poder onde a classe que explora o trabalho é que tem o poder de decidir, tomar a iniciativa e controlar a execução das coisas; à classe explorada cabe apenas executar o que lhe é determinado. Este é o tipo de poder capaz de garantir e reforçar o sistema onde uma classe explora o trabalho da outra. Por isso ele está presente na imensa maioria das práticas sociais: podemos observar que, em quase todas elas, existem os que pensam e decidem as coisas a partir de seus interesses, e os que as executam”.

Observa-se então que as relações entre o primeiro tipo de educação – a autoritária - e o segundo, a liberal, parecem convergir para o mesmo ponto, tanto uma como a outra caminha nos moldes de exploração e manutenção das classes dominantes, as diferenças aparecem apenas no seu modo de apresentação, sendo a primeira explícita e a segunda mais sutil.

III.3 – Educação Libertadora

A terceira modalidade de educação é aquela nascida no seio do povo, nos braços fortes e mentes brilhantes que ofuscavam os “anos de chumbo”. Suas principais características eram as incessantes lutas contra o domínio e segregação social das classes dominantes, o desenvolvimento dos processos educativos próprios da minoria, relativo ao seu contexto, de forma reflexiva e prática.

Contrárias às modalidades anteriores, a “educação popular” tem como principal sujeito o coletivo, portanto as decisões de maior importância sempre são resolvidas no âmbito da coletividade e participação de todo os atores sociais numa tentativa de construir juntos o futuro, fazendo do presente um laboratório de experiências fundamentados nas lutas de outrora e das ações do momento.

Segundo Fleuri ^[16],

“As lutas do movimento popular visam, em última instância, à mudança estrutural da sociedade, de modo a se superarem as relações de exploração e de dominação e a se criarem estruturas sociais justas e democráticas. Neste contexto, o objetivo básico dos processos educativos deve ser, coerentemente, o de fomentar a compreensão crítica da realidade e a ação participativa para transformá-la em função das necessidades de todos”.

Nesta perspectiva, a estratégia educacional deve ser permeada essencialmente pelo diálogo e participação coletiva, considerando o conflito como principal meio de desenvolvimento e amadurecimento das idéias progressivas, ou seja, é por meio das diferentes idéias relativas à realidade vivida que se criam possibilidades e instrumentos de lutas contra o poder dominante e explorador.

Este tipo de participação favorece o amadurecimento, pois permite que as idéias conflitantes gerem uma discussão que por sua vez deve gerar uma reação, esta já refletida e devolvida à sociedade como fruto das possibilidades de mudanças positivas, que vão fundamentar o crescimento e a construção de novos alicerces para uma nova prática. Nos dizeres de Fleuri ^[16]:

“O diálogo e a participação das pessoas ocorrem a partir e em função dos problemas que se enfrentam em conjunto. Os problemas que emergem da vida e da prática social se tornam, portanto, o objeto principal do conhecimento, o conteúdo próprio da prática educacional libertadora. Na busca de compreender e resolver os problemas que surgem da própria prática, as pessoas discutem, trocam opiniões e experiências, buscam informações e elaboram novos conhecimentos. O diálogo sobre os problemas vividos se torna, pois, a base principal da aprendizagem e de elaboração teórica que se faz de maneiras estritamente ligada à prática”.

Se pudéssemos resumir as diferenças entre estas práticas, perceberíamos que os modelos de educação liberal e a autoritária tem como essência o autoritarismo, como também seus pressupostos parecem caminhar no sentido da manutenção do domínio e da exploração, bases fundamentais do sistema econômico vigente.

A educação libertadora faz uma contraposição a esses modelos, pois possui elementos básicos radicalmente diferentes dos outros citados, apresenta uma contribuição para o desenvolvimento crítico, participativo como também reflexivo da realidade, possibilitando organizações populares para enfrentamento e lutas por melhores condições de vida, permitindo que o indivíduo possa exercer seu papel de sujeito histórico transformando a realidade.

III.4 – O Autoritarismo nas Universidades

Como percebemos pelas trajetórias que fizemos nos principais anos de nossa história educacional o autoritarismo enquanto conceito geral e também pedagógico permeou todo o processo educacional do qual falamos, desde as pressões da guerra fria, o golpe militar, a ditadura, enfim os “anos de chumbo”, sempre foi uma constante na sociedade brasileira.

Neste sentido, pode-se dizer que possivelmente esta marca autoritária esteja ligada não só a esses momentos políticos que afetam o Estado dos quais descrevemos, mas parece ter sua gênese na própria criação de nossa sociedade, segundo Marilena Chauí^[17]:

“Porque temos o hábito de supor que o autoritarismo é um fenômeno político que, periodicamente afeta o Estado, tendemos a não perceber que é a sociedade brasileira e que dela provêm as diversas manifestações do autoritarismo político”.

Considerando as idéias de Chauí^[17] em sua obra “Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária”, pode-se verificar que todos nós somos frutos desse autoritarismo, afinal todos nós fazemos parte dessa sociedade, salvo as diferenças existentes, em algum momento de nossa existência fomos autoritários.

Como nosso recorte é apenas o processo pedagógico/educacional, tragamos então estas idéias para o surgimento das Universidades brasileiras. Anteriormente já comentamos, em termos históricos, a reforma universitária de 68 que passou do sistema de cátedras para os modelos importados (para não dizer

impostos) dos Estados Unidos como sistemas departamentais demonstrando a influência autoritária que estes exerciam e que ainda exercem sobre o Brasil.

É neste clima de repressão militar, imposição estrangeira e autoritária que surge a Universidade Federal de São Carlos, como também é neste período que se cria o Curso de Pedagogia nesta instituição.

Neste período houve uma enorme corrida à busca de títulos universitários, pois o sistema dominante assim o exigia, era necessária para suprir a mão de obra qualificada que até então não se dava tanta importância, pois nas décadas anteriores o país ainda era predominantemente agrícola, não exigindo maiores conhecimentos específicos.

Ser professor nesta época representava também um *status*, quem possuía título universitário era chamado de “doutor”, ressaltando aquela velha gênese histórica de nossa sociedade, onde os trabalhos manuais eram vistos como de “segunda classe”, e o trabalho intelectual era exaltado independente de sua efetiva contribuição para o desenvolvimento do país.

Neste sentido, Chauí^[17] diz:

“... por estar determinada, em sua gênese histórica, pela “cultura senhorial” e estamental que preza a fidalguia e o privilégio e que usa o consumo de luxo como instrumento de demarcação da distância social entre as classes, nossa sociedade tem o fascínio pelos signos de prestígio e de poder, como se depreende do uso de títulos honoríficos sem qualquer relação com a possível pertinência de sua atribuição (o caso mais corrente sendo o uso de “doutor” quando, na relação social, o outro se sente ou é visto como superior e “doutor” é o substituto imaginário para antigos títulos de nobreza)...”.

Dessa forma pode-se perceber que essa corrida à procura de qualificação exigida pelo sistema tem seu mérito, mas, por outro lado, nota-se que

existe uma tentativa de substituição e aquisição do poder por meio de títulos, relembrando as origens fundamentais de nossa sociedade.

Estas relações, a princípio, nada parecem dizer a respeito do questionamento da autoridade e autoritarismo nas relações professor/aluno desta pesquisa, porém se considerarmos a época em que foi criada a UFSCar, o Curso de Pedagogia, o contexto no qual estavam inseridos, algumas questões se fazem necessárias: Quem eram esses fundadores? Qual era sua formação e posição ideológica? Quem eram esses alunos?

Considerando o tema estudado e as questões pertinentes a este, é necessário situarmos a UFSCar e o Curso de Pedagogia quanto à sua criação e seu contexto histórico. Para tanto nos valeremos da análise de Valdemar Sguissardi ^[18] no seu livro “Universidade, fundação e autoritarismo: o caso da UFSCar”.

A criação da UFSCar, como nos mostra o livro citado, aponta para uma violenta luta política ideológica travada no período militar, que inicialmente resulta na criação de uma fundação que seria controlada pelo poder central (militares) e que mais tarde, depois de muita luta por parte dos docentes, população e funcionários, veio a se tornar uma universidade autônoma.

Partindo desses primórdios, vê-se a implantação dos primeiros cursos dentre os quais: o de Engenharia de Materiais, no mês de março de 1970, e o de licenciatura em Pedagogia, no mês de setembro do mesmo ano, e que começa a funcionar em janeiro de 1971.

A coordenação (responsável pela organização do curso) do Curso de Pedagogia neste período era Nelly Olleoti Maia que participou ativamente na organização dos cursos na FUFSCar e também do acordo MEC/USAID. Logo após a fundação destes, Nelly fez um estágio nos EUA para aperfeiçoamento em

estratégias, deixando o cargo de coordenadora três anos depois, pois havia sido “convidada” pelo então presidente da república, Médici, para cursar a ESG (escola superior de guerra) na qual se especializaria nas *funções de direção e planejamento da segurança nacional*.

Um pouco mais tarde a coordenadora do atual CECH, em 1975, dava consultoria ao Projeto Telensino do Exército, estendendo esta atividade por um ano.

Como se pode notar, a UFSCar, e em especial o Curso de Pedagogia, foram fundados sob um regime autoritário desde seus primórdios; claro que isso não significa dizer que a universidade continua autoritária, de lá para cá muitas coisas mudaram, porém ainda restam as cinzas deste tipo de educação, que parece passar de professor para aluno e assim sucessivamente.

Partindo dessas análises e das entrevistas feitas com ex-alunos, que hoje são professores e com os atuais alunos, todos pertencentes ao mesmo departamento, surge um questionamento a respeito dos conceitos de autoridade e autoritarismo; estes que aparecem constantemente nas entrevistas realizadas nesta instituição educacional.

Estas questões se fazem necessárias, pois suas respostas é que poderão nos mostrar o caminho de formação dos profissionais que temos atualmente no Curso de Pedagogia, para ai então tentar compreender como é que se entende os conceitos de autoridade e autoritarismo nas relações professor/aluno desta Instituição, especificamente neste curso.

É necessário salientar que esta preocupação nasceu de parte de resultados de uma pesquisa realizada em 2000 no Curso de Pedagogia a respeito dos trotes Universitários, nos quais, em uma das atividades, a chamada “aula-trote”, os relatos de “construção” do pseudoprofessor para representar este papel,

demonstraram certa aversão aos professores segundo as representações dos alunos, pois os critérios para esta escolha eram de professores autoritários, ranzinzas e muitas vezes com requintes de sadismo.

Neste sentido, vale lembrarmos como foi detectado este processo psicossocial de sadomasoquismo que envolveu as relações de professores e alunos, como também as representações destes últimos em relação aos primeiros. Esta amostragem foi retirada do Curso de Física da Universidade Federal de São Carlos

III.4.1 – Breve Histórico dos Trotes

Se considerarmos os trotes como ritual de iniciação (aquele pelo qual o iniciante tem de passar por provas dolorosas, vexatórias e humilhantes para poder fazer parte de um determinado patamar hierárquico de valores ou poder) podemos dizer que estes existem desde os primórdios da história da humanidade, pois os rituais de iniciação sempre existiram para marcar ou distinguir valores sociais e a hierarquia dos clãs desde as primeiras civilizações. Estes rituais sempre foram marcados pelo ato de sofrimento pelo qual o iniciante tinha que passar para provar que estava apto para exercer tal posição perante o resto do grupo.

Em relação aos trotes universitários ou de ensino superior especificamente, podemos dizer que estes surgiram basicamente com a história da educação Medieval, pois se trata de um fenômeno específico das instituições de ensino superior.

Desde a idade média, quando surgiram as primeiras universidades na Europa, já existiam estes fenômenos, pois nestas universidades os trotes se

realizavam como cerimônia de “*Purgação*” dos calouros (principalmente quando se tratava dos camponeses) da sua rusticidade e ignorância da qual se originavam. Em documentos raros como “*Manuale Scolarium*”, descrito por Jacques Le Goff ^[19] podemos perceber de que forma se dava esta cerimônia:

“Zomba-se de seu odor de besta-fera, de seu olhar perdido, de suas longas orelhas, de seus dentes parecendo prezas. Extraem-lhes supostos chifres e excrescências. Banham-lhe e limam-lhe os dentes. Em uma paródia da confissão, ele reconhece enfim enormes vícios. (...) Assim o futuro intelectual deixa sua condição original, que se assemelha intensamente a representação do camponês, a do rústico da literatura satírica da época. Da bestialidade à humanidade, da rusticidade à urbanidade: estas são as cerimônias onde o velho fundo primitivo aparece degradado e quase esvaziado de seu conteúdo original, lembrando que o intelectual foi arrancado do clima rural, da civilização agrária, do mundo selvagem da terra”

Neste sentido Vasconcelos ^[20] levanta quatro pontos essenciais em relação à característica do trote:

“O trote é um cerimonial milenar, portanto, entranhado como uma erva parasita no seio da cultura das academias; Segunda; todos os autores confirmam explicitamente em suas narrações e comentários o trote como um rito de iniciação; a terceira: que o trote comum é desde seu início um cerimonial de agressão e violência contra o calouro; a Quarta: confirma a idéia de trote como um rito de passagem às avessas, como prática oposta aos valores humanistas e civis da universidade”.

Contudo este fenômeno vem ao longo da história se reforçando cada vez mais, é certo que os excessos, principalmente os físicos e visíveis, muitas vezes levantam questionamentos a respeito deste tipo de atividade, mas o que vem acontecendo atualmente não é só uma questão física explícita, mas principalmente

psicológica e oculta, mais agressiva que a física, pois demanda um estrago psicológico que muitas vezes dura a vida toda ou, na melhor das hipóteses, leva anos para se desfazer.

No Brasil não foi diferente. Desde a chegada dos primeiros cursos em nível superior, em 1808, no Rio e Bahia, já haviam comentários sobre as tradições do trotes universitários importados da Europa (lugar onde já fazia 300 anos que existiam cursos de ensino superior e universidades), principalmente de Coimbra, da qual provinham muitos alunos que, estudavam na Europa. Clovis Bevilacqua ^[21] descreve esta passagem:

“Antes de se criarem os cursos jurídicos de Olinda e S.Paulo, os nossos patrícios iam à Europa fazer a sua aprendizagem; mas, desde que na pátria havia estabelecimentos, onde pudessem estudar, muitos dos que ali se achavam quiseram aproveitar-se dessa vantagem, sem prejuízo dos exames já concluídos. A esses desejos atendeu a lei de 26 de agosto de 1830: 1º, mandando dispensar dos exames de preparatórios os que os tivessem feito na Universidade de Coimbra, e os que tivessem cartas de bacharéis em letras por escola da França; 2º, admitindo à matrícula nos cursos jurídicos os estudante habilitados a fazer ato na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, desde que fizessem este ato para o qual estavam habilitados e o exame de língua francesa; 3º, considerando bacharéis formados os cidadãos brasileiros habilitados a fazer ato do quinto ano da Faculdade de Direito de Coimbra. As disposições dessa lei compreendiam os estudantes brasileiros que regressassem da Universidade de Coimbra, até à data da sua publicação.”

Este fato logo teve repercussão. O primeiro ano letivo teve como marco (do que se tem de registro) a primeira vítima fatal do trote universitário no Brasil. Desde então este tipo de atrocidade se alastrou fortemente nas mais diferentes universidades e instituições de ensino, como também nas academias das forças armadas, se tornando uma tradição quase necessária e “natural”.

O fato mais recente que temos (fevereiro/1999) é o incidente que ocorreu com o calouro Edson Tsungchi Hsueh do Curso de Medicina da USP (Universidade de São Paulo), umas das mais respeitadas do país, quando, por consequência das atividades das recepções (atividades do trote), veio a falecer, tendo sido encontrado pela segurança do campus boiando na piscina da Associação Atlética do Curso de Medicina Pinheiros (USP).

Esta ocorrência teve repercussão nacional, ocupando muitas páginas nos jornais mais importantes do país, nas revistas e documentários televisivos, mas também levantou grande preocupação no setor educacional, pois afinal como pode-se conceber estas atitudes de pessoas tidas como civilizadas? A maioria “semi-médicos” (no último ano do curso), que até então deveriam salvar vidas, mas que usam de atitudes exatamente contrárias à filosofia da profissão. Que Caldo cultural é este? Que tipo de formação estamos dando aos nossos alunos? Que tipo de educação é essa que produz a “anti-educação”?

Estas são perguntas que tentaremos responder, baseados nas análises feitas no Curso de Física da Universidade Federal de São Carlos, tendo como base os conceitos e pensamentos dos teóricos Theodor W. Adorno, M.Horkheimer, S. Freud, Anna Freud e outros.

III.4.2 – Análise do Curso de Física da UFSCar

Esta análise compreende os dados observados e coletados, no decorrer da semana da calourada/99, época em que todos os alunos regulares têm que fazer sua matrícula. Portanto, é um momento de reunião de todos, tanto

calouros como veteranos e estes últimos marcam presença com intenções previamente determinadas, que é a chamada “hora de pegar os bixos”.

Observando as atividades de integração, percebe-se a presença de uma associação entre sexualidade, sadismo e masoquismo. Os calouros são tratados como se realmente fossem “bichos”, feras selvagens de verdade e que deveriam ser domados para poder fazer parte daquele determinado grupo que supostamente já havia passado para uma “fase civilizada”. Os calouros tiveram suas faces pintadas com a identificação “bixos” para o sexo masculino e “bixete” para o feminino. Alguns com seus cabelos raspados, eram obrigados a andar em fila e agachados pegando a mão um do outro pelo meio das pernas, de forma que as mãos sempre tivessem tocando as genitálias e as faces sempre coladas às nádegas do outro.

O slogan “Química Chupa” é uma constante nas relações de integração, pois a primeira coisa que um “bixo” de Física tem que aprender é odiar os químicos (instruções de alguns veteranos), uma forma de começar é dizendo em coro: “Química!! Chupa!!”. Este Grito de guerra é dado inicialmente por um líder veterano, quando ele grita Química!!, em seguida respondido em coro, os calouros têm que responder Chupa!!.

Pode-se perceber que existe nesse momento de unidade do grupo uma ligação libidinal muito grande que faz com que desapareça as personalidades individuais para dar lugar a uma única e poderosa força como se fosse uma avalanche que com a união dos milhares de flocos formam um só floco gigante com poder de destruir o que passar pela sua frente, sem medos, frustrações; porém, muitas vezes sem discernimento e reflexão, afinal não existe uma pessoa a quem culpar, o procedimento não tem um dono e sim muitos. Neste sentido Le Bon ^[22] diz:

“A peculiaridade mais notável apresentada por um grupo psicológico é a seguinte: sejam quem forem os indivíduos que o compõem, por semelhantes ou dessemelhantes que sejam seu modo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o fato de haverem sido transformados num grupo coloca-os na posse de uma espécie de mente coletiva que os faz sentir, pensar e agir de maneira muito diferente daquela pela qual cada membro dele, tomado individualmente, sentiria, pensaria e agiria, caso se encontrasse em estado de isolamento. Há certas idéias e sentimentos que não surgem ou que não se transformam em atos, exceto no caso de indivíduos que formam um grupo. O grupo psicológico é um ser provisório, formado por elementos heterogêneos que por um momento se combinam, exatamente como as células que constituem um corpo vivo, formam, por sua reunião, um novo ser que apresenta características muito diferentes daquelas possuídas por cada uma das células isoladamente”.

Os grupos psicológicos dos quais estamos tratando (Física e Química) nos aponta para um vasto e longo histórico de rivalidade entre si, talvez pudéssemos dizer que por conta da suas semelhanças, exista tanta rivalidade, pois esta se faz necessário para que se enfatize as pequenas diferenças dos dois grupos para que os mesmos possam manter suas identidades específicas, pois a construção da identidade de um indivíduo é feita por meio da aproximação e distanciamento, pois se me aproximo de um grupo por conta das nossas semelhanças ao mesmo tempo tenho que me afastar para ressaltar nossas diferenças e assim demonstrar as especificidades de cada um.

Este processo muitas vezes decorre das necessidades sociabilizadoras inerentes ao ser humano, porém no caso dos trotes universitários o que se percebe é que no ato da diferenciação reside a agressividade e a violência fundamentada por um processo de desforra imediata da repressão e vexação na qual os calouros passam para poderem fazer parte do seu grupo. Esta exteriorização dos desejos reprimidos contra seu suposto adversário (os químicos) faz com que se tenha uma imediata sensação de prazer, pelo fato de poder estar se vingando e dessa forma

amenizando seu próprio sofrimento. Em relação a este fenômeno Freud desenvolveu um conceito que ele chamou de narcisismo das pequenas diferenças:

“É sempre possível unir um considerado número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade. Em outra ocasião, examinei o fenômeno no qual são precisamente comunidades com territórios adjacentes, e mutuamente também relacionadas também sob outros aspectos, que se empenham em rixas constantes, ridicularizando-se umas às outras, como os espanhóis e os portugueses por exemplo, os alemães do Norte e os alemães do Sul, os ingleses e os escoceses, e assim por diante. Dei a este fenômeno o nome de narcisismo das pequenas diferenças”^[23].

O processo de identificação mimética do veterano em relação ao calouro reforça a fruição dos desejos sadomasoquistas reprimidos pela sociedade, pois no momento do trote ele tem a chance de realizar imediatamente estes desejos tornando-os explícitos (é importante lembrar que a maioria desses têm uma conotação sexual, talvez pelo fato de ainda ser um tabu nas mais diferentes sociedades), após esta realização o desejo tem que ser imediatamente reprimido, pois o veterano tem que mostrar que faz parte de um grupo social no qual é exigido dele um certo tipo de comportamento, é nesse momento que o veterano reprime o calouro com vexações, humilhações, etc., fazendo dessa forma a própria repressão do seu desejo recalcado.

Freud, no seu livro *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, desenvolve a idéia de que o sadismo e masoquismo, ou seja, a tendência ativa ou passiva de infligir dor ao objeto sexual, aparecem nas mais diversas formas de perversão; entre essas podemos dizer que o trote se faz presente, nas diferentes atividades de integração, mas sempre com a mesma conotação. Estas raízes do

sadismo e masoquismo são observadas com facilidade nas pessoas tidas como normais:

“A sexualidade da maioria dos varões exhibe uma mescla de agressão, de inclinação a subjugar, cuja importância biológica talvez resida na necessidade de vencer a resistência do objeto sexual de outra maneira que não mediante o ato de cortejar. Assim, o sadismo corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão sexual, movido por deslocamento para o lugar preponderante...De maneira similar, a designação de “masoquismo” abrange todas as atividades passivas perante a vida sexual e o objeto sexual, a mais das quais parece ser o condicionamento da satisfação ao padecimento de dor física ou anímica advinda do objeto sexual” ^[24].

Neste processo de projeção do desejo os calouros que foram humilhados e muitas vezes rotulados, como “bichas”, “boiolas”, na verdade são invejados pelos veteranos, por muitas vezes possuírem o que os mesmos não têm, por ex.; no caso dos alunos que fazem curso no qual a predominância é feminina, os veteranos de áreas predominantemente masculina, como as áreas de exatas, rotulam estes de forma agressiva e pejorativa, mas ao mesmo tempo inveja-os por terem tantas meninas bonitas por perto (no seu curso), porém esta inveja tem que ser recalcada porque o grupo social ao qual estes pertencem não aprova este tipo de relação, meio este que diz que homem que é homem não faz curso nas áreas de humanas. Um outro exemplo foi o de dois calouros da área de tecnológicas (predominantemente masculina) que recusaram se beijar, após os gritos de ordem de seus veteranos, alegando que eram homens. O que se ouviu em seguida foi que eles deveriam se beijar, pois todos bixos eram boiolas (homossexuais). Este fato nos faz pensar que se todos os bixos são boiolas, outrora o mesmo veterano que gritava também o foi.

Considerando este raciocínio lógico, podemos dizer que existe um possível processo psicossocial de sadomasoquismo, no qual o veterano se identifica com o sofrimento e a humilhação do calouro, mas ao mesmo tempo deixa transparecer ao mesmo que no ano seguinte ele também poderá fazer a mesma coisa, criando dessa forma um processo de reprodução de experiências traumatizantes, violentas, humilhantes e agressivas. Neste sentido Freud mostra que as relações sádicas e masoquistas não existem separadamente, aliás uma sobrevive em função da outra:

“A particularidade mais notável dessa perversão reside, porém, em que suas formas ativa e passiva costumam encontrar se juntas numa mesma pessoa. Quem sente prazer em provocar dor no outro na relação sexual é também capaz de gozar, como prazer, de qualquer dor que possa extrair das relações sexuais. O sádico é sempre ao mesmo tempo um masoquista, ainda que o aspecto ativo ou passivo da perversão possa ter-se desenvolvido nele com maior intensidade e represente sua atividade sexual predominante”^[24].

Segundo este raciocínio, é possível dizer que durante a aplicação desses trotes humilhantes aos calouros, os veteranos desfrutavam de um prazer imediato em função das dores que haviam suportado, sem reclamar, no ano anterior. Este prazer se dá no momento em que os veteranos se identificam de uma forma masoquista com as dores que os calouros acabavam de sofrer.

Partindo das análises das respostas do questionário feito aos calouros e veteranos, das observações feitas em campo e das entrevistas com os mesmos, pode-se dizer que existe, no presente momento, um processo psicossocial de sadomasoquismo de integração dos alunos calouros e veteranos da UFSCar.

Com a conclusão da pesquisa no ano 2001, quando foi realizada novamente a pesquisa com novos alunos, percebeu-se que as análises apontaram para a existência de um processo de reprodução sadomasoquista nas relações de integração entre calouros e veteranos, pois relacionou-se os resultados da pesquisa de 2000 com os resultados das entrevistas de 2001 e estas demonstraram a mesma importância e desejo de reproduzir o mesmo tipo de integração que tiveram, porém com “novos requintes”. Assim, fica confirmado que os calouros de outrora cumpriram seu desejo e efetivou-se os fortes indícios de um processo psicossocial de sadomasoquismo.

Dessa forma, pôde-se perceber o complexo caldo cultural que a sociedade administrada vem mantendo e exigindo do homem cada vez mais, como também sua indiferença com esta situação, pois este se encontra num grau de embrutecimento tal que não consegue enxergar sua própria *coisificação*.

Outro aspecto relevante é a questão das “pequenas diferenças” entre os cursos de Física e Química, que demonstraram uma rivalidade constante, fato que permite que os calouros e veteranos (da Física), por um determinado momento se tornem um grupo só (identificação libidinal), assegurando suas identidades narcísicas para poderem destacar as pequenas diferenças entre os dois cursos (Química e Física). Mais uma vez, vale ressaltar que Freud chamou este fenômeno de narcisismo das pequenas diferenças.

O fato dos calouros do Curso de Física poderem descarregar seus sofrimentos causados pela aplicação dos trotes, quase que ao mesmo tempo em que o receberam, implica na identificação masoquista que mantém com o veterano, que por sua vez também se identifica com a sua passagem pelos trotes no ano anterior, mas ao mesmo tempo exerce seu sadismo sobre o calouro ^[25].

Não podemos negar que atividades de integração, como os trotes, sejam consideradas como processos “educativos”, pois estes são os primeiros contatos entre o chamado ensino médio com o ensino superior; é um processo de transição de graus educativos, dentro de um processo maior que é a educação, porém é um processo “educativo” pautado na chamada educação para a disciplina através da dureza.

É fato que estes atos não param por aí, parecem fazer parte de um constante processo, que envolve calouros, veteranos, professores e universidade.. Contudo, inerente a isto há um fato especial que chama a atenção para as relações professor/aluno, a chamada “aula-trote”. Nessa os alunos parecem fazer suas representações acerca da imagem que eles possuem do professor, quanto à soberba intelectual, a postura autoritária, entre outras características, dando sinais de uma possível deformação cultural e educacional que se reproduz de forma muito veloz.

É conhecido de todos o que é a “aula trote”, porém cabe lembrar que o pseudoprofessor, que é escolhido pela turma para ministrar a aula trote, possui algumas características comuns em qualquer curso da universidade, quer no Curso de Física ou mais especificamente no Curso de Pedagogia da UFSCar. Estas características ou inspirações se dão em relação a algum professor, que se tem ou teve; características como: ranzinza, mal-humorado, falso, carrasco, cara fechada, exigente ao extremo, repressor, bravo, entre outras, são as características mais procuradas no “ator”.

Considerando estas idéias, pode-se perceber que, na verdade, o aluno (falso professor) escolhido é um retrato das representações que os alunos têm de seus professores(as). Desse modo, parece que na representação dos alunos o tipo

de educação que é oferecida vem permeado de uma disciplina pela dureza, tanto entre os alunos, quanto nas relações pedagógicas entre professores e alunos. Parece que existe uma linha oculta (tênue) entre as concepções de autoridade e autoritarismo.

A grande pergunta é: *quando é que o professor passa do exercício de sua autoridade para o autoritarismo? Será que isso acontece? Será que ele não percebe?* E conseqüentemente, dado que é responsável pela formação de seu aluno (em geral serve de modelo para o mesmo), será que este não terá a mesma postura quando estiver exercendo sua profissão?

Longe de responder concretamente estas questões, porém com intuito de contribuir para estas reflexões, tentaremos no terceiro capítulo investigar quais são as concepções que alunos e professores têm sobre os conceitos de autoridade e autoritarismo.

IV – ANÁLISE DA PESQUISA

Neste capítulo faremos uma análise dos dados coletados acerca dos conceitos estudados, bem como das respectivas práticas, para tanto usaremos principalmente as categorias dos teóricos da escola de Frankfurt, entre outros.

Inicialmente elaboramos dez questões para as entrevistas com os alunos (regularmente matriculados no período de 2000 a 2005), e dez para os professores (ex-alunos do Curso de Pedagogia da UFSCar). Nossa amostra contou com a colaboração de cinco alunos de diferentes fases do Curso de Pedagogia (dois do último ano, dois do segundo e um do primeiro) e cinco professores que estudaram nesta instituição nos anos de 1996 a 2000 e que atuam na rede pública e particular.

Para melhor entendimento das análises, fizemos uma separação das questões das entrevistas por categorias, ou seja correlacionadas. Separamos em três blocos: o primeiro sobre as concepções em relação aos conceitos autoridade/autoritarismo; o segundo sobre a relevância das concepções na prática; e o terceiro sobre a influência das concepções nas relações professores/alunos.

Tivemos o cuidado de escolher os entrevistados aleatoriamente, para evitar qualquer tendência e que as respostas fossem induzidas a uma mesma linha de pensamento. Para manter o sigilo de suas identidades, designamos as letras A, B, C, D e E para a denominação dos alunos e; F, G H, I e J para os professores. Assim preservamos estes contribuintes em nome da reflexão necessária a todos nós educadores.

É importante destacar que nas transcrições das entrevistas, foram mantidas as formas coloquiais de um diálogo, pois se tratam de dados de pesquisa que não podem ser desconsiderados, dado o envolvimento emocional que muitos apresentaram segundo os termos que usavam, por exemplo: *“eu grito...eu berro...fiquei humilhada...nada de ruim comigo...ai eu trato com calma..., etc.”*.

IV.1 – Bloco I

Concepções em Relação aos Conceitos Autoridade e Autoritarismo

Neste bloco concentramos as questões de número um, dois e três da relação de perguntas realizadas nas entrevistas (Apêndice), nas concepções de autoridade e autoritarismo pedagógico e suas diferenças.

As questões para os alunos versaram em:

- 1 – Como você define o conceito de autoridade pedagógica? Dê exemplos.
- 2 – E o conceito de autoritarismo pedagógico? Dê exemplo.
- 3 – Quais são as diferenças que podem ser observadas entre autoridade e autoritarismo pedagógico?

As questões para os professores versaram em:

- 1 – De que modo o senhor (a) define o conceito de autoridade pedagógica?
- 2 – E o conceito de autoritarismo pedagógico? Como ele pode ser definido?
- 3 – Quais são as diferenças que podem ser observadas entre os conceitos de autoridade e autoritarismo pedagógicos?

Considerando a riqueza dos dados obtidos nas entrevistas se fez necessário elencar os elementos que mais apareceram nas respostas. Para tanto, foi considerado o número de incidências desses elementos e retratado em termos de porcentagem. É importante ressaltar que o tratamento dos dados seguirá as observações dos alunos e professores, respectivamente. E, ao final do bloco, uma análise sintetizará comparativamente as incidências mais freqüentes.

Neste sentido, os elementos que surgiram com mais freqüência em relação ao conceito/concepção de autoridade perfazem uma porcentagem de 100% das respostas, a saber: a autoridade pressupõe que os professores devam ter objetivos claros e bem definidos. Esta afirmação esteve presente em todas as respostas dadas à primeira questão feita aos alunos

Outro ponto, também relevante, em que 100% dos entrevistados enfatizaram, refere-se à apresentação de um plano de aula claro e bem definido logo no início do semestre. Segundo eles, isso demonstra certa preocupação com os alunos, pressupondo o exercício de sua autoridade.

Um fato significativo ainda observado é que 60% das respostas ressaltaram a importância do respeito que os professores devem ter com seus alunos. Isto ficou bem claro na fala de um dos alunos, que entre outras observações, diz:

“...Outra coisa que percebo muito, é a questão do respeito; o professor só pode exercer esta autoridade...para ter respeito, ele tem que respeitar os alunos...” (aluno C – questão 1).

Ainda com relação à questão um, sobre a autoridade, várias respostas tiveram uma freqüência menor, nem por isso deixaram de ter sua importância neste contexto. Dentre elas, pode se destacar a preocupação que 20% das respostas com relação à: exercício do papel do professor; estabelecimento de limites; confiança;

domínio sobre os conteúdos a serem desenvolvidos e a construção conjunta. Nesta última, fica bem demarcado em uma fala de um dos entrevistados, que diz:

“...Isso é um acordo entre professores e alunos, isso se constrói,...é confiança e isso vai se construindo, esta autoridade pedagógica, ela é construída.” (aluno B – questão 1).

Quanto ao conceito/concepção de autoritarismo pedagógico (segunda questão), os alunos entrevistados foram unânimes (100%) em reconhecer que no autoritarismo não existe diálogo, pois reconhecem nos professores os “donos do saber”. Em 80% das respostas, indicaram a inflexibilidade do professor e a imposição de disciplinas rígidas.

Fatos como: falta de respeito; a inferiorização dos alunos; a não consideração do contexto, no qual o aluno está inserido e a imposição vertical; para 40% das respostas é uma forma de autoritarismo.

O conceito autoritarismo pedagógico ainda aparece, porém com menor frequência, em 20% das respostas, quando na opinião dos alunos, os professores não têm paciência; calma; não têm clareza de objetivos; são inseguros ou extremamente seguros; despreparados e arrogantes.

Podemos observar no tratamento desses dados que os conceitos/concepções sobre a autoridade e autoritarismo parecem caminhar de forma paralela como se fossem uma moeda, hora parece cara, hora parece coroa, no entanto, a terceira questão que reflete as diferentes atitudes que estes conceitos engendram, demonstram o antagonismo desses.

Nas respostas obtidas em relação às diferenças desses conceitos podemos elencar com menor frequência, porém com relevantes subsídios que

demonstram atitudes práticas dos conceitos. No caso da autoridade, a prática pedagógica deve ser permeada por uma relação de empatia entre alunos e professores; é uma prática na qual o aluno pode contar com o mestre na resolução de suas dúvidas e de seu aprendizado; a relação entre os corpos é sincera e verdadeira; a condução da aula é permeada pelo domínio do conteúdo ensinado de forma positiva.

Com uma relevância maior, ainda em relação à autoridade, a prática do respeito e do diálogo, aparece com destaque (60%) nas respostas obtidas, indicando que estes, o respeito e o diálogo, sustentam na prática, a autoridade do professor. É o que demonstra a fala de um dos entrevistados:

“...Agora, a autoridade, implica em respeito, acho que, para mim, a diferença crucial (entre autoridade e autoritarismo - JRL) é, autoridade implica em respeito. Ele é autoridade por isso todos o respeitam, porque ele merece ser respeitado, está se dando o respeito, ele é uma pessoa que merece ser respeitado como autoridade dentro da sala.” (aluno B – questão três).

Ou ainda,

“...Na minha opinião...acho que a base é o diálogo e o respeito...na autoridade pedagógica você só consegue exercer a autoridade a partir do diálogo e do respeito.” (aluno C – questão 3).

Se o respeito e o diálogo parecem ser fundamentais no exercício da autoridade pedagógica do professor, estes mesmos se tornam o reverso da moeda, pois o desrespeito e a falta de diálogo aparecem significativamente em 60% das respostas que tratam da prática autoritária. Também relativo a esta seguem-se outras observações importantes, que apesar de serem menos citadas, são

ênfatisadas na reflexão dos entrevistados, pois revelam a face de práticas incoerentes; concepções fechadas; soberba intelectual; humilhações; detentores da verdade, entre outras.

Nesta descrição das diferenças práticas desses conceitos/concepções pode-se notar uma variação maior do que as questões relativas apenas aos conceitos em si, porém nota-se que existem em comum, diferenças básicas em relação ao autoritarismo e a autoridade pedagógica. Em maior incidência aparece o diálogo e o respeito, 60% das respostas mostraram que esta é a diferença básica; já 40% se dividiram julgando que a autoridade voltada ao aluno; a relação verdadeira, a empatia e a autoridade intelectual, ou seja, não imposta, é que são as diferenças básicas.

Neste mesmo bloco temos as concepções dos professores relativas às mesmas questões feitas aos alunos, porém sob o ponto de vista de quem está do outro lado, ou seja, de quem tem por profissão a incumbência de ensinar, orientar e formar novos sujeitos críticos e atuantes no processo histórico da humanidade.

Sendo assim, foi observado nas respostas aferidas pelos docentes, que a autoridade pedagógica desses, se encontra vinculada ao conhecimento geral da educação, bem como, o domínio dos conteúdos a serem ensinados. Esta afirmação se apresenta de forma unânime (100%) nas respostas obtidas, demonstrando que a autoridade pedagógica passa pela segurança natural de quem tem clareza dos objetivos da educação.

Outros dois pontos fundamentais destacados nas falas dos professores dizem respeito à clareza do papel docente e o respeito sem imposição que estes devem ter pelos alunos. Neste sentido, 80% das respostas ênfatisaram a necessidade de esclarecimento de papéis logo no início das aulas, não de

estabelecer diferenças, mas de reconhecer que elas existem nas relações professor/aluno dado o diferente grau de experiências que estes carregam.

Ainda a respeito das concepções dos professores em relação à autoridade, diferentes respostas foram obtidas, que apesar de serem mais individualizadas parecem fundamentais para uma boa relação com os alunos. Referências tais como: ensino com clareza; influência positiva; liderança pedagógica; plano de aula e programa a ser cumprido; afetividade e a consideração do contexto do aluno.

Considerar o contexto do aluno é respeitá-lo, e se assim for, o aluno também respeitará o professor permitindo que este exerça sua autoridade pedagógica, numa troca positiva de experiências, tanto com o professor, quanto com seus pares, em grupos ou individual. Isso fica claro na fala de um docente:

“O professor está ali como mediador do conhecimento, sempre respeitando o que o aluno tem já de conhecimento de vida, o conhecimento enquanto mundo, o professor deve respeitar. Então, a autoridade pedagógica se faz a partir disso: desse respeito, dessa troca de conhecimento e nunca o professor deve chegar na sala como detentor do conhecimento e sim o mediador, o facilitador do conhecimento que o aluno já tem e juntos eles vão concretizar um outro conhecimento a partir de suas pesquisas, interações com o ensino e aprendizagens” (professor J – questão 1).

Se considerar o contexto dos alunos parece ser um caminho na busca pelo êxito do exercício da autoridade pedagógica, o inverso pode desembocar no contraponto desta afirmação, dado que se o aluno não sente na escola (na relação com o professor) uma continuidade de sua experiência e sim algo estranho ao seu mundo, possivelmente esta relação culminará no autoritarismo pedagógico.

Relativos a este ponto foram observadas algumas falas que correspondem a tal assertiva como: “ganhar” o aluno no grito; colocar de forma impositiva seu grau hierárquico e por fim trazer à tona suas características negativas. Esses elementos correspondem a 20% das respostas dos professores em relação às concepções de autoritarismo pedagógico.

O uso de formas totalitárias e tirânicas, nos dizeres de alguns professores, corresponde a 60% das colocações acerca do autoritarismo, indicando o reconhecimento e preocupação com estes métodos de “ensino” contraditórios em relação aos objetivos e fins da educação.

Esta preocupação com o autoritarismo também se concentra em uma porcentagem expressiva (80%) das respostas obtidas, pois ela representa formas, em última instância, de “desrespeito ao aluno”. A citação a seguir não deixa dúvidas em relação ao desrespeito:

“O autoritarismo pedagógico é quando a pessoa tem autoridade de cima para baixo (de forma vertical), ela se vê como detentora do conhecimento, uma pessoa que tem autoridade sobre outras pessoas e não respeita as diferenças de conhecimento de seus alunos. Então o autoritarismo pedagógico...eu acredito que é quando o professor pensa que só ele sabe e só ele pode passar o conhecimento. Ele anula tudo que o aluno tem...tudo. Ele deixa o aluno raso e desconsidera tudo que o aluno já possui e não considera, nenhuma fala, nenhuma atitude, tudo para ele vai partir da educação que ele vai dar de agora em diante; também não aceita nada que saia fora do padrão do que ele considera ideal. Isto é autoritarismo” (professor J – questão 2).

Além das importantes observações feitas até agora sobre o autoritarismo, um fato que marcou a concepção deste elemento, por se tratar do reconhecimento dos próprios professores, foi a predominância que a maioria respondeu (100%). Todos acreditam que a base do autoritarismo se encontra na

“imposição de sua autoridade intelectual”, ou seja, na soberba intelectual, que destitui a possibilidade de olhar para o outro de forma a respeitar as diferenças, provocando uma reação desfavorável ao crescimento do aluno, como também prejudicando todo o processo pedagógico de ensino.

Em síntese podemos detectar que as diferenças básicas entre autoridade e autoritarismo, para os docentes, se concentra na “imposição de sua vontade sobre os alunos e a participação do educando no processo de aprendizagem”. Estas duas colocações perfazem mais da metade das respostas obtidas; sendo que 20% acreditam que a inferiorização do aluno, que também está ligada à soberba intelectual, representa diferença básica entre uma concepção e outra.

IV.1.1 – Síntese do Bloco I

Concepções em Relação aos Conceitos Autoridade e Autoritarismo

Como podemos observar no decorrer deste bloco, as concepções/conceitos que os alunos e professores demonstraram ter a respeito da autoridade e autoritarismo parecem ser praticamente a mesma, divergindo-se em alguns aspectos. Porém, essencialmente entendem que, no caso da autoridade, os alunos responderam que esta pressupõe que os professores devam ter seus objetivos claros e bem definidos, ao passo que os professores acreditam que a autoridade está vinculada ao conhecimento geral da educação, bem como o domínio dos conteúdos a serem ensinados. Estas respostas refletem 100% das opiniões, tanto dos alunos quanto dos professores.

É importante destacar ainda, com 100% das afirmações dos alunos que também um plano de aula claro e bem definido deve ser apresentado logo no início do semestre, pois segundo eles, isso denota uma preocupação com os alunos. De certa forma, isto demonstra a autoridade profissional dos professores.

Já com uma incidência menor, 80% das respostas dos professores, deixaram claro que o respeito pelos alunos, sem imposição, é fundamental. Neste sentido, o esclarecimento dos diferentes papéis que cada um deles (alunos e professores) deve ocupar, é primordial, sendo colocado logo no início das aulas.

No item relativo às concepções de autoritarismo, também prevaleceu uma concordância entre os docentes e discentes, pois todas as respostas dos alunos (100%) mostraram que a principal característica do autoritarismo está na falta de diálogo (ele não existe), pois reconhecem nos professores os “donos de saber”.

Em acordo com os alunos, as respostas dos professores (100%) também mostraram que a principal característica do autoritarismo é a “imposição de sua autoridade intelectual”, que em última instância, representa um desrespeito ao aluno.

Dessa forma, podemos dizer que as principais concepções elencadas a respeito da autoridade, tanto para professor quanto para aluno, parecem estar ligadas mais à competência técnica do professor em planejar, organizar e ter clareza dos seus objetivos.

Já em relação ao autoritarismo, as concepções deixaram claro que a soberba intelectual e a imposição vertical do saber, representadas pelo professor, são as bases das práticas autoritárias.

IV.2 – Bloco II

A Relevância das Concepções de Autoridade e Autoritarismo na Prática

Neste bloco concentramos as questões de número quatro, cinco, seis e sete da relação de perguntas realizadas nas entrevistas (Apêndice), na relevância das concepções de autoridade e autoritarismo na prática.

As questões para os alunos versaram em:

4 – Em sua opinião, é relevante, para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, que o professor exerça sua autoridade nas relações estabelecidas com os alunos nas salas de aula?

5 – Os professores conseguem fazer com que sua autoridade pedagógica seja respeitada pelos alunos nas salas de aula? Se sim ou não, de exemplo?

6 – Quais seriam as razões pelas quais alguns professores têm sua autoridade pedagógica respeitada pelos alunos e outros não?

7 – Em sua opinião, o professor (a) obtém êxito em concretizar, nas relações com os alunos, aquilo que pensa sobre o conceito de autoridade pedagógica? Se sim ou não, por quê?

As questões para os professores versaram em:

4 – Em sua opinião, qual a relevância, para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, do aluno respeitar a autoridade pedagógica do mestre?

5 – Quais seriam as formas utilizadas pelo senhor (a) para estimular o aluno (a) a sentir a necessidade de se respeitar tal autoridade nas relações estabelecidas entre os corpos docente e discente?

6 – Quais seriam as principais dificuldades para que os alunos respeitassem tal autoridade pedagógica?

7 – Em sua opinião, o senhor (a) obtém êxito em concretizar, nas relações com os alunos, aquilo que pensa sobre o conceito de autoridade pedagógica? Se sim ou não, por quê?

A escolha dessas questões para compor este bloco vem na sequência do bloco anterior, no qual foram aglutinadas as três primeiras questões que enfatizam as concepções de alunos e professores sobre a autoridade e autoritarismo.

Já neste bloco a ênfase é maior na relevância que estas concepções têm na prática, no sentido de se observar o olhar que os alunos e professores têm efetivamente sobre a influência destes dois conceitos no processo e desenvolvimento do ensino/aprendizagem no cotidiano em sala de aula.

É importante ressaltar que o tratamento dos dados seguirá, assim como no bloco anterior, as observações dos alunos e professores, respectivamente. E, ao final do bloco, uma análise sintetizará comparativamente as incidências mais frequentes.

Em relação à importância que os alunos dão sobre o efetivo exercício da autoridade pedagógica do mestre em sala de aula, ou seja, nas relações entre professores e alunos, 20% das respostas apontaram que “em alguns momentos ela é relevante”, já a maioria (80%) das respostas indicou que é fundamental que o professor exerça sua autoridade pedagógica, pois é ele que deve conduzir, de forma positiva, o processo de ensino/aprendizagem.

Apesar da importância observada nas respostas anteriores, em que uma grande parcela indicou que é fundamental que o mestre exerça a sua autoridade pedagógica, quando se perguntou sobre esta *efetiva ação* desta, 80% das respostas disseram que “não”. Os motivos descritos são variados, dentre eles

podemos destacar alguns, tais como: por falta de preparo do professor; competência técnica; pela arrogância ou soberba intelectual; pela falta de respeito; etc..

Contudo, uma porcentagem pequena (20%) acredita que os professores conseguem efetivar sua autoridade, desde que o professor faça o aluno entender que o saber é importante para o seu próprio bem. Esta afirmação fica claro na fala de um aluno:

“Sim. (aqui na universidade?) Sim. Exemplo: eu tive vários, tive uma professora no semestre passado...que ela é autoridade, ela não é autoritária, ela faz a gente entender, que você precisa daquilo para seu próprio bem”. (aluno B – questão 5).

Dentro desta perspectiva, as razões pelas quais a autoridade do mestre é respeitada perfazem a maioria das respostas. Os alunos foram unânimes (100%) em dizer que “o envolvimento do professor com o aluno” é a razão fundamental pela qual ele consegue exercer sua autoridade pedagógica.

Em uma menor incidência, várias respostas, como: pelo domínio do conteúdo; exige sem intimidar; respeito como processo histórico cultural; aparecem diluídas em 20% das colocações.

Em relação a esta última resposta relativa ao processo histórico cultural é importante ressaltar que o aluno enfatiza de forma aguda as exigências sociais, reforçando o problema da submissão; a seu ver:

“Acho que é um processo histórico da educação brasileira, sobre a escola como disciplina, escala que você tem que se encaixar no sistema, até mesmo o próprio formato das carteiras. O professor sempre num local central da sala, um local mais alto, da própria escola brasileira também, porque se você é submisso ao professor desde a pré-escola, você vai ser submisso ao patrão, ao juiz, ao padre. Inclusive tem um livro do Paulo Freire que se chama Cuidar da Escola que ele coloca muito bem isso” (aluno D – questão 6).

Por outro lado, mais da metade (60%) das respostas enfatizaram que as razões pelas quais os alunos respeitam os professores estão ligadas a uma “disciplina curricular organizada”, pressupondo respeito e compromisso profissional.

Outra porcentagem significativa das respostas, 80%, revelou que “o respeito e o carinho” com que os alunos são tratados pelos professores é que fundamentam as razões da autoridade pedagógica destes serem respeitados.

Notamos também três razões pelas quais os alunos não respondem ao exercício desta autoridade, qual seja: quando o aluno se sente distante do professor; quando o professor não procura ouvi-lo; e outros são rebeldes sem causa.

Neste sentido, mais da metade das respostas relativas à auto concepção de autoridade pedagógica que os professores têm de si mesmos caminham, na opinião dos alunos, numa perspectiva negativa, ou seja, esta porcentagem obtida entende que os professores “não conseguem concretizar” suas idéias de autoridades. As justificativas falam de falta de diálogo e da contradição entre o discurso e a efetiva prática.

Outras colocações sobre este tema indicam que sim, ou seja, os professores conseguem; dessas colocações, 80% foram positivas, porém todas com ressalvas, como: se ele souber respeitar a opinião dos outros; se ele tem autoridade sim, se não tem, não; apenas quando há uma troca entre alunos e professores. Esta última colocação parece bem significativa nos dizeres de um aluno:

“É... ele tem que estar bem seguro de si, ter a competência técnica, tem que ter a empatia com os alunos, tem que ter o limite também. Acho que vai sendo mais fácil ele exercer isso (autoridade). Como é uma relação humana, às vezes fica difícil, depende do outro também, depende da realidade do outro. Esta autoridade que está na cabeça do professor um pouco mais de acordo com o que o aluno pensa teria de ser dialogado, dialógico” (aluno A – questão 7).

O diálogo parece ser fundamental, não só para os alunos, mas também para os docentes, que tiveram um equilíbrio de idéias em relação à importância do aluno respeitar sua autoridade, no sentido do favorecimento do processo de ensino e aprendizagem.

Cerca de 80% das falas demonstram que quando o aluno respeita a autoridade pedagógica ele faz troca de experiências, não tem medo, participa da aula e conseqüentemente aprende mais. Esta legitimação da autoridade parece estar ligada ao respeito mútuo. É colocado também, em muitas indicações (60%) que se não houver autoridade, ou seja, se o aluno não sentir sua necessidade, ele desiste. Também com a mesma incidência desta última aparecem os docentes que julgam ser natural, hierarquicamente, que o aluno respeite o docente, ou seja, a relevância está ligada ao fato de ser o professor quem conduz o processo ensino/aprendizagem, logo é fundamental o respeito por parte dos alunos.

Para que se obtenha este respeito em sala de aula, que parece ser fundamental no exercício de autoridade de professor, observamos que muitas formas de estímulos são usadas para levar o aluno a sentir a necessidade de respeitar o mestre. O diálogo e o respeito pelo aluno se destacam na maioria das respostas (80%), pois os professores pensam ser fundamental que as relações professor/aluno tenham que ser permeadas por rodas de conversas; falar sobre o respeito pelo outro; trabalhar com fábulas para estimular o aluno à reflexão a respeito dos valores humanos. Também dentro deste diálogo sugerido, vem por conseqüência outro item freqüente nas falas dos docentes, é o ouvir o aluno, saber ouvir e valorizar suas idéias.

Aparece em mais da metade (60%) das assertivas três itens diferentes, porém interligados. Um exemplo é ouvir o aluno que parece estar ligado diretamente

com o diálogo e as rodas de conversa; na mesma proporção surgiram nas falas a necessidade do docente deixar claro seu papel e por consequência clarear o papel do aluno, e ainda que o professor deva trabalhar com vivências e experimentações, que tratem o respeito como elemento fundamental no cotidiano da sala de aula.

Com menor frequência (20%), nem por isso menos importante, surgem estratégias de estímulos como: fazer elogios aos trabalhos desenvolvidos pelos alunos; fazer com que eles sintam sua falta, se retirando em alguns momentos. Nesta última colocação o professor foi enfático em dizer que esta estratégia visa um esclarecimento do seu papel, na sua fala:

“Eu acho que uma estratégia básica é a do esclarecimento. Quer dizer, o aluno precisa saber que em alguns momentos do trabalho a ação do professor é essencial, quer dizer, o trabalho se perde... E acho que em alguns momentos o professor deve deixar que se perca mesmo, para ter a noção que ausência do professor reflete numa parada do trabalho, na ausência de objetivos, fins... O professor, num primeiro momento, tenta esclarecer, quer dizer, eu vou ter que auxiliá-los em tal tarefa, tal argumentação, para que a gente caminhe, e no momento em que isso não funcionar, quer dizer, acho que em alguns momentos vale a pena se retirar para os alunos sentirem que o trabalho empaca sem a autoridade pedagógica, na sala de aula. Isso eu acho essencial” (professor G – questão 5).

Por outro lado, há de se perceber que, os alunos também apresentam muitas dificuldades para entender a importância da necessidade do respeito ao professor. Nesse sentido, 40% das respostas dos docentes entrevistados indicaram, entre outras coisas, que a frustração, que por ventura, o aluno vier a ter em relação ao professor, pode ser uma das maiores dificuldades, bem como a falta de preparo do professor em relação ao cotidiano da sala de aula.

Logo em seguida, numa porcentagem maior (60%) destacam-se dois itens que referem-se também às dificuldades percebidas pelos professores. Um diz

respeito a alunos que vêm de experiências traumáticas de sadismo pedagógico e/ou autoritarismo; outro, da dificuldade que o aluno apresenta em ver o professor como autoridade dentro da sala de aula. É importante observar que apesar de distintos estes dois itens se completam, ou seja, parecem responder um ao outro. A observação do primeiro pode indicar o porquê da dificuldade do aluno aceitar a autoridade do professor.

Já a maioria das respostas (80%) confirmou a dificuldade do aluno em aceitar os limites impostos em sala de aula. Este fato ficou evidente no seguinte relato:

“...E por último, a cultura dos alunos. A gente tem convivido com o surgimento de gerações desacostumadas à autoridade limite, se falta limite, é uma discussão que sempre se coloca, que jovens não tem limites, obviamente não respeitam a autoridade” (professor G – questão 6).

Nas respostas relativas à concretização da autoridade pedagógica exercida pelo professor, houve um equilíbrio percentual (40%), que revelou que os docentes conseguem exercer sua autoridade usando o esclarecimento dos papéis dos alunos e professores, ou seja, demonstrando que o bom andamento do processo de aprendizagem tem como premissa a liderança pedagógica. Por outro lado, na mesma proporção (40%), os professores dizem conseguir o respeito de sua autoridade porque valorizam os alunos, dando liberdade, porém com limites.

Cerca de 60% das respostas obtidas, revelam que os professores conseguem colocar em prática aquilo que pensam ser autoridade pedagógica, justificando-se que esta afirmativa se dá por conta da prática dialógica e do respeito que fazem parte do seu cotidiano em sala de aula. Práticas como: rodas de conversa, ouvir as histórias dos alunos e suas angústias, respeitar e valorizar suas opiniões, entre outras.

Outras respostas que apareceram com menor incidência, cerca de 40% demonstraram que apesar de tentarem e às vezes conseguirem, sentem muitas dificuldades. Suas justificativas perpassam por muitas variáveis, tais como: você está lidando com pessoas diferentes, idades diferentes, você não conhece o aluno; ou então, as próprias dificuldades do sistema de ensino: salas lotadas, que se tornam propícias a conversas paralelas dificultando a exposição da aula.

Ainda em relação a estas dificuldades, uma minoria (20%) se contrapõe entre a efetivação da autoridade e a dificuldade para a realização desta. Em algumas falas percebemos que o professor consegue por meio de troca de experiências, e em outras, que o professor consegue, mas tem que fazer “mágica”, segundo a fala a seguir:

“...Acho que todos os professores tentam isso, mas a gente tem sempre dificuldade, acho que as maiores dificuldades vêm do próprio sistema de estarem muitas crianças juntas, pois elas querem conversar, elas querem fazer diversas coisas ao mesmo tempo, que é natural da idade. Agora o professor tem fazer esta mágica, de fazer o aluno se interessar e ouvir quando ele quer explicar...” (professor F – questão 7).

IV.2.1 – Síntese do Bloco II

A Relevância das Concepções de Autoridade e Autoritarismo na Prática

Em relação à influência das concepções elencadas no bloco anterior (bloco I), podemos perceber que existe uma concordância (80%) entre alunos e professores no que se refere à relevância do respeito à autoridade pedagógica em

sala de aula. Eles disseram ser fundamental na prática educacional, o respeito a esta autoridade; os alunos justificaram que é importante, pois é o professor que irá conduzir o processo educacional. Já os professores disseram que, se existe este respeito, o aluno participa mais, não tem medo de perguntar e conseqüentemente aprende mais.

Contudo, houve uma contradição nas questões relativas à efetiva prática da autoridade pedagógica, pois o mesmo percentual (80%) dos alunos que disseram ser importantes, também revelou que eles (professores) não conseguem por em prática esta autoridade. Por outro lado, os professores disseram usar várias estratégias para estimular o respeito pela sua autoridade. Dessas, a mais empregada é o diálogo e o respeito pelos alunos.

Ainda de forma contraditória, os professores revelaram que conseguem pôr em prática aquilo que pensam ser autoridade pedagógica, contrapondo os dizeres dos alunos que julgaram que os docentes não conseguem.

Em relação às razões pelas quais a autoridade pedagógica é respeitada, os alunos foram unânimes (100%) em dizer que o “envolvimento do professor com o aluno” é a razão fundamental. Por outro lado, os professores afirmaram que a maior dificuldade no exercício de sua autoridade está em “os alunos aceitarem os limites impostos em sala de aula”. Os professores também julgaram (60% das respostas) que outra dificuldade significativa no exercício de sua autoridade está ligada à razão do aluno já trazer consigo experiências traumáticas de sadismo pedagógico/autoritarismo. Este fato prejudica de certa forma a assimilação da autoridade do professor.

Talvez seja importante observar que as dificuldades apresentadas pelos professores dizem respeito exatamente ao que o aluno enxerga como razão

de respeito, a saber, “o envolvimento do professor com o aluno”. Uma porcentagem expressiva (80%) dos alunos também diz que a razão do respeito está ligada ao “carinho e respeito” com que o aluno é tratado.

Nessas correlações podemos observar que as razões pelas quais os alunos respeitam os professores parecem ser a resposta às dificuldades que os mesmos encontram no cotidiano de sala de aula.

IV.3 – Bloco III

A Influência das Concepções de Autoridade e Autoritarismo nas Relações Professores/Alunos

Neste bloco concentramos as questões de número oito, nove e dez da relação de perguntas realizadas nas entrevistas (Apêndice), sobre a influência das concepções nas relações professores/alunos.

As questões para os alunos versaram em:

8 – Você tem afinidades com aquele (a) professor (a) que você acha que exerce sua autoridade pedagógica? Como se dá esta relação?

9 – Em sua opinião, o exercício do autoritarismo pedagógico atrapalha a formação do aluno? Se sim ou não, por quê?

10 – Qual a sua reação diante de um professor autoritário, quando este ministra aula?

As questões para os professores versaram em:

8 – Você tem afinidades com aquele aluno (a) que você pensa respeitar sua autoridade pedagógica? Como se dá esta relação?

9 – Em sua opinião, o desrespeito com a autoridade pedagógica atrapalha na formação do aluno? Se sim ou não, por quê?

10 – Qual a sua reação diante de um aluno (a) que não respeita sua autoridade pedagógica em sala de aula?

Neste terceiro e último bloco das entrevistas a ênfase maior foi dada à influência das concepções de autoridade e autoritarismo nas relações professores/alunos. Da mesma forma que nos blocos anteriores, o tratamento dos dados (número de incidências das respostas retratado em termos de porcentagem) seguirá as observações dos alunos e professores respectivamente, como também de uma análise sintética e comparativa das incidências mais freqüentes.

É importante ressaltar que os resultados aqui obtidos dizem respeito às práticas dos conceitos de autoridade e autoritarismo até agora investigados, perpassando por experiências individuais de cada entrevistado, tanto do ponto de vista do aluno, quanto do professor.

Portanto, neste bloco o objetivo maior concentrou-se nas questões práticas, tais como: as relações de afinidade entre professores e alunos; o exercício do autoritarismo na formação dos alunos e as experiências autoritárias em sala de aula.

Questões como afinidades nas relações docentes e discentes são postas pela maioria das respostas (100%) como sendo um elemento essencial. E, conseqüentemente, no exercício da autoridade pedagógica. Portanto, podemos dizer que a afetividade contribui muito para a aprendizagem. Esta afirmação é também sustentada por grande parte dos resultados obtidos (80%) que demonstraram que as relações com quem você gosta ficam muito mais fáceis, logo, se esta é também uma relação de afinidade os resultados educacionais serão favoráveis na formação do aluno.

Outro fato relevante está na questão ligada ao “conhecer o professor”, pois se você conhece, você confia, você respeita, troca idéias e experiências. Estas assertivas surgiram em 60% das falas dos alunos corroborando com a idéia da maioria dos alunos de que a afinidade é fundamental, para o bom desempenho do processo educativo.

Com menor freqüência, porém com valor significativo (40%), as respostas indicaram que a afinidade nas relações em sala de aula faz com que a aprendizagem e apreensão do conteúdo sejam mais fáceis, além do respeito mútuo que estas naturalmente exigem.

Uma minoria assevera que este elemento (afinidade) demonstra a isenção do medo, logo o aluno perguntará mais, questionará e aprenderá de forma tranqüila e sem traumas; esta minoria corresponde a 20% das respostas obtidas.

Outras respostas também relativas a este percentual julgam que o valor da afinidade é de muita responsabilidade, pois nesta relação o professor passa a ser “modelo”, e não só como assimilação de métodos, mas de comportamentos e até de falas. Isto fica muito claro na reflexão de um dos alunos:

“Eu tenho afinidades sim, mais de um professor que eu acho que exerce a autoridade pedagógica. Ex-professores também, tenho afinidades, mantenho contato, e muita coisa absorvi para mim, um pouquinho de cada um desses professores e a relação que a gente mantém, mesmo deixando de ser professor, mantém aquela coisa do respeito. Se vocês os encontra no corredor, você não fala: oi fulano! Você fala oi professor! Mantém... talvez por causa dessa afinidade, mas é um oi professor! Diferente do oi por educação, é um oi! Por prazer de reencontrar aquele professor. (refazendo a pergunta? As afinidades têm a ver com a autoridade e vice versa?) Tem. Tem sim, tem a ver sim. É como eu falei, os professores que tive contatos e que exerceram sua autoridade pedagógica efetivamente, eu acabei, sem querer, pois você acaba assimilando, certas metodologias, comportamentos e até falas... Até a postura do professor a gente acaba assumindo” (aluno C – questão 8).

Com a força das palavras expressas na citação acima podemos perceber tamanha importância da auto avaliação do mestre, pois se os exemplos positivos de afinidades servem como modelo, verdadeiros formadores de personalidades educacionais, o inverso também parece caminhar na mesma linha, se considerar que independentemente da forma a assimilação parece ser constante.

Assim, a questão relativa ao exercício do autoritarismo na formação do aluno parece demonstrar muita preocupação com estes modelos, pois a maioria das respostas (80%) revela que esta prática no cotidiano da sala de aula atrapalha de forma incisiva o processo de ensino e aprendizagem.

Desta porcentagem de respostas que confirmam que a prática autoritária atrapalha o desenvolvimento do processo educacional, podemos obter diversas justificativas, tais como: perda do entusiasmo pela disciplina; total desinteresse pela escola; perda do respeito; o aluno não aprende nada; entre tantas outras.

Apenas 20% das respostas denotaram dúvidas em relação à maioria, porém são fiéis no sentido de que a prática autoritária deixa marcas que não se esquece, isto é, “marca a vida”.

Uma grande parte (80%) das respostas apontou que o maior prejuízo do autoritarismo na sala de aula diz respeito à aprendizagem, pois estas ocorrências fazem com que o aluno não aprenda nada; seguidos por 60% das falas que denotam a falta de entusiasmo e a perda da identidade do aluno. Uma porcentagem menor (40%) justificou-se pela perda do respeito e a resistência do aluno.

A perda do respeito e a resistência do aluno pode ser notada na fala de um discente:

“De certa forma sim, porque envolve as emoções do ser humano e a gente quando se sente agredido fica resistente a tudo, então você não aprende nada, também como é que você pode se formar cidadão crítico e reflexivo como dizem tanto que a gente tem que ser, se o exemplo é de autoritarismo. Acho que a gente tem que lutar contra isso, principalmente na universidade...na Pedagogia que é um lugar que forma pessoas para serem professores, já pensou como alguém que passa por isso pode se formar? Com um exemplo desses vai ser um desastre. Desse jeito atrapalha e muito, deforma” (aluno E – questão 9).

O exemplo acima citado demonstra os estragos que o autoritarismo parece causar na formação do aluno; entretanto, esta situação demanda uma reação que muitas vezes parece ser a resposta a essas atitudes.

Dessa forma, a décima questão traz a tona essas reações e os exemplos por elas causados. Podemos notar pelas respostas dos entrevistados que apenas 20% delas revelam uma reação de tentativa de se livrar do professor, ou seja, faz-se o mínimo necessário para terminar o semestre e cumprir aquela obrigação, pois, segundo os alunos, não há outro jeito.

Em contraponto a essa porcentagem os indicadores que mais se repetiram, alguns explícitos outros mais velados, aparecem em todas as falas demonstrando que foram unânimes (100%) em dizer que suas reações são de “medo e temor”.

Outra porcentagem significativa das respostas parece caminhar no sentido do isolamento; pois 80% delas indicaram que as reações são de não questionamento, ou seja, de não perguntarem nada para não se constrangerem nem serem humilhados. Por outro lado, notamos três itens com incidência relevante, os três apresentam um percentual de 60% cada um, são eles: reação de resistência ao professor; desinteresse e não assistem às aulas.

Um índice menor de respostas (40%) demonstrou uma outra reação, para esses alunos o confronto é a única saída. Eles justificam que se o professor tem seus instrumentos autoritários, como a avaliação, eles também têm:

“... E minha reação é assim: quer bater de frente, vamos bater de frente. Se ele tem as maneiras de estar me prejudicando, eu também tenho as minhas. Agora cabe a ele estar julgando quais vão ser as minhas, pois as dele eu já sei quais serão. Eu tive problemas nesta sala de aula de chegar e falar para o professor, olha: Já me falaram que você...sua característica é esta de prejudicar o aluno, sua fama é esta, não sei está certo ou não, e ele ficar meio assim: o que será que este cara está falando? (se você tem suas maneiras eu tenho as minhas). A minha reação é bater de frente. Eu gosto. Eu acho que se está estabelecida aquela relação de autoritarismo, é bater de frente mesmo. Não agressivamente de forma física, mas mostrar para ele que não é bem assim, tenta rever isso que você está fazendo, embora muitas vezes tive a oportunidade de fazer isso, mas não fiz por medo. Às vezes você está meio inspirado naquele dia e este pintou na frente então vai... Minha reação, se ele veio hostil, é tratar da mesma maneira” (aluno D – questão 10).

A posição dos professores em relação à afinidade com o aluno tenta responder a esse autoritarismo exposto na citação anterior, pois a maior parte das respostas (80%) acredita que a afinidade é fundamental nas relações professor/aluno, pois dessa forma fica mais fácil do aluno respeitar a autoridade do professor, porém é importante ressaltar que deste percentual a metade diz que a afinidade e/ou afetividade não está ligada diretamente ao respeito.

Também com 80% das respostas aparece o tipo de relação que a afinidade provoca, a saber: a relação fica mais fácil E, em 40% das respostas surgem os indicadores: o aluno aprende mais rápido e o professor se sente valorizado.

Do total das respostas a respeito da afinidade, 20% indicaram que não é fundamental o respeito pela autoridade, sendo justificadas pela preferência dos

alunos que desafiam e que produzem conflitos nas relações. Outros 20% de respostas indicaram que ela (afinidade) é necessária porque está ligada ao respeito.

Em relação ao desrespeito pela autoridade pedagógica atrapalhar a formação do aluno, 60% das respostas foram positivas, ou seja, o desrespeito atrapalha muito o processo de ensino/aprendizagem; já 40% das assertivas julgaram que não atrapalha.

As justificativas dos que responderam de forma positiva, correspondente a 60% das falas, denotam que é necessária uma cumplicidade de ambas as partes, professores e alunos, enquanto que, 40% expressaram que é importante a afinidade, pois justificaram que se não houver esta relação o aluno perde tempo e também conhecimento.

Quanto aos que responderam na negativa, ou seja, que a falta de afinidade não atrapalha, justificaram que muitas vezes o desrespeito gera conflitos que podem ajudar a formar cidadãos críticos de sua realidade. O percentual destas respostas condiz com a negativa anterior, na qual 40% acreditam nestas ações. Isso fica claro na fala de um professor que diz:

“Não atrapalha. O respeito à autoridade pedagógica, não atrapalha tanto, quer dizer, não pesa tanto, porque em alguns momentos, este aluno, na vida fora da escola, vai respeitar profundamente outro tipo de autoridade, quer dizer, autoridade paterna, autoridade política, e vai ter que desrespeitar para mudar as coisas em algum momento. Então eu acho que o aluno que sempre respeita a autoridade pedagógica nem sempre se respeita, e quando a palavra dele chega a um ponto crucial, que a palavra dele tem que ser respeitada, às vezes a autoridade pedagógica tem que ser desrespeitada” (professor G – questão 9).

Considerando esta justificativa, bem como as anteriores perguntamos qual seria a reação do mestre diante do aluno que não respeita a sua autoridade. A

totalidade das respostas (100%) indicou a tentativa de conhecer melhor aquele aluno, e tentar dialogar informalmente por meio de rodas de conversa.

Por outro lado, 40% das respostas disseram que sua reação seria de questionamento, pedindo uma justificativa para tal atitude. As demais respostas se dividiram em diferentes reações, tais como: fazer uma auto avaliação, ou seja, questionar se existe culpado; sentir-se desafiado. Essas duas reações, como as duas a seguir, perfazem 20% das respostas. Neste caso, elas revelam que as reações dependem do estado de espírito em que os professores se encontram. Nos dizeres como: *já pus para fora da sala...* ou *eu me irritado...grito...*; demonstraram uma linha tênue entre autoridade e autoritarismo.

IV.3.1 – Síntese do Bloco III

A Influência das Concepções de Autoridade e Autoritarismo nas Relações Professores/Alunos

Neste último bloco podemos observar a importância dos blocos anteriores em relação à prática em sala de aula. Neste sentido, todos os alunos entrevistados (100%) responderam que o elemento fundamental para melhorar as relações hierárquicas entre alunos e professores se concentra na afinidade. Já os professores não foram unânimes, porém grande parte (80%) disse também acreditar que nas relações professor/aluno é fundamental que se tenham afinidades.

As justificativas tanto de uns quanto de outros, indicaram que estas afinidades colaboram na aprendizagem mais rápida e mais fácil, como também a facilidade que o aluno encontra em respeitar a autoridade pedagógica.

As questões relativas ao autoritarismo em sala de aula e o desrespeito à autoridade do professor, concordaram entre si, porém com percentuais diferentes, pois 80% das respostas dos alunos mostraram que estas práticas (autoritárias) atrapalham muito o ensino e a aprendizagem. Já em relação ao fato do desrespeito ao professor atrapalhar a formação do aluno, apenas 60% das respostas dos docentes apontou que sim. Dessa forma podemos notar que o autoritarismo parece pesar mais para os alunos enquanto subordinados, do que para o professor enquanto desrespeitado. Quanto às justificativas dos alunos como também dos professores quando disseram que estas práticas atrapalham a formação do aluno, foram diferentes: 80% das respostas dos alunos asseveraram que o autoritarismo faz com que os alunos não aprendam nada; já os professores disseram que é necessária uma cumplicidade de ambas as partes.

As reações causadas por estas práticas, tanto discente (no caso do desrespeito ao professor), quanto ao autoritarismo pedagógico se apresentaram em diferentes conotações. Todos os alunos (100%) disseram que suas reações são de “medo e temor”, como também uma porcentagem significativa (80%) se referiram ao isolamento. Por outro lado, os professores foram unânimes (100%) em dizer que suas reações em relação ao desrespeito do aluno, seria a tentativa de conhecê-lo melhor, de forma dialógica e informal.

Dessa forma podemos perceber que o diálogo e o envolvimento dos corpos discente e docente parecem ser fundamentais nas relações em sala de aula, pois se assim for, muitas dores e constrangimentos desnecessários serão evitados, bem como práticas negativas que não condizem com os objetivos essenciais da educação, entendendo que esta última tem por finalidade formar indivíduos críticos e reflexivos.

A Figura IV.1 sintetiza graficamente as respostas mais relevantes e pertinentes dos alunos e professores em relação às perguntas do *Bloco I*.

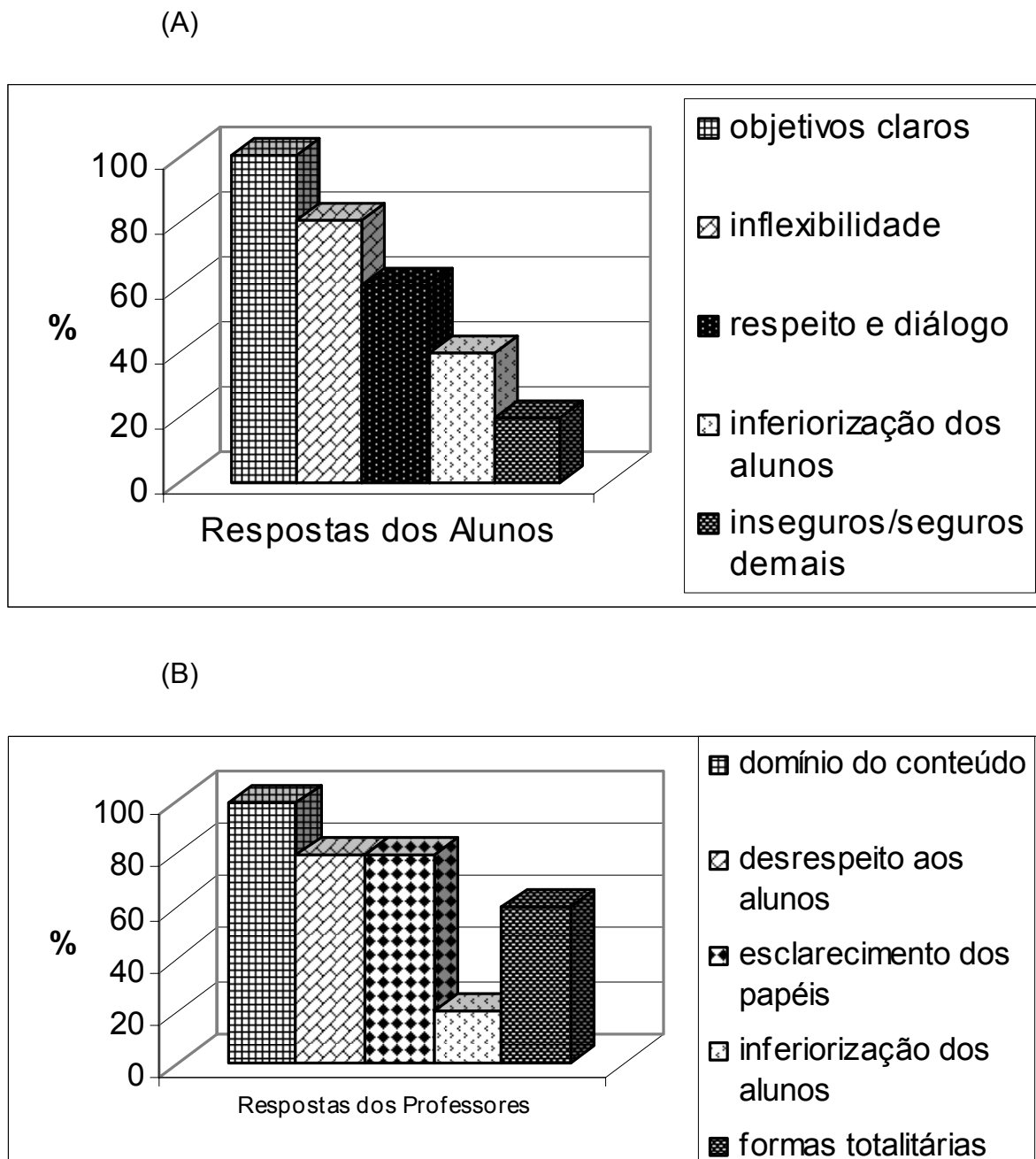
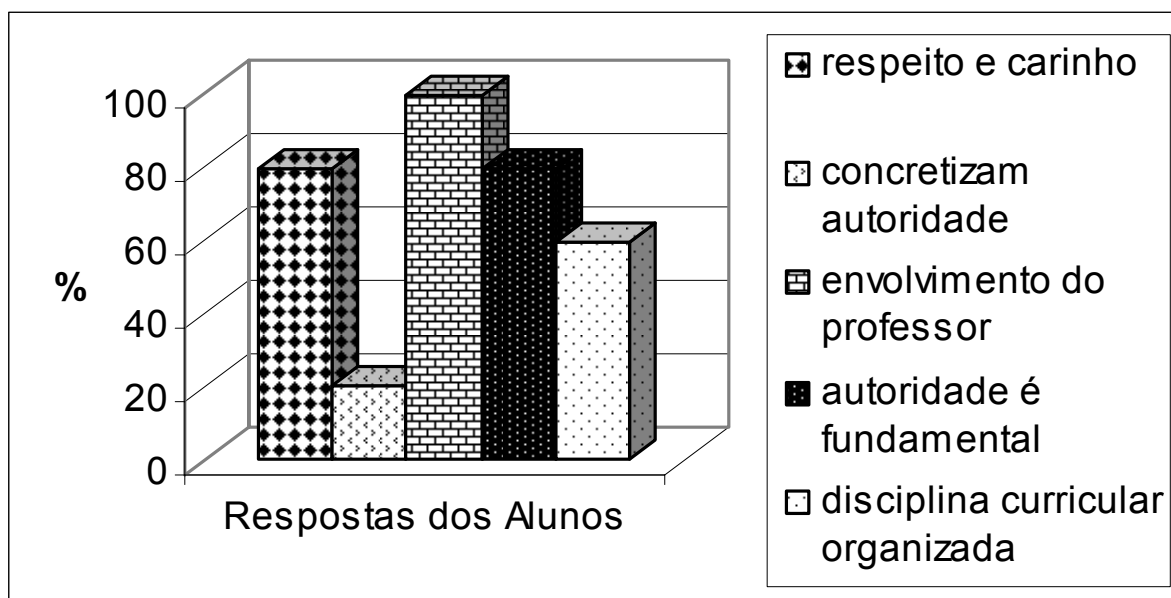


FIGURA IV.1: Variação percentual das considerações dos (A) alunos e (B) professores, referentes às concepções em relação aos conceitos *Autoridade* e *Autoritarismo*.

A Figura IV.2 sintetiza graficamente as respostas mais relevantes e pertinentes dos alunos e professores em relação às perguntas do *Bloco II*.

(A)



(B)

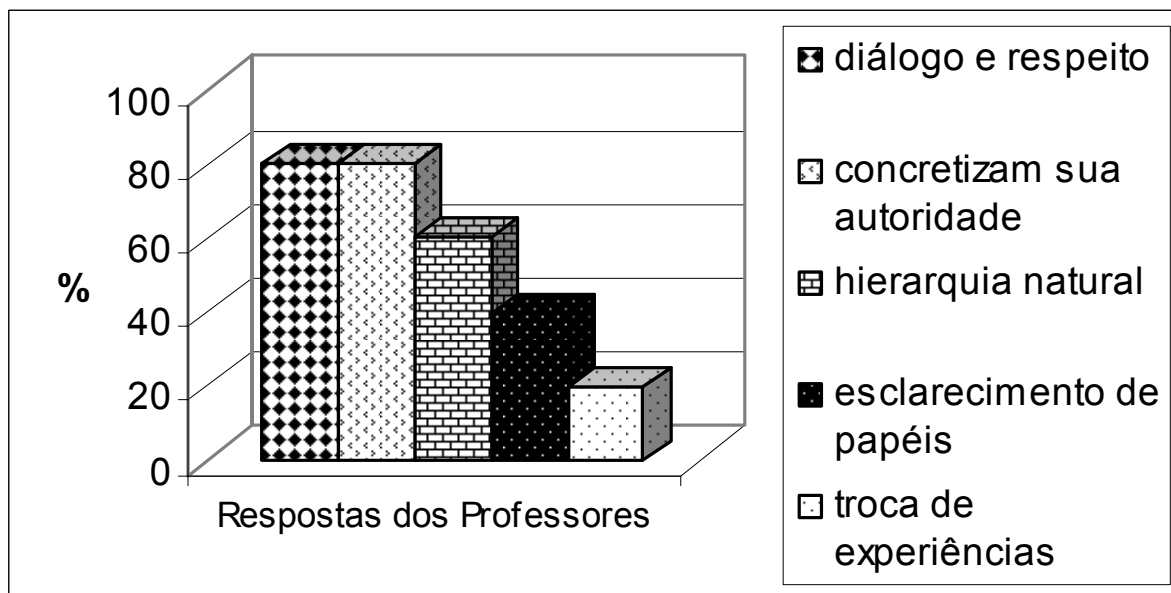
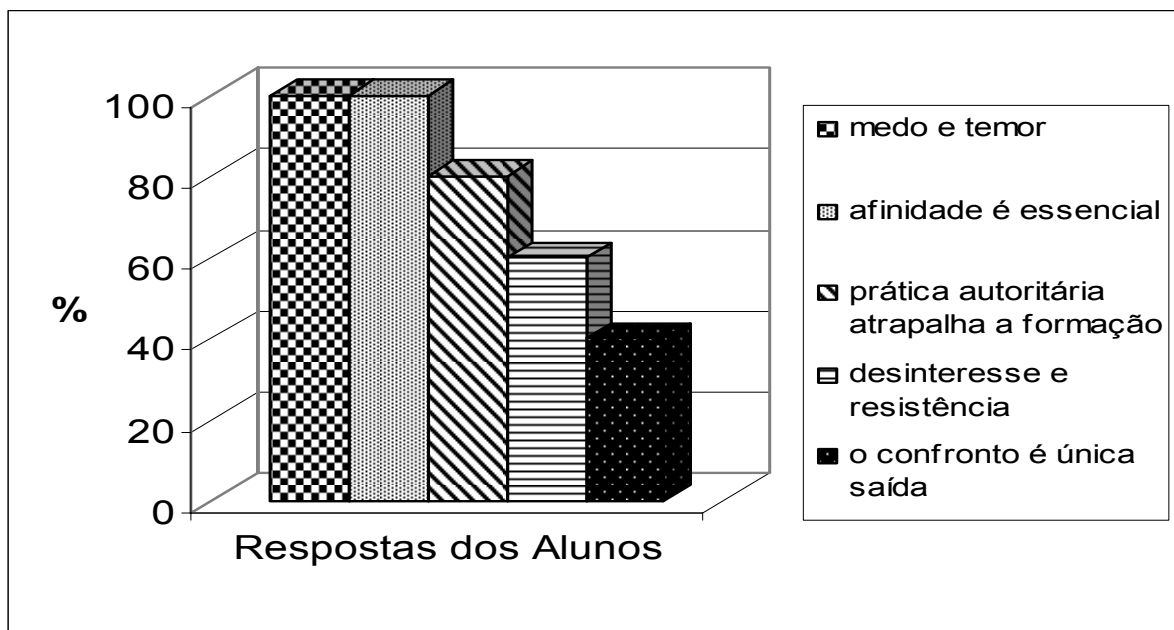


FIGURA IV.2: Variação percentual das considerações dos (A) alunos e (B) professores, referentes à relevância das concepções de *Autoridade* e *Autoritarismo* na prática.

A Figura IV.3 sintetiza graficamente as respostas mais relevantes e pertinentes dos alunos e professores em relação às perguntas do *Bloco III*.

(A)



(B)

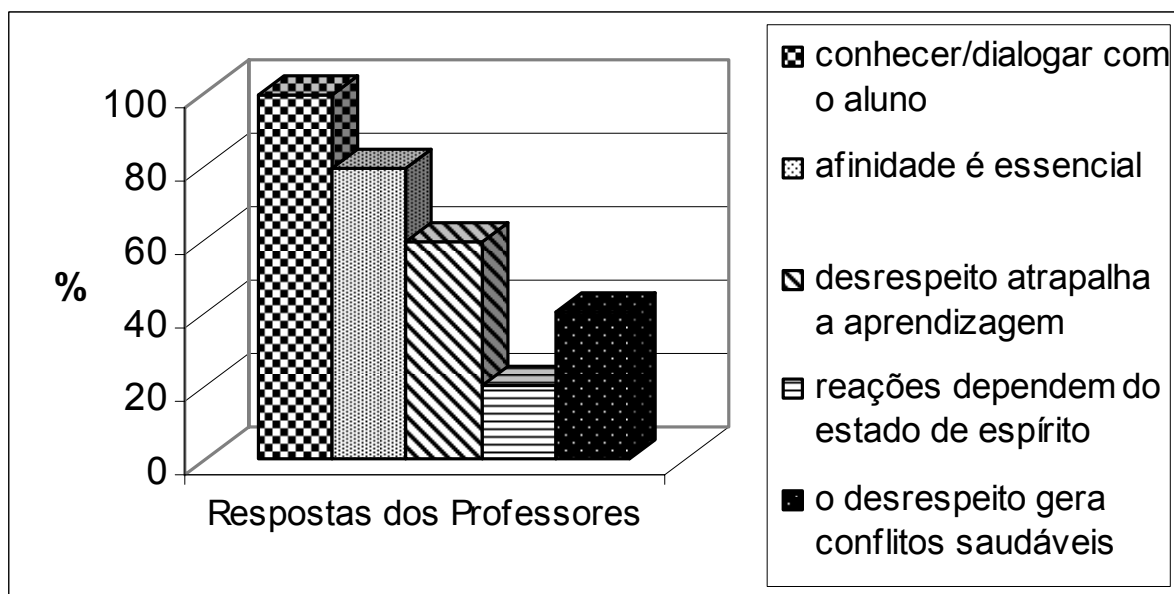


FIGURA IV.3: Variação percentual das considerações dos (A) alunos e (B) professores, referentes à influência das concepções de *Autoridade* e *Autoritarismo* nas relações professores/alunos.

IV.4 – Discussão Geral

Dentre as diversas questões relativas às entrevistas realizadas, uma das perguntas feita aos professores teve uma relevância fundamental para o fechamento dessas análises de campo. Esta pergunta não foi contemplada no corpo da análise dos blocos das entrevistas, pois foi reservada para compor uma discussão geral, pelo fato de carregar em si as concepções dos professores (ex-alunos) na prática, e principalmente por trazerem no bojo das respostas, sua formação, um verdadeiro resgate da aprendizagem.

É importante ressaltar que todos os professores entrevistados são ex-alunos do Curso de Pedagogia da UFSCar dos anos de 1996 a 2000, que tiveram basicamente os mesmos docentes que os alunos regularmente matriculados, pertencentes a diferentes turmas no período de 2001 a 2004.

A pergunta “em sua vida de aprendizagem, o senhor(a) se lembra de algum momento no qual o professor(a) foi autoritário(a) ou exigiu sua autoridade?”, diz respeito às experiências dos professores enquanto alunos, ou seja, nas séries iniciais, ensino médio e universidade. O grau ao qual se refere a questão não foi exigido, para que se evitasse a indução de respostas podendo contaminar a pesquisa.

Infelizmente, todos (100%) foram unânimes em dizer que se lembravam desses momentos. Esses momentos apareceram em quase todos os níveis escolares, séries iniciais (40%), ensino médio (40%) e universidade (100%). Somente o ensino fundamental (5ª a 8ª séries) que não foi citado por nenhum entrevistado, talvez por não se lembrarem, ou então pela força que estes outros apresentaram em suas vidas.

Das respostas obtidas em relação às séries iniciais (40%), os principais relatos correspondem a um autoritarismo mais explícito, às vezes até físico, quando foram relatados termos como “os professores me batiam” e “me obrigavam a fazer cópias o ano todo”. Outros relatos expressaram nitidamente o tipo de sentimento que era despertado nesses professores enquanto alunos, tais como: me sentia triste, angustiada, culpada. Esses sentimentos parecem ter marcado a vida desses professores.

Quanto ao ensino médio, os professores (40%) disseram também se lembrar. De um deles, por exemplo, vieram colocações como: “tive vários momentos, eu acho que o aluno cresce para o professor como o filho cresce para o pai”; indicando a responsabilidade docente nas práticas educativas. Um outro, porém, relatou que teve muitos professores irônicos pelos quais foi humilhado, o expunha ao ridículo diante da sala e ria ironicamente.

Quanto à universidade, especificamente a UFSCar, todos foram unânimes em dizer que tiveram momentos autoritários em suas relações na sala de aula. Este fato foi extremamente importante, pois além de ser o ponto central deste trabalho, permite resgatar nosso referencial teórico.

Os relatos de um professor em relação a sua formação na universidade parecem trazer consigo uma preocupação muito grande em relação ao autoritarismo, pois os momentos lembrados tratam-se de humilhações e experiências traumáticas, que parecem que não foram esquecidos. O entrevistado se lembra de experiências irônicas na universidade, em sua fala: “...na universidade tive muitos professores irônicos, aliás, tive dois especificamente com os quais tive experiências horríveis de ironia, eu me sentia *super* humilhada, muito triste mesmo...”.

Como podemos perceber, as lembranças dessas práticas denotam marcas que até hoje permanecem no cotidiano desse professor, pois ele indica logo no início de sua fala que um dos motivos pelos quais o levou a ser um professor “diferente” está ligado a essas lembranças, pois não gostaria de passar para seus alunos o que ele próprio passou.

Esta preocupação parece estar ligada com o que Adorno ressaltou a respeito da severidade: “quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir” ^[02]. Neste sentido, nota-se também que existe uma luta interna deste professor para evitar que ele faça o mesmo que fizeram com ele. Isto fica claro nos dizeres: “...é por isto que fico muito triste quando tenho que gritar ou brigar com eles, porque o professor fazia isto comigo... essas relações existem de humilhação e eu não gostaria de passar para meus alunos, porque já passei e sei que é horrível e que não ensina... ao contrário”.

Apesar de não termos a intenção de adentrarmos em linhas psicológicas, compreendemos que toda relação está, de certa forma, ligada direta ou indiretamente a elementos psíquicos. Vale lembrar o que Michael Lobrot ^[13] nos indicou a respeito das superdefesas. Segundo o que se apreendeu a este respeito: quando o indivíduo se sente ameaçado (em qualquer sentido, talvez este específico seja angústia/medo) aciona as defesas internas, que em última instância podem ser as práticas autoritárias.

Outros professores relataram experiências ocorridas que retratam o autoritarismo na prática docente enquanto soberba intelectual, ou em suas palavras “dono do saber”, no qual só prevalece o conhecimento dele (seu ex-professor). Também se sentiram humilhados e constrangidos, pois eram depreciados na sala de

aula diante dos colegas; esses professores julgam que certamente foram desrespeitados.

Fatos como esses elencados pela memória dos professores se repetem também em todas as análises das falas dos alunos entrevistados, indicando que ainda sobrevivem tais práticas no cotidiano da universidade. Esta repetição dos fatos quer seja na década de 90 ou início dos anos 2000, nos leva a crer num caldo cultural preocupante que merece uma auto-reflexão crítica. É o que Adorno já questionava no século passado, segundo ele: “a educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica” [01].

Por outro lado, é importante deixar claro que esta pequena amostragem diz respeito especificamente ao Curso de Pedagogia da UFSCar. No entanto, em estudos anteriores sobre os trotes universitários, também realizados nesta instituição e ressaltados no capítulo III, da mesma forma indicaram processos psicossociais de sadomasoquismo. É importante observar que, apesar de serem dados de cursos diferentes, ressaltando suas variáveis, os dados são da mesma instituição, que em última instância estão ligados de certa forma à “*educação pela dureza*”.

Enfim, seria necessário um olhar mais amplo em nosso processo histórico e nossas raízes, que é o que tentamos aqui ressaltar para que possamos ser mais conclusivos. Pois assim poderemos concordar com Marilena Chauí [17], que nos indica que devemos observar nossas *matrizes autoritárias*.

CONCLUSÃO

Este trabalho, baseado principalmente na teoria crítica, em especial nas contribuições de Adorno e outros intelectuais, buscou compreender as concepções e a influência da autoridade e autoritarismo pedagógico, assim como a prática dessas.

Nessa trajetória, levantamos a hipótese de que na chamada “educação pela dureza” parece ter um elo de ligação entre autoridade e autoritarismo pedagógico. Inicialmente, em função da base teórica, procuramos refletir acerca das concepções de Adorno e a crítica da educação pela dureza. A seguir, elencamos as diversas concepções de autores a respeito dos conceitos de autoridade e autoritarismo, tentando observar diferentes opiniões em relação a estes conceitos.

Como nossa amostragem da pesquisa de campo contou com a contribuição de alunos e ex-alunos (atualmente professores do ensino fundamental) do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, fizemos um breve histórico de contextualização do período de fundação desta instituição. Para tanto, percorremos rapidamente pelas principais correntes pedagógicas daquela época, a saber: a educação autoritária, a educação liberal e a educação libertadora. Em seguida, uma ênfase maior foi dada ao autoritarismo nas universidades. Neste último item tentamos rever uma pesquisa sobre os trotes na universidade (UFSCar), que levantaram indícios de um caldo cultural de um processo psicossocial de sadomasoquismo. Esta amostragem realizada no Curso de Física desta instituição, contribuiu para a elaboração de um livro intitulado “O Trote na Universidade: passagens de um rito de Iniciação”, publicado em 2002 ^[25].

Neste âmbito, fizemos o tratamento dos dados da pesquisa realizada em campo, com a opção de trabalhar em três blocos, dado a correlação das perguntas. Ao final de cada bloco fizemos uma pequena síntese comparativa entre as respostas dos alunos e professores (ex-alunos) em relação à ênfase que cada bloco denotava. Baseado nos resultados obtidos houve a motivação para uma discussão geral, considerando uma questão feita apenas aos professores no que diz respeito aos seus momentos, enquanto alunos, pelos quais passaram por práticas autoritárias.

O confronto dos dados de um modo geral veio confirmar nossa hipótese inicial de que a educação pela dureza, em suas mais variadas nuances, formam um elo de ligação entre autoridade e autoritarismo. Determinar o momento desta ligação demandaria um trabalho minucioso de inúmeras variáveis, apesar das entrevistas indicarem muitas delas, não caberia nesta pequena contribuição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- [01] ADORNO, T.W., Educação após Auschwitz. Tradução de Wolfgang Leo Maar. In:_____ Educação e Emancipação. Rio de Janeiro, editora Paz e Terra, 1995, p. 121-127.
- [02] ADORNO, T. W., Educação após Auschwitz. Tradução de Wolfgang Leo Maar. In:_____ Educação e Emancipação. Rio de Janeiro, editora Paz e Terra, 1995, p. 128-138.
- [03] ADORNO, T. W., A filosofia e os professores, tradução de Wolfgang Leo Maar. In Theodor W. Adorno, Educação e emancipação, Rio de Janeiro, editora Paz e Terra, 1995, p. 51-74.
- [04] ADORNO, T. W., Educação--para quê?, tradução de Wolfgang Leo Maar. In Theodor W. Adorno, Educação e emancipação, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995, p. 140.
- [05] ADORNO, T. W., Educação--para quê?, tradução de Wolfgang Leo Maar. In Theodor W. Adorno, Educação e emancipação, Rio de Janeiro, editora Paz e Terra, 1995, p. 141.
- [06] ADORNO, T. W., Educação--para quê?, tradução de Wolfgang Leo Maar. In Theodor W. Adorno, Educação e emancipação, Rio de Janeiro, editora Paz e Terra, 1995, p. 142.
- [07] ADORNO, T. W., Educação--para quê?, tradução de Wolfgang Leo Maar. In Theodor W. Adorno, Educação e emancipação, Rio de Janeiro, editora Paz e Terra, 1995, p. 150.

- [08] ADORNO, W. T., A educação contra a barbárie, Tradução de Wolfgang Leo Maar. In Theodor W. Adorno, Educação e emancipação, Rio de Janeiro, editora Paz e Terra. 1995, p. 161.
- [09] ADORNO, W. T., A educação contra a barbárie, Tradução de Wolfgang Leo Maar. In Theodor W. Adorno, Educação e emancipação, Rio de Janeiro, editora Paz e Terra. 1995, p. 164.
- [10] FARIA, G. e SOARES, N., A Lógica do Encantamento, Fórum Publisher Brasil, v. 11, 2004.
- [11] MIRANDA, A.G. et al, Dicionário de Ciências Sociais. Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação, coordenação geral de Benedito Silva, Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1986.
- [12] HORKHEIMER, M., Autoridade e Família, Tradução de Manuela R. Sanches e Teresa R. Cadete. Lisboa, editora apaginastantas. 1983, p. 23.
- [13] LOBROT, M., A favor ou contra a autoridade, tradução de Ruth Joffily Dias, Rio de Janeiro, editora Francisco Alves. 1977.
- [14] FURLANI, L. M. T., Autoridade do Professor: Meta, mito ou nada disso? São Paulo, editora Cortez, 2001.
- [15] AQUINO, J. G., Confrontos na Sala de Aula. Summus Editorial Ltda. São Paulo, 1996.
- [16] FLEURI, R. M., Educar para quê?; Contra o Autoritarismo da Relação Pedagógica na Escola, 2ª Edição, Editora da UFU, Uberlândia, MG,. 1987.
- [17] CHAUI, M., Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária. São Paulo, editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- [18] SGUISSARDI, V., Universidade, Fundação e Autoritarismo: o caso da UFSCar. São Paulo, editora da UFSCar e Estação Liberdade, 1993.

- [19] LE GOFF, J., Os intelectuais na Idade Média. 2. Ed. São Paulo, EPU. 1989, p. 69-70.
- [20] VASCONCELOS, P. D., A violência no escárnio do trote tradicional; um estudo filosófico em antropologia cultural. Santa Maria-RS, editora Humanização. 1993, p. 15.
- [21] BEVILACQUA, C., História da Faculdade de Direito do Recife. 2ª ed. Brasília, INL/Conselho Federal de Cultura. 1977, p. 31
- [22] LE BON, G. *Apud*. FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego, Rio de Janeiro, editora Imago. 1972, p. 83-84.
- [23] FREUD, S., Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, tradução de Paulo Dias Corrêa, Rio de Janeiro, editora Imago. 1977, p.71.
- [24] FREUD, S., Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, tradução de Paulo Dias Corrêa, Rio de Janeiro, editora Imago. 1977, p. 36-38.
- [25] ZUIN, A.A.S., O trote na universidade – passagens de um rito de iniciação, São Paulo, Cortez editora, 2002.

APÊNDICE

As entrevistas realizadas com os alunos e professores (ex-alunos) do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, escolhidos aleatoriamente no período de 2001 a 2005, estão transcritas integralmente, procurando-se preservar todas as palavras e expressões utilizadas nas respostas às perguntas, isentando-se o autor de qualquer interpretação pessoal.

Com o intuito de reproduzir exatamente os pensamentos e as opiniões de cada entrevistado, o texto apresentado não foi alterado de forma a estar a contento gramaticalmente. De certa forma, no entanto, procurou-se denotar as hesitações através de simbologia (...), bem como, mudança de entonação e/ou assunto, iniciando-se um novo parágrafo. Assim, o respeito à forma com que cada entrevistado se referiu ao assunto de cada pergunta foi mantido, e suas identidades foram resguardadas pela denominação alfabética A, B, C D e E para os alunos, e F, G, H, I e J para os professores.

ENTREVISTA – ALUNO A

1 – Como você define o conceito de autoridade pedagógica? Dê exemplos.

É quando o professor consegue exercer seu papel a contento, estabelecer limites, deixar claro as consignas que ele quer, dentro dos objetivos, ele tem claro para ele, aonde ele quer chegar com aquilo que quer ensinar, assim ele consegue passar para os alunos. Exemplo: Quando a classe contribui, o professor consegue que a classe entenda e contribua para o bom andamento da aula.

2 – E o conceito de autoritarismo pedagógico? Dê exemplo.

É quando eu venho de uma realidade e tento, de cima para baixo, estabelecer esta ordem. Vai ser assim. Geralmente não tem diálogo. Ele não ouve, não sabe nem o que o aluno dele está pensando. Não parte do ponto do aluno, não sabe a expressão, a realidade do aluno, o que ele está pensando. Exemplo: Quando, por exemplo, algum tempo atrás uma aluna conseguiu um serviço, foi falar com a professora que teria que chegar uns minutos mais tarde, que se submeteria a algumas avaliações, a resposta foi que não, ela teria que chegar no horário. Ou ela perderia disciplina ou perderia o emprego. Não teve diálogo, abertura, ela usou a menção, usou da sua autoridade para classificar esta aluna em 6, sempre 6.

3 – Quais são as diferenças que podem ser observadas entre autoridade e autoritarismo pedagógico?

Autoridade é quando você coloca, obtém o respeito, a admiração, a cooperação dos alunos por mérito técnico. Você conhece o que você quer ensinar, consegue

estabelecer com o aluno uma relação de empatia, não esquecendo seu lugar, pode ser, tem que ser um lugar de poder, de certa forma, mas tem o diálogo, o aluno sabe que pode contar, é uma relação verdadeira. Agora, já o autoritarismo é quando você já vem com uma concepção fechada: eu quero que seja dado, seja verdade, e não sabe de onde vêm os alunos, ele passa tudo como verdade única, esta verdade o detentor dela é ele mesmo, o que vai conceder aos alunos.

4 – Em sua opinião, é relevante, para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, que o professor exerça sua autoridade nas relações estabelecidas com os alunos nas salas de aula?

Sim. Acho que é fundamental que ele tenha autoridade dentro da sala, para o bom desempenho, o bom andamento da disciplina que ele está dando. Limites claros são importantes para que não se perca tempo e nem o rumo, como se tivesse numa piscina, você levanta a cabeça e sabe onde está margeando, delimitando. Acho que isso é autoridade.

5 – Os professores conseguem fazer com que sua autoridade pedagógica seja respeitada pelos alunos nas salas de aula? Se sim ou não, dê exemplo?

Infelizmente, muitos professores não conseguem. Acho que falta o respeito dos alunos, porque, muitas vezes, este professor pode até ter vindo sem preparar a aula. O aluno sabe que ele não sabe do que está falando. Vem, joga qualquer coisa, conversa sobre qualquer coisa, aquele aluno que se concentra no primeiro lugar, colado na carteira do professor; então este professor perde muito da autoridade dele, do lugar dele, de poder. Muitos não conseguem também por falta de competência técnica.

6 – Quais seriam as razões pelas quais alguns professores têm sua autoridade pedagógica respeitada pelos alunos e outros não?

São muitas variáveis. Por exemplo, tem alguns alunos pelos quais este professor pode ter uma empatia, um diálogo, outro aluno que ele não acessa, e ele também não faz questão de chegar. É importante a empatia na sala de aula, o professor olhar para cada um desses alunos. Tem aluno que pode se sentir distante desse professor, então é difícil este aluno ter este professor como autoridade, que está distante dele, que não o ouve.

7 – Em sua opinião, o professor (a) obtém êxito em concretizar, nas relações com os alunos, aquilo que pensa sobre o conceito de autoridade pedagógica? Se sim ou não, por quê?

É... ele tem que estar bem seguro de si, ter a competência técnica, tem que ter a empatia com os alunos, tem que ter o limite também. Acho que vai sendo mais fácil ele exercer isso (autoridade). Como é uma relação humana, às vezes fica difícil, depende do outro também, depende da realidade do outro. Esta autoridade que está na cabeça do professor um pouco mais de acordo com o que o aluno pensa teria de ser dialogado, dialógico.

8 – Você tem afinidades com aquele (a) professor (a) que você acha que exerce sua autoridade pedagógica? Como se dá esta relação?

Sim, tenho. Primeiro, pela segurança que este professor passa. Ele, na frente, é de maior domínio. Lógico que tem muitos alunos que confrontam, muitos acham que ele

exige demais. Eu sou mais do tipo que me dou melhor com este professor por causa dos limites estabelecidos claros. Eu sei o que ele quer e sei o que ele exige. Acho que ele exerce sua autoridade pedagógica.

9 – Em sua opinião, o exercício do autoritarismo pedagógico atrapalha a formação do aluno? Se sim ou não, por quê?

Bastante. Não há empatia, entre os dois. É muito importante na relação ensino/aprendizagem, tem que haver empatia, é uma relação humana. Tem que haver dialogicidade, tem que saber o que o aluno está sentindo, porque tem que ouvir. Muitas vezes o professor passa como rolo compressor em cima do que este aluno traz, usando mesmo, como se ele fosse mero depositário, vou escrever tudo que tenho nele, eu vou passar, eu sou o detentor único.

10 – Qual a sua reação diante de um professor autoritário, quando este ministra aula?

A primeira reação é de resistência a este professor. É difícil você colocar até uma questão para ele, você não questiona, acho que pela distância, pelo distanciamento, pelo abismo que se cria entre este professor e eu, que sou um mero...acho que o aluno tem medo de perguntar...acho que eu um reles mortal perguntar para aquele professor em sua cátedra. Primeiro, acho que este professor não vai descer do pedestal e não vai se dar ao luxo de responder a este tão pequeno...isso dificulta muito, não agiliza o ensino/aprendizagem, não otimiza...dificulta muito.

ENTREVISTA – ALUNO B

1 – Como você define o conceito de autoridade pedagógica? Dê exemplos.

Bom, a autoridade pedagógica existe para que a própria aula aconteça. Os alunos precisam ouvir o que o professor tem a dizer, as instruções, o que eles devem fazer para que a aula aconteça. Pois, se todos falarem ao mesmo tempo, não vai dar... A aula não acontece.

Isso é um acordo entre professores e alunos. Isso se constrói, pois se, no primeiro dia de aula, o professor chegou e está a maior zorra, não vai acontecer de cara. É confiança e isso vai se construindo, esta autoridade pedagógica, ela é construída.

2 – E o conceito de autoritarismo pedagógico? Dê exemplo.

Diferentemente da autoridade, o autoritarismo, é algo que é imposto; pelo professor. Ele não é construído, não existe uma via de mão dupla, só existe uma pessoa que diz o que os alunos devem fazer e não tem outra alternativa.

Exemplo: Eu era muito menina, estava nas séries iniciais, era muito bagunceira e a professora me beliscou forte. Ficou roxo, e minha mãe foi conversar com a professora (e ai tem toda uma história), eu acabei saindo da escola, fui para outra. Então os professores têm que ter a clareza nos seus objetivos, e calma, pois não é fácil dar aula.

3 – Quais são as diferenças que podem ser observadas entre autoridade e autoritarismo pedagógico?

Autoridade pedagógica.... O professor é autoridade em sala de aula, e todo aluno sabe disso. É ele quem manda. Isso até incita o autoritarismo, porque todo mundo quer... É o estado de ser aluno. Agora, cabe ao professor ver...da maneira que ele quer levar a turma dele. Agora a autoridade implica em respeito, acho que, para mim, a diferença crucial é autoridade implica em respeito. Ele é autoridade, por isso todos o respeitam, porque ele merece ser respeitado, está se dando o respeito, ele é uma pessoa que merece ser respeitado como autoridade dentro da sala. O autoritarismo é uma situação limite, dentro da sala de aula, o professor não tem mais recursos, ele não sabe mais o que fazer... Só restou o autoritarismo.

4 – Em sua opinião, é relevante, para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, que o professor exerça sua autoridade nas relações estabelecidas com os alunos nas salas de aula?

Esta pergunta é ótima, porque na verdade o que acontece é que a gente é treinado para acreditar que isso é verdade. Eu tive ensino estruturalista, e foi bom. Eu sei um monte de coisa por causa disso. Estou dizendo que não tive nada de construtivismo, nunca, em nenhum momento, mas ao mesmo tempo estudei em escolas que eu vi alguns alunos, então eu fui muito (ruim????) pelos meus professores. Então, em alguns momentos sim, acho que a autoridade pedagógica é necessária, agora tudo bem, mas tem que se ouvir os alunos. (você acha que é importante para a aprendizagem? Retomando a questão.); Dentro de minha vida escolar toda, até a

graduação, digo que sim, é importante. Exemplo: O professor diz assim: vão fazendo relatório, mas não diz se vai recolher, se vai ler... Espera aí professor, tem que fazer o relatório ou não tem? Aluno é assim, tem ou não tem que fazer relatório, quer ou não quer, faz ou não faz... Tem que fazer relatório, então nesse momento é absolutamente necessário que se diga quais são..., acho que não é autoridade, mas são as regras do jogo.

5 – Os professores conseguem fazer com que sua autoridade pedagógica seja respeitada pelos alunos nas salas de aula? Se sim ou não, de exemplo?

Sim. (aqui na universidade?) sim. Exemplo: eu tive várias, tive uma professora no semestre passado... que ela é autoridade, ela não é autoritária, ela faz a gente entender, que você precisa daquilo para seu próprio bem.

6 – Quais seriam as razões pelas quais alguns professores têm sua autoridade pedagógica respeitada pelos alunos e outros não?

O professor acha que quando ele vai dar aula, ele entra na sala, ele fala tudo que tem que falar, ele vomita todo o conteúdo, ou então ele fica fazendo aquela retórica de perguntar tudo sobre o texto, ou então diz: cinco perguntas por dúvidas, e não quer se envolver... Então o envolvimento, por mínimo que seja, um bom dia, boa tarde, olá, como vocês estão?, alguém está maltratando vocês?, oi, tudo bem?, como foi?, tudo certo?..., por mínimo que seja. Minha vó costuma dizer que isso vem de berço... que educação...é muito subjetivo falar sobre isso mas o que tenho observado, são comportamento de se importar minimamente com os alunos. (Você

acha que esta seria uma razão?), mesmo diante dessa situação, não respeitam? Rebeldes sem causa, pessoas que não sabem o que querem.

7 – Em sua opinião, o professor (a) obtém êxito em concretizar, nas relações com os alunos, aquilo que pensa sobre o conceito de autoridade pedagógica? Se sim ou não, por quê?

Na universidade conheço apenas uma professora que faz isso, porque ela faz o que prega, a maioria não consegue, não obtém êxito não, é um ou outro, quer dizer não sou tradicional, mas faço chamada a toda aula, ninguém pode sair se não for hora do intervalo, então...você é tradicional meu querido!

8 – Você tem afinidades com aquele (a) professor (a) que você acha que exerce sua autoridade pedagógica? Como se dá esta relação?

Tenho afinidades. O Bourdieu fala do capital social, cultural, econômico, político... Não sei o que... E este capital social a gente vai construindo desde que a gente nasce, então cada uma constrói de uma maneira. Eu construí o meu...tentando, porque existe um exercício dos alunos em ser bons alunos, é um esforço... na medida em que este esforço se dá em sala de aula, e o professor vê que você quer, ele sabe disso que tem cinquenta, uma massa que quer se destacar, mas isso se transpõe da sala de aula...Você não vai ver seu professor no Shopping e virar a cara para ele...Oi tudo bem! Conversa...e aí as relações vão se construindo. Como se deu, como se dá? É difícil explicar. É difícil dizer foi assim. Eu fiz parte do conselho de curso, já conhecia os professores, fui representante de minha sala, já conhecia

os professores antes deles darem (ministrarem) aula para mim. (o fato de se ter afinidades com o professor contribui com seu exercício da autoridade? Refazendo a pergunta.) Contribui. Porque, gosto muito de uma determinada professora, vou chegar na sala de aula falar a aula inteira, deixar o celular tocar, ora! Você deve respeitar muito mais aquelas pessoas que estão com você do que aquelas que você não conhece... A sua mãe, seu pai, seu avô, você respeita muito mais do que aquela pessoa que chega lá e então você fala? O que será que este cara quer comigo?

9 – Em sua opinião, o exercício do autoritarismo pedagógico atrapalha a formação do aluno? Se sim ou não, por quê?

Eu não sei se chega atrapalhar. Comigo não sei se chega atrapalhar... Mas ele marcar, não chega a ser um estigma, porque um estigma é muito forte, uma pessoa estigmatizada seria muito forte, mas ele marca a vida, não sei atrapalha, mas marca... Olha, eu fui beliscada uma vez. Eu, nunca mais esqueci... Continuei minha vida, universidade, mas a gente carrega. É uma marca.

10 – Qual a sua reação diante de um professor autoritário, quando este ministra aula?

Bom... Em primeiro lugar... Ficar quieta, pois um professor autoritário constrange, então quando ele constrange, todo mundo (e não é só eu, a sala inteira) fica quieto. Então... alguma dúvida? Não professor, não tenho dúvida. Porque se você abrir a boca, ele pode te constranger na frente de todo mundo, (ele causa medo?) não é medo, mas eu não quero encrenca, tenho 22 anos, não tenho medo de nenhum

professor, não é medo... Pó, você vai se expor ao ridículo na frente de todo mundo? Você vai ficar batendo boca com ele? Você sabe que não vai mudar, ele não vai mudar, e tudo vai continuar como sempre caminhou. Então você fica quieto, mostra seu desempenho acadêmico, ele começa a ver que a turma (você, os alunos) realmente são bons. Aí quem sabe... Você pode perguntar e aí? Assim, eu fico quieta, porque eu não quero ter problemas, pois se eu ficar toda hora (aluna gesticula perguntas), os próprios alunos... é um acordo...é oculto...é intra...os alunos: olha chegou o professor, cala boca todo mundo, porque se você ficar falando todo mundo vai vê-lo te humilhar, e ninguém gosta desta situação, nem você nem eles... É um acordo, então ninguém abre a boca.

Exemplo na universidade: me lembro de várias, mas...quando...eu sou um pouco irônica, não tenho medo... Às vezes já cheguei a responder assim, na minha humilde opinião professora... eu acho que foi isso, e estava certa a resposta, lógico que sabia que estava...mas era para mostrar que eu sei que ela é assim e tirar uma onda também; então os alunos utilizam desses mecanismos. Tem vários... na graduação é molecada, a pró-reitora da graduação cuida de quem? Da molecada, Você só é alguma coisa quando chega na pós-graduação. Isso a gente ouve direto em qualquer (aluna faz menção de lugar). Você ouve dos professores, você ouve dos próprios alunos da pós, a postura é diferente em todo momento eles perguntam, o que você faz? Como que faço? Faço tanta coisa!!! Não é uma coisa assim, eu só faço isso!

ENTREVISTA – ALUNO C

1 – Como você define o conceito de autoridade pedagógica? Dê exemplos.

Eu acredito que um educador que tem características como a autoridade pedagógica é aquele educador que prepara bem a sala, tem um plano de aula já pronto para todo o grupo, para aquilo que ele se propôs neste semestre. Ele já sabe o que ele vai dar, como ele vai dividir este conteúdo; ele tem as datas de avaliação já especificadas, por que ele está querendo esta avaliação, de maneira que ele chegue na sala de aula e os alunos não tem que estar perguntando, o que vão fazer? Para onde vão? O que vai acontecer? Outra coisa que percebo muito é a questão do respeito, o professor só pode exercer esta autoridade...para ter respeito, ele tem que respeitar os alunos. O respeito já parte no momento em que ele se preocupa em preparar estas aulas, já chegar na sala de aula com este conteúdo todo já pré-estabelecido, ele ter domínio daquilo que vai fazer, ter o controle daquilo que vai fazer, porque senão...como a gente vê, muitos professores chegam na sala de aula e parece que as coisas estão meio jogadas (aluna gesticula), eles não sabem bem para que lado vão. Aí eles fazem uma proposta: eu vou...(professor pensando), vocês podem inventar um texto, fazer uma resenha, vocês podem fazer...(gesticula o vazio). Na verdade ele não sabe o que fazer; chegou lá caiu de pára-quadras na sala de aula, etc.. Este professor, quando ele sai da sala estes alunos já se reúnem, já começa os comentários, e ele já perde o respeito dos alunos e quando ele chega lá no meio do período (no meio do semestre) ele vai querer exigir alguma coisa... Ele não vai ter respeito, ele vai perder o respeito dos alunos, ele vai querer exigir alguma

coisa. E aí acaba toda aquela coisa democrática, ele vai cobrar, não vai querer ouvir. Nós tivemos um caso assim (menção da universidade). Na verdade ele não tinha nenhuma aula preparada, no final ele improvisou, foi um improviso...e ninguém respeitava, saía no meio da aula, a aula não acontecia. Então eu acho que a autoridade... o professor para exigir isto, ele tem que primeiro respeitar os alunos dele, e respeitar é dessa forma, é cumprir a ementa do curso, é cumprir horário, é cumprir datas, é negociar com os alunos se for preciso. Eu acho que este professor ele exerce a autoridade pedagógica.

2 – E o conceito de autoritarismo pedagógico? Dê exemplo.

Este eu acho que é mais complexo. Acho que o autoritarismo... Eu tenho um professor que é autoritário por que ele é inseguro. Ele é mal preparado, ele acha que é chegar lá: eu mando, a sala de aula é minha, eu fecho esta porta, eu que decido. Ele não ouve os alunos. Na verdade, não tem nada a oferecer. Então ele faz isso, e se a gente quer alguma coisa como: faltando explicação, faltando uma aula expositiva, faltando orientação, ele não tem nada para oferecer. Então ele só exige, e cobra, falta com o respeito, de diálogo mesmo com alunos, ele não é aberto ao diálogo, só ele quem manda. Por outro lado, quando você encontra um professor que não é inseguro, ele é muito seguro, é o contrário. No fim é a mesma coisa, ele age da mesma forma: por que eu sou, detenho o conhecimento, eu tenho o poder, vocês não são nada, vocês não sabem nada, eu é que sei... Então ele exerce a “autoridade” (aluna faz menção de aspas), não tem diálogo. Há casos de professores que se você mostra que você sabe um pouco, ele acaba falando: mas não é bem assim, a sua resposta, seu conceito não está certo, aí então ele vem com

as idéias dele, só as dele, só aquilo que ele acredita estar certo, você não pode ter uma outra teoria, porque só a dele está certa. Aí ele chega para você e diz; olha não adianta você colocar este outro lado, porque eu sigo tal linha, e nós vamos discutir todo o semestre só nesta linha. Eu acho que este é o professor autoritário, e pior não é isso, tem professores autoritários que pregam a autoridade pedagógica: o diálogo; na verdade eles só falam, na prática não exercem.

3 – Quais são as diferenças que podem ser observadas entre autoridade e autoritarismo pedagógico?

Na minha opinião... acho que a base é o diálogo e o respeito, um tem e outro não tem. A diferença básica, na minha opinião, é isso: o diálogo e o respeito. No autoritarismo falta o diálogo, falta respeito. Já na autoridade pedagógica, você consegue exercer a autoridade a partir do diálogo e do respeito. No autoritarismo não há diálogo. Portanto, se você não ouve, não há respeito.

4 – Em sua opinião, é relevante, para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, que o professor exerça sua autoridade nas relações estabelecidas com os alunos nas salas de aula?

Eu acho que sim. Inclusive porque os alunos esperam isso, um professor que tenha autoridade... É aquela coisa, volta ao respeito, os alunos se sentem respeitados. Sentem que eles podem falar, sentem que o professor se preocupa, se aquela aula vai ter três horas. o professor tem conteúdo para aquelas três horas. Você procura o professor e fala: eu queria saber uma determinada coisa. O professor te oferece, ele

tem bibliografia, se não tem naquela hora, vou trazer na próxima aula. Quer dizer, começa do respeito... O respeito é a base de tudo. Acho que é importante ele exercer esta autoridade, neste sentido. A partir do momento que ele respeita e tem este diálogo com o aluno, ele vai respeitar a autoridade do professor, ele vai cumprir as metas, os horários, ele não vai sair da sala de aula, ele não vai perder aquela aula... O professor acaba sendo respeitado, mesmo que você não vá com a cara do professor. Isso é uma questão pessoal, você tem que admirar que o professor (a) é uma pessoa competente naquilo que está fazendo, porque ela respeita o aluno também.

5 – Os professores conseguem fazer com que sua autoridade pedagógica seja respeitada pelos alunos nas salas de aula? Se sim ou não, de exemplo?

Se partirmos daquilo que eu falei, sempre ter diálogo eu acredito que sim. O que estraga alguns professores (mais universidade, mas também na educação básica), é que às vezes tem uma questão de arrogância do educador. Apesar de tudo isso que falei, isso causa um certo distanciamento, causa problemas sim, a arrogância sim. Às vezes é pessoal do educador, às vezes é uma coisa que tivesse que trabalhar. (refazendo a pergunta em relação só à universidade). A maioria não. Uma minoria... Assim bem pouquinho. Talvez ele nem saiba o que seja autoridade.

6 – Quais seriam as razões pelas quais alguns professores têm sua autoridade pedagógica respeitada pelos alunos e outros não?

Porque a professora... (fala o nome da professora) ela tem um domínio de conteúdo excelente, não só, mas de todo um contexto que envolve aquele conteúdo. A

disciplina dela é super organizada, ela apresenta logo na primeira aula tudo esquematizado, como vai ser o programa... Se ela precisar faltar, o substituto já sabe o que vai dar, o que seguir, já sabe o que foi dito anteriormente, vai dar seqüência naquilo que ela começou. Ela ouve os alunos, ela...se é um caso de pedir prazo, ou para modificar alguma coisa, se a turma está com algum problema, ela ouve, ela consegue dentro do tempo de aula dela de três a quatro horas, ela consegue ocupar todo tempo, de maneira que não fique ocioso, que não fique perdendo tempo. Uma questão que acho legal nela é que, ela é uma professora que não pede para você ler o texto em sala de aula (caso não tenha lido em casa), ou você vai com o texto lido, ou não, porque a aula acontece, parece uma coisa impressionante, pois é difícil um aluno que não vai com o texto lido na aula dela, porque ela exige sua participação... Mas ela exige de uma forma que você não se sente intimado, não se sente cobrado, e outra coisa, qualquer coisa que você fale, um trequinho lá, que você pergunta, que você não concorda.

Eu fiz uma correção de um erro gravíssimo que tinha em um livro que a gente estava usando, ela disse: você tem razão, eu vou verificar isso. Porque é um livro que a gente está usando, é um erro de datas, mas ela falou que não podia... Então ela sempre tem um tempinho no final da aula para dar atenção aos alunos.

É um tipo de educador que, apesar de não fazer brincadeiras na aula, piadinhas, querer ser agradável, querer ser um showman, ela consegue ter respeito e até mesmo o carinho dos alunos. É uma pessoa que você conversa com ex-alunos dela, e todos a admiram, podem não gostar dela, mas, como educadora, todos a admiram.

7 – Em sua opinião, o professor (a) obtém êxito em concretizar, nas relações com os alunos, aquilo que pensa sobre o conceito de autoridade pedagógica? Se sim ou não, por quê?

Se ele tem, ele consegue colocar sim. Agora se ele pensa que tem, ele vai assim... fazer uma simulado de autoridade pedagógica, que não é nem autoridade pedagógica nem autoritarismo, fica uma coisa lá no limbo.

8 – Você tem afinidades com aquele (a) professor (a) que você acha que exerce sua autoridade pedagógica? Como se dá esta relação?

Eu tenho afinidades sim, mais de um professor que eu acho que exerce a autoridade pedagógica.

Ex-professores também, tenho afinidades, mantenho contato, e muita coisa absorvi para mim, um pouquinho de cada um desses professores e a relação que a gente mantém, mesmo deixando de ser professor, mantém aquela coisa do respeito. Se vocês os encontra no corredor, você não fala: oi fulano! Você fala oi professor! Mantém... talvez por causa dessa afinidade, mas é um oi professor! Diferente do oi por educação, é um oi! Por prazer de reencontrar aquele professor. (refazendo a pergunta? As afinidades têm a ver com a autoridade e vice versa?) Tem. Tem sim, tem a ver sim...

É como eu falei, os professores que tive contatos e que exerceram sua autoridade pedagógica efetivamente, eu acabei, sem querer, pois você acaba assimilando, certas metodologias, comportamentos e até falas... Até a postura do professor a gente acaba assumindo.

9 – Em sua opinião, o exercício do autoritarismo pedagógico atrapalha a formação do aluno? Se sim ou não, por quê?

Acho que atrapalha completamente. Desde a pré-escola até o final... da vida. Porque quando você perde o respeito... O autoritarismo faz isso: você perdeu o respeito ou perdeu o encanto, que acho que é até pior; às vezes você vai entusiasmado e perde o entusiasmo por aquela disciplina, uma coisa que você queria muito e de repente por um professor exercer seu autoritarismo. Eu acho que atrapalha. Você se desinteressa, você não vai estudar, você não vai ler, você não vai pesquisar. Acho que atrapalha completamente.

10 – Qual a sua reação diante de um professor autoritário, quando este ministra aula?

Desinteresse. Quando eu percebo que isto está acontecendo. Desinteresse, eu não presto atenção mesmo, não sei do que o professor está falando, saio da sala, não assisto aula, chego a ter receio. Tenho, às vezes, temor de chegar a uma dificuldade e de resolver um problema daquela disciplina eu chego ter até medo... Temor mesmo! De chegar naquele professor e falar que estou precisando resolver aquele problema, aquela questão, porque sei que não vou ser ouvido, não vou ser respeitada, que eu vou ser ignorada, que eu vou ser tratada como um ser menor. Então, a minha reação é essa mesmo, de medo. Não de que ele vá fazer alguma coisa de ruim para mim, mas medo de chegar lá e me frustrar e me sentir diminuída. Eu tenho um sério problema com pessoas que fazem isso comigo. Exemplo: tive mais eu superei isso, já corrigi ela na frente, isso aí mudou, mas tive sim; num

primeiro momento. Eu tive outros professores, desses que passaram pela universidade neste semestre e nunca mais voltaram, Graças a Deus, que eram bem assim.

ENTREVISTA – ALUNO D

1 – Como você define o conceito de autoridade pedagógica? Dê exemplos.

Pensando na experiência que a gente teve na época escolar e hoje na universidade trabalhando com educação... Acho que autoridade pedagógica é aquela coisa mais de disciplina escolar, o professor ter mais... controle para estar ajudando na sua prática pedagógica junto aos alunos, como, por exemplo, horário de entrada, conversar em sala de aula. Ele quer bater este controle, muita bagunça, ele quer trazer isso, presença dos alunos...estar sempre cobrando isso...acredito que seja autoridade pedagógica; mostrar porque ele está ali, porque veio, dessa forma tentar adquirir o respeito do aluno, mas que esse respeito não o favoreça, mas favoreça ao aluno mais tarde.

2 – E o conceito de autoritarismo pedagógico? Dê exemplo

Autoritarismo... Aí que tá. É um embate estes dois temas... Autoritarismo... Não sei bem definir, mas como exemplo, é aquela coisa que o professor traz um tema para aquela aula, que ele acha melhor, sem sentido de investigação, sem ver a singularidade de cada aluno, a individualidade de cada aluno, não é toda vez que isso é bom, de repente há uma contestação de sua aula, ele ...não mais eu sou o professor, e você é aluno, é aquela questão de poderes mesmo, de definir quem é quem, eu sou o professor sei, e você é o aluno está aprendendo comigo, então você deve respeito a mim, que o que eu trouxe é melhor para você. Eu sei o que é melhor para você. Acho que isso realmente é autoritarismo, definido com exemplos, é uma coisa mais arbitrária do professor... Ele sabe tudo.

3 – Quais são as diferenças que podem ser observadas entre autoridade e autoritarismo pedagógico?

A principal diferença entre estes conceitos – como já dizia na primeira questão - a autoridade pedagógica tem que ser voltada para o aluno, independente... mesmo que muita gente não gosta daquela questão da disciplina ...tal...da ordem...ordem como fator para estar mudando a sala, ex, menos bagunça, comprometimento com o horário, isso vai ter um retorno de aprendizagem muito grande para o aluno e o autoritarismo é aquela coisa, mas...é um instrumento que o professor usa para estar inibindo o aluno, muitas vezes da sua prática pedagógica incoerente, por ex. a questão do questionamento, não mas quem é você? Sou o professor com tantas formações e você é apenas um aluno de graduação...

Autoritarismo é uma coisa que o professor usa de artifícios próprios, dele, para estar se beneficiando. Por exemplo, numa aula ele não quer ser questionado por que não tem conteúdo suficiente para estar... Não quer ser apertado na parede. Então ele acaba reprimindo o aluno, e o aluno simplesmente acaba não fazendo perguntas ao professor, pois ele me faz sentir um ignorante, me sentir um ninguém na sala, como aconteceu em nossa sala há dois meses atrás.

4 – Em sua opinião, é relevante, para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, que o professor exerça sua autoridade nas relações estabelecidas com os alunos nas salas de aula?

Entendendo a autoridade como defini, acho que sim, mas por outro lado, ele pode mostrar sua autoridade e, ao mesmo tempo, tem o respeito do aluno. Poxa, aquela

pessoa cobra muito da gente, mas... Tá sempre cobrando, mas é pro nosso próprio bem. O aluno reconhecer isso é muito importante. O aluno olha para o professor, tá cobrando, ele é chato, como muitas vezes a gente fala. Isso eu acho que é válido, desde que seja uma relação igualitária, nós estamos aqui para isso, a escola é para isso, para tentar aprender. Agora vamos ver a melhor maneira da nossa prática pedagógica estar condizendo com o que vocês querem.

5 – Os professores conseguem fazer com que sua autoridade pedagógica seja respeitada pelos alunos nas salas de aula? Se sim ou não, de exemplo?

Acho que depende muito, do aluno do professor. Isso é bem relativo, mas quando esta autoridade se transforma em autoritarismo eu acho que não. Às vezes ele pode ficar inibido no momento, ficar retraído, se conter, mas após o professor sair da sala o pessoal se reúne, critica muito, e fala que o professor não deveria ter feito isso ou aquilo. Agora, se ela (autoridade) for colocada de uma maneira que o aluno reconheça que aquilo está sendo feito pelo seu próprio bem, acho que é aceito sim, que esta maneira de trabalhar é bem aceita. Por exemplo, o trabalho que agente faz no Mova de São Carlos, a gente estava tendo alto índice de pessoas que faltavam, porém era uma questão mais de trabalho. Uns eram mais displicentes, a gente procurou eles. Puxa, vocês estão faltando muito, estão atrasando, atrapalhando o processo de ensino o que a gente pode estar fazendo com isso, não trazendo a questão da chamada, ameaçando a tirá-los da lista, pois isso seria autoritarismo, mas uma questão de você dizer, olha gente, procurar conversar, se vocês não estiverem, comparecendo na sala de aula, vocês vão estar, cada vez mais, adiando a leitura, a escrita, aprendizagem de vocês. Então, compensa fazer um sacrifício de

estar vindo. Nem sei se isso é autoridade, é questão de diálogo, sentar e conversar. Nós tivemos um retorno muito grande, a maioria dos educadores teve, neste diálogo, meio que padrão, vamos tentar fazer desse jeito. Ah legal, legal, e o pessoal acabou vindo mais na sala. Poxa, hoje vou faltar por causa da novela, não eu vou ir porque... é um compromisso.

6 – Quais seriam as razões pelas quais alguns professores têm sua autoridade pedagógica respeitada pelos alunos e outros não?

Acho que é um processo histórico da educação brasileira, sobre a escola como disciplina, escala que você tem que se encaixar no sistema, até mesmo o próprio formato das carteiras. O professor sempre num local central da sala, um local mais alto, da própria escola brasileira também, porque se você é submisso ao professor desde a pré-escola, você vai ser submisso ao patrão, ao juiz, ao padre. Inclusive tem um livro do Paulo Freire que se chama Cuidar da Escola que ele coloca muito bem isso. Agora, adequando à pergunta, algumas pessoas têm aquela coisa mais intrínseca, dos porquês disso e daquilo, por que tem assim de questionar, outras, mas não é assim. Poxa, ele é o professor, quem sou eu para dizer isso, uns já estão mais podados dentro do sistema. Às vezes até a própria família tem esta questão: Ah filho a gente é assim tal... a gente tem que estar seguindo uma linha, não diretamente, o pai é funcionário de uma empresa que faz o que quer, a mãe trabalha numa casa que às vezes o patrão aumenta ou diminui o salário, faz o que quer, e o filho acaba assimilando aquilo. Por outro lado, tem aqueles alunos mais questionadores. Poxa, por que que isto tem que ser assim? Tem a questão do medo também, o medo do conflito. A escola gera muito isso, o medo do conflito. Será que

você vai ser o único diferente? Poxa, tá caminhando todo mundo por este lado. Você vai ser o único que está voltando? Olha as dificuldades que você vai ter para voltar com isso. A pessoa acaba achando melhor deixar assim mesmo. Todos nós temos um pouco disso, tá bom assim mesmo, vai passar. Acho que (???)...

7 – Em sua opinião, o professor (a) obtém êxito em concretizar, nas relações com os alunos, aquilo que pensa sobre o conceito de autoridade pedagógica? Se sim ou não, por quê?

Acho que sim, ele consegue, obtém sim. Se ele tem esta subestima da autoridade, ele tá tentando ter um retorno dos alunos e para ele para que a aula flua bem, tenha um certa evolução, acho que ele consegue, se ele também souber respeitar a opinião das outras pessoas, acho que ele consegue.

8 – Você tem afinidades com aquele (a) professor (a) que você acha que exerce sua autoridade pedagógica? Como se dá esta relação?

Sim. Eu tenho afinidade por que acho que aquilo que eu acho ser autoridade pedagógica, sempre com aquilo, com objetivo de estar ajudando, com a idéia do diálogo, estar ouvindo, perguntando o que você acha disso, daquilo. Fala um pouco da autoridade e fala um pouco disso ou daquilo, mas acho que deve ser bom, com alguns professores, apesar de que conheço poucos que tem isso. Estou pensando bem sobre alguns professores que tive há algum tempo atrás, é o que lhe disse estar respeitando ele naquilo que ele pensa e ajudá-lo da melhor maneira possível. Tenho certa afinidade com estes professores.

9 – Em sua opinião, o exercício do autoritarismo pedagógico atrapalha a formação do aluno? Se sim ou não, por quê?

Sem dúvida. Sem dúvida alguma, acho que o cara vai limitar muito os alunos, o clássico disso que eu vejo dentro da universidade hoje, que eu acredito que seja a inibição dos alunos é você procurar o professor para ser seu orientador. Você muitas vezes tem um projeto bom, de qualidade, mas o professor, fala assim: este projeto não está condizendo com meu trabalho e você, ao mesmo tempo, vai ter que estar refazendo e direcionando para minha área de pesquisa. E você não encontra um que fala: poxa, isso é legal, vou tentar ler um pouco mais sobre isso, para tentar dar uma força. Então você é quem tem que se adaptar ao que o professor sabe. Enfim, ele tem o conceito que ele é doutor, ele já tem a sua titulação, ele já chegou onde tinha que chegar, e não é possível estar estudando aquilo que você conhece muito, tem experiência, é melhor você direcionar sua pesquisa para minha área, para que eu possa estar te orientando, caso contrário isso não acontece... Isso atrapalha e muito, inibe muito e muitos alunos não percebem isso. Às vezes ele quer estar no mestrado, uma bolsa de iniciação é onde ele vai atrás, onde ele se limita, amanhã ou depois ele pode estar fazendo mestrado ou doutorado, mas ele realmente, ele faz aquilo que o professor dele diz, tem algumas particularidades dele, alguma coisa própria, mas ele nunca vai ter autonomia para falar daquilo como se fosse, tenho autonomia para falar daquilo, porque fez um trabalho empírico, tal...tal...não, vai dizer, meu professor é quem trabalha com aquilo; você é muito influenciado pelo professor e acho que isso só atrapalha. É uma das coisas principais na educação brasileira, tá inibindo os conteúdos dos alunos. Tá inibindo o aluno de crescer, tá podando o conhecimento do aluno. É uma das coisas principais que a escola, tanto

pública quanto privada, a universidade deveria estar olhando um pouco mais sobre esta questão do autoritarismo pedagógico.

10 – Qual a sua reação diante de um professor autoritário, quando este ministra aula?

A relação é totalmente inviável. A reação é procurar respeitar da melhor maneira possível. Um exemplo disso é a questão da bagunça, da conversa, dos parênteses que se abrem no final da sala de aula. O professor está dando aula ali e está aquele bochicho. O professor pede: gente, por gentileza, quem quiser se retire da sala, vamos procurar estar respeitando os que querem aprender, acho isso fundamental. Eu senti muito isso quando estava dando seminário, o professor não estava na sala, a gente resolveu apresentar entre os alunos e você falando ali. Poxa, você fez um trabalho de campo de 15 dias, e o pessoal, uns fazendo unha, outra conversando, outra comendo doce e atrapalhando a aula. Acho assim, se você quer dormir, tudo bem, mas não atrapalha a aula, neste sentido sou totalmente favorável, considerando minha definição de autoridade, eu vou ser bem assim quando estiver trabalhando.

A princípio, a gente fica com um certo medo, assumo que fico. Mas a minha posição em sala de aula é de questionamento, faço o máximo de questões, se ele está achando que o conteúdo que ele está explicando é o melhor, eu contesto o máximo possível, mas com embasamento, procurando ter, se não tiver, fico quieto. Já chamei professor no final da aula e falei: professor, poxa, você reparou, não sem ter medo do professor estar te prejudicando depois, se você entendeu, mas olha a aula que você deu, você tentou coibir a gente, você tentou, de uma maneira ou outra,

estar mostrando a que você veio, mostrando o poder que você tem, o pessoal ficou inibido, se sua aula tivesse sido um pouco diferente, pelo tempo que você está trabalhando, sua aula poderia render muito mais frutos, gerar uma discussão em sala de aula, os alunos iriam falar sem medo de ser questionado, apesar de que questionar é importante, mas não minimizando, ridicularizando, é importante dizer que não está certo, mas por causa disso, mas tentar encontrar – caso haja- alguma coisa de útil para trazer para a sala de aula. Este professor, ao contrário do professor autoritário, funciona como mediador. Eu já chamei professores no final da aula, e disse olha: não dá, tivemos uma situação há algum tempo que o professor chegou à sala de aula e falou: quem não leu o texto pode sair da sala; acredito que a função do professor é chegar e estar dando aula, se a gente não estivesse atrapalhando, ele tinha que continuar dando aula. Em relação ao texto acho que você tem um compromisso, mas se a gente não leu, a obrigação dele é passar (a matéria), pois da maneira mais objetiva, ele está ganhando para isso, vai dar sua aula da melhor maneira possível, e procura trazer seus alunos para aula e não fazer com que a maneira que ele está dando aula traga o aluno forçado, porque senão a sua prova...vocês vão ver a prova de vocês, e o fato disso acontecer em sala de aula os alunos se reunirem para mandar flores para o professor, achei isso horrível... Poxa! Chama ele do lado e conversa. Passaram uma lista para mandar flores para o professor para que no dia da prova ele dar uma amenizada...então se você realmente tiver conteúdo para fazer a prova ele não vai te prejudicar nunca. Se você é bom, o professor não tem como te prejudicar, não tem como... E minha reação é assim: quer bater de frente, vamos bater de frente. Se ele tem as maneiras de estar me prejudicando, eu também tenho as minhas. Agora cabe a ele estar julgando quais vão ser as minhas, pois as dele eu já sei quais serão. Eu tive problemas nesta

sala de aula de chegar e falar para o professor, olha: Já me falaram que você...sua característica é esta de prejudicar o aluno, sua fama é esta, não sei está certo ou não, e ele ficar meio assim: o que será que este cara está falando? (se você tem suas maneiras eu tenho as minhas). A minha reação é bater de frente. Eu gosto. Eu acho que se está estabelecida aquela relação de autoritarismo, é bater de frente mesmo. Não agressivamente de forma física, mas mostrar para ele que não é bem assim, tenta rever isso que você está fazendo, embora muitas vezes tive a oportunidade de fazer isso, mas não fiz por medo. Às vezes você está meio inspirado naquele dia e este pintou na frente então vai... Minha reação, se ele veio hostil, é tratar da mesma maneira.

ENTREVISTA – ALUNO E

1 – Como você define o conceito de autoridade pedagógica? Dê exemplos.

Bom...para mim o conceito de autoridade pedagógica está vinculado ao respeito que o professor demonstra para os alunos. Quando ele inicia o semestre ele já traz seu plano de aula, apresenta para a sala com clareza, ele...tem claro para si mesmo o que está fazendo ali...é claro que também é fundamental que ele tenha domínio dos conteúdos que vai ensinar. O professor tem que demonstrar segurança, porque se não ele vai perder a confiança dos alunos, porque o aluno deposita nele aquela coisa do saber, é ele quem vai ensinar. Acho que é isso.

2 – E o conceito de autoritarismo pedagógico? Dê exemplo.

O autoritarismo...é aquela coisa que não respeita o aluno. O professor que tem estas características, ele se apresenta como dono do saber, só ele sabe, só o que ele fala é verdade, não tem nenhum respeito com o aluno, não abri mão de nada, ele sabe que o aluno fica na mão dele por causa das avaliações...e ele usa isso como instrumento para mandar, decidir a vida do aluno, isso é horrível porque você perde sua individualidade e se quiser tem que ser daquele jeito, ele não respeita o aluno.

3 – Quais são as diferenças que podem ser observadas entre autoridade e autoritarismo pedagógico?

As diferenças...eu acho que um é contrário do outro...um respeita e o outro não, um tem diálogo e outro não tem conversa, é aquilo e pronto, do jeito dele, é ele que

sabe...já a autoridade pedagógica não precisa provar nada, ela em si já cativa o aluno e isso ajuda o aluno a assimilar melhor o que está sendo ensinado, já o autoritarismo, logo no início já trava o aluno e lê fica ali...calado só fingindo ouvir para não ser destrutado e humilhado. Bom eu acho que é isso, as diferenças é o respeito e diálogo, porque se tiver isso, não tem espaço para o autoritarismo.

4 – Na sua opinião, é relevante, para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, que o professor exerça sua autoridade nas relações estabelecidas com os alunos nas salas de aula?

Sim. Acho que sim, porque se não tiver esta autoridade as coisas não andam, ninguém respeita e conseqüentemente ninguém aprende nada; agora não pode ser imposto tem que ser conquistado, tem que ter carinho com aluno, respeitar suas opiniões, ouvir, discutir perceber o aluno, ter um tempo para conversar sobre outras coisas que não seja da universidade, talvez pessoal até, desde que exista um vínculo mais próximo, acho que é relevante neste sentido.

5 – Os professores conseguem fazer com que sua autoridade pedagógica seja respeitada pelos alunos nas salas de aula? Se sim ou não, de exemplo?

Ah!...aqui na universidade? Olha eu acho que não, quer dizer, alguns conseguem, porque é aquilo que falei se você ficar centrado em si mesmo, não enxerga nada além de seu nariz empinado, por que a maioria é assim, vou lá pra sala dá aquela aulinha quem entendeu bem quem não entendeu dane-se, eu quero é acabar a aula e a maioria, não gosta de explicar, manda estes estagiários da pós, e eles... coitados

ficam todos perdidos, ai a sala vira aquela bagunça. Agora tem aqueles que são respeitados, por que respeitam os alunos, esses sim conseguem e não precisa nem fazer força.

6 – Quais seriam as razões pelas quais alguns professores têm sua autoridade pedagógica respeitada pelos alunos e outros não?

Acho que o principal motivo é pelo carinho e respeito que eles são respeitados, pela simpatia, pelo diálogo, é um professor que se preocupa com a sala de aula, tem um carisma, tem uma prática coerente com seu discurso. Acho que aquele professor que valoriza o aluno, mesmo que seja uma coisa mínima, para o aluno é muito importante, por que veio do professor, o aluno fica feliz e isso o faz respeitar o mestre. Agora alguns alunos não respeitam por diversos motivos, pode ser porque o professor não corresponde aos seus anseios, ele não se aproxima do aluno, não ouve nem conversa com ele, vai para sua aula como se tivesse apertando um parafuso, apertou acabou, desliga a máquina e vai embora. Acho que é por isso.

7 – Em sua opinião, o professor (a) obtém êxito em concretizar, nas relações com os alunos, aquilo que pensa sobre o conceito de autoridade pedagógica? Se sim ou não, por quê?

Aqui na Federal pelo menos acho que não, os professores estão sempre ocupados, não ligam muito para os alunos, não tem diálogo, um ou outro acha que talvez, isso é... aqueles que respeitam o aluno, incentivam o aluno, estes sim, acho que obtém, mas é raro.

8 – Você tem afinidades com aquele (a) professor (a) que você acha que exerce sua autoridade pedagógica? Como se dá esta relação?

Ah! Sim.

Eu acredito que a afinidade é fundamental para uma boa relação entre o professor e o aluno, não que se você não tiver afinidade com ele... ele não vai ensinar, mas se tiver fica mais fácil se relacionar, trocar idéias, conversar sobre as aulas, tirar dúvidas e quando você tem este tipo de relacionamento você enxerga melhor o papel do professor, porque a gente fica mais próximo, sem medos, porque se você tem medo de falar com o professor, você não vai se afinar com ele, por isso acho que depende muito da abertura do professor. Acho que ajuda muito na aprendizagem, falo isso porque vivo isso em sala de aula com alguns professores e aprendo muito mais aquela disciplina.

9 – Em sua opinião, o exercício do autoritarismo pedagógico atrapalha a formação do aluno? Se sim ou não, por quê?

De certa forma sim, por que envolve as emoções do ser humano e a gente quando se sente agredido fica resistente a tudo, então você não aprende nada, também como é que você pode ser formar cidadão crítico e reflexivo como dizem tanto que a gente tem que ser se o exemplo é de autoritarismo. Acho que a gente tem que lutar contra isso, principalmente na universidade...na pedagogia que é um lugar que forma pessoas para serem professores, já pensou como alguém que passa por isso pode se formar, com um exemplo desses vai ser um desastre. Desse jeito atrapalha e muito, deforma.

10 – Qual a sua reação diante de um professor autoritário, quando este ministra aula?

Eu fico muda. Não falo nada, não participo, também não respeito, por que não merece respeito, sei que aquele semestre não vai valer de nada, vou fazer o mínimo para me livrar daquele professor. E quando é assim não adianta, você pode tentar, este tipo de professor se sente o tal, o poderoso acima de qualquer coisa, o aluno fica à deriva, sem perspectiva de aprender, mas como não tem outro jeito, você tem que fazer aquela matéria para se formar, mesmo com muita raiva e desacreditado cumpre aquela obrigação.

ENTREVISTA – PROFESSOR F

1 – De que modo o senhor (a) define o conceito de autoridade pedagógica?

Percebo que na prática, você mostra a sua autoridade com o conhecimento que você tem.

Acho que o conhecimento é fundamental, tanto o domínio dos conteúdos a serem ensinados durante a aula, de modo que os alunos percebam que você sabe, e também o conhecimento em relação à educação de um modo geral. Isso mais com os pais na reunião, quando estão todos sentadinhos me ouvindo assim... prestando atenção, concordando comigo. Então observei que eles sabem que a gente sabe. Então isto faz com que eles te respeitem como profissional e confiem no seu trabalho... Quanto aos alunos, durante a aula, quando eles perguntam e você responde e você vai ensinar e ensina com clareza e eles entendem, isso mais nos alunos maiores. Na quarta série, o ano passado, um aluno chegou até mim e disse: obrigado professora por você ter me ensinado, eu aprendi. Eles ficavam felizes de aprender, e eles me falavam no final do ano, que eles não precisavam ir mais na escola, eles iam. E eu dizia: vocês não precisam mais vir na escola, vocês estão de férias. Mas eles insistiam dizendo: professora, a gente gosta muito de você e o ano que vem a gente não sabe quem vai dar aulas para gente. Eles falavam de uma outra professora que se irritava quando eles perguntavam, parecia que ela não sabia responder e fica nervosa. Então o aluno percebe quando você não sabe. Acho que você coloca sua autoridade aí, porque aí o aluno te escuta, ele sabe que você sabe, e você tem aquilo que eles precisam saber.

2 – E o conceito de autoritarismo pedagógico? Como ele pode ser definido?

O autoritarismo é quando você... É a imposição de alguma coisa que você quer que o outro adquira, um conhecimento ou uma atitude. Alguns professores fazem isso porque acham que isso é o melhor, mas eu não acho. Sou contra; quando isso acontece comigo, é de uma forma instintiva, eu não quero, mas sai... Geralmente fico muito irritada quando quero muito que o aluno aprenda e o aluno não aprendeu ainda, já ensinei e ele ainda não aprendeu, não fez o dever que eu pedi, não fez ainda aquilo que eu sei que tem que fazer para aprender, pelo menos aquilo que eu acho que tenho que fazer para aprender, apesar que cada aluno é de um jeito, com uns você faz de um jeito com outros de outro. Você vai estabelecendo várias maneiras para ele aprender e o aluno se recusa a fazer várias delas, então você se irrita, briga, grita, você fala por que você não fez, você tem que fazer se não você não vai aprender... É como se você quisesse impor aquilo para o aluno... ganhar o aluno no grito, seria isso. Tem outras formas de autoritarismo, porém sempre de querer impor, e não saber o porquê que o aluno não está se interessando e o professor quer que o aluno aprenda... por diversos motivos. O professor se irrita quando o aluno não aprende, por diversos motivos; ou porque se sente desvalorizado, ou por que não vai dar conta do conteúdo, enfim por vários motivos. E aí ele exerce o autoritarismo. Porque, naquele momento que ele não sabe como fazer, ele exerce o autoritarismo... Você tem que aprender, seja por bem ou por mal, e isso vale para a escola, para a família. Você quer muito que o outro faça uma coisa que você acha que é certo e ele não quer fazer, e aí você: vai fazer, tem que fazer se não você não aprende. Então o autoritarismo seria uma coisa de impor sua “autoridade”.

3 – Quais são as diferenças que podem ser observadas entre os conceitos de autoridade e autoritarismo pedagógicos?

Com sua autoridade pedagógica você conquista o aluno.

O aluno aprende porque ele passa a querer aprender, por diversos motivos, pelas estratégias que você usa...

Mas, ele te admira, ele percebe que você sabe, ele te procura, você cativa o aluno (a professora expõe sua experiência em uma sala de quarta série, segundo ela, estes alunos admiram mais a questão do domínio dos conteúdos), então você cativa o aluno com sua autoridade.

No autoritarismo, você impõe... Quer impor o gostar de aprender, isso você não consegue. Eu faço isso por instinto, me arrependo imediatamente. Tento modificar, tô sempre tentando, todos os dias, diversas estratégias porque sei que não funciona o autoritarismo.

4 – Em sua opinião, qual a relevância, para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, do aluno respeitar a autoridade pedagógica do mestre?

Acho, porque ele passa a confiar no mestre quando ele respeita o mestre, e quando ele confia, ele se abre e se deixa levar. Ele escuta, ele aceita mais as propostas...

Agora, quando ele pega raiva, como aquele aluno que falou “ela gritava com a gente ao invés de ensinar” parecia que tinha raiva da gente por a gente não saber. Então este aluno, ele não perguntava mais (eles diziam), a gente procurava um professor particular, o aluno desiste, acho que a relevância é essa.

5 – Quais seriam as formas utilizadas pelo senhor (a) para estimular o aluno (a) a sentir a necessidade de se respeitar tal autoridade nas relações estabelecidas entre os corpos docente e discente?

Eu acho que não existe forma voltada para o respeito à autoridade, existe assim, um trabalho que a gente faz com todos os alunos de respeito ao outro em geral. Conversando sobre a necessidade de ouvir o outro, a gente faz muito isso em sala de aula. Coloco muito meus alunos para estarem falando sobre coisas que pesquisam, coisas que eles observam, coisas a que eles lêem. (a professora conta um exemplo de alunos que aprenderam a ler e o quanto eles querem mostrar que aprenderam). Então, coloca-los em situação que os outros te ouçam, pois você tem uma coisa importante para passar. Então, esta coisa de ouvir o outro, que todos os conhecimentos são importantes; porém, não basta só a conversa, acho que é mais na vivência do dia-a-dia, em todas as situações você estar mostrando, vivenciando esta coisa de respeito ao outro.... Agora, em paralelo a isto, quando o aluno vê a importância do conteúdo de aprender, gosta de aprender, ou quando sente que o conteúdo importante, com Ruben Alves diz: você só aprende aquilo que é necessário ou que te dá prazer, outras coisas você decora por necessidades e logo esquece. Então quando o aluno vê que isto é importante, tem prazer, por exemplo. quando algum aluno lê, eu faço um elogio, e todos se esforçam para receber este elogio... Então esta coisa de se esforçar para aprender, lutar pela aprendizagem, o prazer de aprender... Isto faz com que ele também escute o professor, porque ele quer aprender... Então esta coisa do respeito está junto com o prazer de aprender. Não tenho que fazê-lo respeitar minha autoridade. Quando ele quer aprender ele já te respeita enquanto autoridade... Agora, ele vai parar de te respeitar quando você

começar pôr sempre a culpa nele por ele não aprender, deixá-lo frustrado em relação à sua própria capacidade. Ele fica com ódio de você, com ódio do conteúdo.

6 – Quais seriam as principais dificuldades para que os alunos respeitassem tal autoridade pedagógica?

Acho que o que faz o aluno não respeitar é quando o aluno vai sofrendo muitas frustrações em relação ao professor, em grande parte esta frustração está ligada ao professor, pois todo aluno tem sua história de vida... Então você recebe aluno que, com facilidade, ele te escuta, por conta de sua história de vida (a professora conta exemplo de sala de aula sobre a história de vida de aluno hiperativo, que tinha um histórico familiar de falta de limites e que trouxe para sala de aula), isso cabe ao professor mostrar para este aluno que isso não funciona em sala de aula, isso não dá para trabalhar em grupo. Quando eu chamo sua atenção ele fica bravo e se irrita, eu digo: você é um menino muito amado, não sou contra você, pois este é seu jeito de ser, o seu jeito funciona muito no seu meio, você é muito alegre, é muito divertido, mas aqui em sala de aula você tem um objetivo que é aprender a ler e escrever, para isso você tinha que parar um pouco e escutar um pouco, sei que é difícil, mas você tem que fazer este sacrifício. Porém, não basta eu só dizer isso, eu tenho que fazê-lo querer aprender e é dessa forma, ou com desafios ou com atividades prazerosas, por exemplo: matemática eu trabalho muito com jogos, em português eu conto muitas histórias para eles, e eles para mim; então, quando querem aprender, eles dão um jeito de aprender e aí eles acabam te respeitando como eu falei. Mas a dificuldade que eles encontram em respeitar é um pouco em função da história de vida deles e outro é em função dos limites que você coloca na sala de aula.

7 – Em sua opinião, o senhor (a) obtém êxito em concretizar, nas relações com os alunos, aquilo que pensa sobre o conceito de autoridade pedagógica? Se sim ou não, por quê?

Acho que todos os professores tentam isso, mas a gente tem sempre dificuldade, acho que as maiores dificuldades vêm do próprio sistema de estarem muitas crianças juntas, pois elas querem conversar, elas querem fazer diversas coisas ao mesmo tempo, que é natural da idade. Agora o professor tem fazer esta mágica, de fazer o aluno se interessar e ouvir quando ele quer explicar. O que percebo em sala de aula é assim, qual o tipo de autoritarismo que eu exerço, mas não gosto, que é quando quero a atenção deles para poder explicar a atividade (a professora explica com exemplo o momento que ela passa a ser autoritária, momentaneamente, mesmo não querendo ser). Então, fico tentando um jeito de mudar isso, então converso com eles, proponho uma conversa: como nós vamos fazer? Como nós vamos fazer para resolver isso, sem eu precisar gritar, pois sei que vocês não gostam e eu também não gosto, então vamos pensar um jeito... Aí eles dão as idéias deles e eu tento pôr em prática. No começo funciona, e depois não funciona mais, eles dizem: professora você pára e fica escutando, porém eles continuam olhando para trás e conversando (professora explica várias estratégias para conter a conversa e a bagunça para tentar evitar o autoritarismo).

8 – Você tem afinidade com aquele aluno (a) que você pensa respeitar sua autoridade pedagógica? Como se dá esta relação?

A maioria respeita. Você percebe que são poucos os que não respeitam. É muito gostoso, você se sente valorizado, você sente que o outro está receptivo. Você pode

propor atividades que ele vai fazer, que ele vai te respeitar e que vai aprender, é mais fácil o trabalho... Agora a relação é mais fácil quando há este respeito, com certeza. A afetividade não está ligada a este “respeito”. Eu gosto muito de aluno que me desafia, mas não gosto que me desrespeite, eu não gosto de aluno muito passivo, muito obediente, quer dizer, não é que não gosto, é que eu me sinto mal. Na verdade, a reação do professor depende muito do humor, se for um dia em que eu estiver muito cansada, tive um monte de frustrações e o aluno disser não vou fazer, aí eu já mando fazer já imediatamente de forma (autoritária) (professora dá exemplo de sua sala de aula).

9 – Em sua opinião, o desrespeito com a autoridade pedagógica atrapalha na formação do aluno? Se sim ou não, por quê?

Atrapalha muito. Porque ele perde tempo da vida dele, ele perde conhecimento, pois se ele desrespeita ele não está aberto para ouvir, para aprender, ele está se enrolando, então os outros vão para frente e ele fica para trás. Eu vejo isso com meus alunos, com meus filhos, a relação dos meus filhos com os professores, mas também não precisa dizer amém, precisa ser crítico, mas não tem que ser desrespeitoso.

10 – Qual a sua reação diante de um aluno (a) que não respeita sua autoridade pedagógica em sala de aula?

Depende do momento, se eu estou muito feliz naquele dia, não aconteceu nada de ruim comigo, foi tudo bem comigo... aí eu trato com calma, eu separo as coisas. Se

ele está fazendo isso comigo alguma coisa tem, por que ele não quer aprender? Qual o problema? Tento conversar com ele, tento mostrar para ele a importância daquilo e fazer com que ele faça de uma forma mais prazerosa possível o que tem que ser feito. Se ele não conseguir ver nenhuma importância, é tentar mostrar a importância ou prazer daquilo que é o que faz o aluno aprender. Agora, se já estou cansada, estressada, cheia de frustrações é inconsciente, vem instintivamente: eu grito, eu brigo, eu falo que não aceito isso, que eu não quero e que vai fazer e acabou, mas isso não funciona, funciona até a quarta série, por que o aluno fica com medo e faz, agora de quinta a oitava séries te enfrentam. É o que aconteceu com meus filhos, quando estavam na quarta série respeitavam, mas quando cresceram te enfrentam e aí, o que vou fazer? Vou rolar pelo chão com eles? Daí não tem jeito, aí você tem que ouvir... Os meus filhos adolescentes me ensinaram muito disso. (professora relata história de suas relações com seus filhos).

11 – Em sua vida de aprendizagem, o senhor(a) se lembra de algum momento no qual o professor(a) foi autoritário(a) ou exigiu sua autoridade?

Isso foi um dos motivos que me levou a ser um professor diferente, por isso que eu fico muito triste quando tenho que gritar ou brigar com eles, porque o professor fazia isso comigo, meus professores de segunda e terceira séries, eles me batiam (naquela época era comum), gritavam comigo. Aquilo, para mim era um absurdo, me sentia muito triste com isso, me sentia culpada, sentia que ele estava me culpando... Era uma angústia muito grande que eu nunca esqueço e não gostaria de passar para meus alunos. Por isso, quando faço isso, imediatamente volto atrás e digo que não estou querendo dizer que você é assim, mas neste momento você está fazendo

isso, e isso não pode. Explico que estou fazendo aquilo porque gosto muito dele e quero muito que ele aprenda. Só que eu sei que não é assim que ele vai aprender. No ensino médio, na aula de inglês, um professor me humilhou muito, porque eu não sabia. Durante a aula ele me mandava lá na frente e tinha que ler o texto e eu não sabia. Quando eu lia, ele ria e a classe toda ria. Eu fiquei tão humilhada, fiquei com muitas dificuldades, depois fiz um curso (particular) para melhorar meu desempenho, porque não adiantava falar com ele, ele ria, era irônico... Então o professor irônico me irrita profundamente. Na universidade tive muitos professores irônicos, aliás, tive dois especificamente com os quais tive experiências horríveis de ironia, e eu me sentia super humilhada, muito triste mesmo. Depois, para um deles, eu falei e ele me pediu desculpas, mas para o outro eu não tive nem oportunidades para falar, porque era um professor tão... Eu não conseguia me relacionar com ela de tal forma que não adiantava falar com ela em particular, pois ela não ia me ouvir. Eu sentia que ela não ia me ouvir, aí nem fui falar. Então deixa ela do jeito dela e eu do meu jeito. Estas relações existem de humilhação e eu não gostaria de passar para meus alunos, porque já passei e sei que é horrível e que não ensina... Ao contrário.

ENTREVISTA – PROFESSOR G

1 – De que modo o senhor (a) define o conceito de autoridade pedagógica?

Eu acho que o conceito de autoridade pedagógica, basicamente, envolve a influência do professor sobre o orientando. Envolve a própria hierarquização da escola, quer dizer, por conta da própria posição cultural, social de educador e educando. Se coloca esta questão da autoridade como um elemento que caracteriza a ascendência do professor sobre o aluno, que é uma influência, na maioria das vezes buscada como influência positiva, quer dizer, influência que seja um modelo, uma autoridade, que sirva e que possa ser até, em alguns momentos, confundida com uma liderança pedagógica; um conceito que deixe claro que o professor é que avança com o projeto que define, que guia na maioria das vezes.

2 – E o conceito de autoritarismo pedagógico? Como ele pode ser definido?

Eu acho que o conceito de autoritarismo foge totalmente de uma identificação com o conceito de autoridade pedagógica. O conceito de autoritarismo traz à tona as características negativas e totalitárias no âmbito da educação, ou seja, o autoritarismo reflete um padrão de comportamento do professor que é completamente diferente da autoridade; se na autoridade ele usa sua ascendência, sua capacidade de liderança e de empatia com o aluno, no momento em que ele passa a usar o autoritarismo, quer dizer ele busca outras formas de provar e definir a sua posição hierárquica no processo, quer dizer, ele usa de formas totalitárias, tirânicas. Acho que tem mais a ver com a definição de autoritarismo.

3 – Quais são as diferenças que podem ser observadas entre os conceitos de autoridade e autoritarismo pedagógicos?

As diferenças básicas no meu ponto de vista envolvem a questão da participação do educando, ou seja, na construção da autoridade pedagógica há um retorno daquilo que o aluno responde ao professor. Ou seja, você só avança na construção de autoridade positiva (pedagógica), no momento em que você percebe que o aluno responde, que ele aceita aquela sua posição, aquela sua ascendência, aquela sua influência. Quer dizer, a autoridade pedagógica é um elemento que se caracteriza no dia-a-dia, na resposta do professor e do aluno. O professor consegue avançar na sua autoridade no momento em que o aluno se identifica com aquele tipo de liderança, com aquele tipo de autoridade. O autoritarismo não. No autoritarismo o professor parte da premissa de que não há lugar para outro ponto de vista, outro modo de ação que não seja o dele; e nesse momento o aluno fica à margem do processo da construção educativa, quer dizer, é um processo solitário, totalitário por parte do professor e solitário (por parte do aluno). Ele não espera resposta para construir seu autoritarismo, ele espera a construção de espaços no qual este autoritarismo possa avançar e demarcar muito bem a sua situação, em relação ao aluno.

4 – Em sua opinião, qual a relevância, para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, do aluno respeitar a autoridade pedagógica do mestre?

Eu acho que tem uma relevância neste respeito muito grande, no sentido de que a autoridade se alimenta do respeito dos alunos, quer dizer, a autoridade pedagógica,

ela precisa de sua legitimação, não existe autoridade pedagógica sem a legitimação. Quando não tem a legitimação ela parte para o autoritarismo.

5 – Quais seriam as formas utilizadas pelo senhor (a) para estimular o aluno (a) a sentir a necessidade de se respeitar tal autoridade nas relações estabelecidas entre os corpos docente e discente?

Eu acho que uma estratégia básica é a do esclarecimento. Quer dizer, o aluno precisa saber que em alguns momentos do trabalho a ação do professor é essencial, quer dizer, o trabalho se perde... E acho que em alguns momentos o professor deve deixar que se perca mesmo, para ter a noção que ausência do professor reflete numa parada do trabalho, na ausência de objetivos, fins... O professor, num primeiro momento, tenta esclarecer, quer dizer, eu vou ter que auxiliá-los em tal tarefa, tal argumentação, para que a gente caminhe, e no momento em que isso não funcionar, quer dizer, acho que em alguns momentos vale a pena se retirar para os alunos sentirem que o trabalho empaca sem a autoridade pedagógica, na sala de aula. Isso eu acho essencial.

6 – Quais seriam as principais dificuldades para que os alunos respeitassem tal autoridade pedagógica?

Acho que uma grande dificuldade de hoje em dia é o próprio conceito de quem seja o educador, quer dizer, a imagem do professor está desgastada... Talvez esteja até perdida, quer dizer, para que serve o professor? Alguns dizem que a escola não vai mais precisar de professor, etc. No momento que isso chega na concepção dos alunos, quer dizer, na caracterização deles, se o professor é alguém que não serve

para nada, é alguém que não exige respeito. Resumindo um pouco, é o conceito de educador que se tem hoje é que anula um pouco da sua autoridade natural de agente educador, um pouco... Seriam três itens: o segundo seria a falta de preparo do professor mesmo. Ele se vê vazio de conteúdo, vazio de formação, aí fica com medo de se impor, enquanto influência. Acho que breca um pouco também. E por último, a cultura dos alunos. A gente tem convivido com o surgimento de gerações desacostumadas à autoridade limite, se falta limite, é uma discussão que sempre se coloca, que jovens não tem limites, obviamente não respeitam a autoridade.

7 – Em sua opinião, o senhor (a) obtém êxito em concretizar, nas relações com os alunos, aquilo que pensa sobre o conceito de autoridade pedagógica? Se sim ou não, por quê?

Em alguns momentos, quer dizer, na maioria dos momentos, eu consigo; porque eu consigo deixar bem claro que eu tenho uma razão de estar ali, uma razão muito clara de estar liderando a aula, de estar avançando com os conteúdos. Deixo muito claro que esta é uma tarefa, na maioria das vezes, minha. No momento que deixo claro, que a tarefa, a responsabilidade de estar levando a sala, levando os alunos, já fica meio explícito de que eles devem me seguir, aí eu uso um pouco da liderança, da empatia, então eu consigo.

8 – Você tem afinidade com aquele aluno (a) que você pensa respeitar sua autoridade pedagógica? Como se dá esta relação?

Eu acho que o que define o fato de eu ter empatia, ou afinidades com o aluno, não é necessariamente o respeito a minha autoridade.

Acho que em alguns momentos é mais fácil trabalhar com alunos que respeitem minha autoridade, mas acho que não é o elemento crucial de eu estar te afirmando que eu gosto de trabalhar só com quem me respeita. Às vezes o desrespeito é muito profícuo na sala de aula, inclusive em relação à autoridade pedagógica, às vezes reverter isso é super positivo.

(refazendo a pergunta sobre afinidades?) Acho que pesa um pouco minha afinidade com aluno, pelo fato que aquele aluno que deixa muito claro que me respeita, deixa subentendido que me admira, pois o respeito tem esta questão da admiração, e se eu percebo que este aluno (fictício, José) me respeita, fica para mim a mensagem de que ele me admira e a gente acaba se envolvendo, afetivamente, de um modo maior com aquelas pessoas que a gente tem esta responsabilidade. Se ele me admira, eu tenho uma responsabilidade, acho que fica mais fácil a aproximação.

9 – Em sua opinião, o desrespeito com a autoridade pedagógica atrapalha na formação do aluno? Se sim ou não, por quê?

Não atrapalha. O respeito à autoridade pedagógica, não atrapalha tanto, quer dizer, não pesa tanto, porque em alguns momentos, este aluno, na vida fora da escola, vai respeitar profundamente outro tipo de autoridade, quer dizer, autoridade paterna, autoridade política, e vai ter que desrespeitar para mudar as coisas em algum momento. Então eu acho que o aluno que sempre respeita a autoridade pedagógica nem sempre se respeita, e quando a palavra dele chega a um ponto crucial, que a palavra dele tem que ser respeitada, às vezes a autoridade pedagógica tem que ser desrespeitada.

10 – Qual a sua reação diante de um aluno (a) que não respeita sua autoridade pedagógica em sala de aula?

Minha primeira reação é me sentir desafiada, de um modo positivo, quer dizer, claro que se ele me desrespeitar com alguma forma de agressividade, vou ser desafiada de um modo negativo, mas a primeira impressão é que ele é um desafio, quer dizer, isso me impulsiona a descobrir qual a minha atuação, qual a minha voz, minha colocação que provocou nele o desrespeito. Isso te dá o caminho das pedras para você se relacionar com este aluno. Se você não se sentir instigada, cutucada de alguma forma por aquele desrespeito, pode ser que ele não tenha nada a ver com você, então você precisa descobrir por que aquela afronta em alguns momentos surgiu... É exatamente comigo?, ou não?, ou vem de fora? mas eu acho que me intriga, que me instiga a saber porque este desrespeito, se o problema está realmente no modo como estou conduzindo ai minha autoridade. Às vezes este desrespeito indica que a minha autoridade está numa linha muito tênue com o autoritarismo. Ele pode estar acenando de alguma forma que minha autoridade pedagógica está sendo construída de um jeito totalitário, quer dizer está indo para o autoritarismo.

11 – Em sua vida de aprendizagem, o senhor(a) se lembra de algum momento no qual o professor(a) foi autoritário(a) ou exigiu sua autoridade?

Várias vezes... várias vezes. Especialmente, eu creio que a parte do nível médio, e na própria universidade. Porque eu acho que o aluno que cresce para o professor, é como o filho que cresce para o pai. Quer dizer, é uma pessoa que você tem uma

responsabilidade pelo futuro profissional, pela formação daquela pessoa. Você tem uma responsabilidade, e nem sempre você tem uma relação natural, que surge, que cresce naturalmente, uma afetividade; quando você não tem esta relação com o professor, ou seja, ele não tem afinidades com você, às vezes ele parte para uma imposição didática, não uma autoridade pedagógica, uma imposição e isso acarreta em vários episódios de autoritarismo, mesmo em relação à minha pessoa, no caso. Exemplos: acho que estes momentos acabam surgindo com maior constância no período da avaliação. Quer dizer, o autoritarismo, para mim, na minha história escolar, apareceu em momentos de avaliação, quer dizer, o fato de não concordar com o tipo de avaliação, com uma determinada nota, que foi o caso, desembocou neste episódio (menção da universidade). Eu não concordei com o resultado de uma avaliação, absolutamente qualitativa, quer dizer, questões abertas, que é uma coisa difícil de você aceitar uma nota, e eu não aceitei determinada nota e o professor usou, pontualmente, decididamente de uma ação autoritária para pôr fim ao episódio. Quer dizer, valeu o que ele colocou sem maiores argumentações e ponto final; e aí a autoridade pedagógica dele que se transformou num autoritarismo pedagógico, se evidenciou na hierarquia, quer dizer, ele mandava e eu não, e aí fui reprovada, para saber o fim da história.

ENTREVISTA – PROFESSOR H

1 – De que modo o senhor (a) define o conceito de autoridade pedagógica?

Eu acho que autoridade é quando se consegue um respeito do outro lado sem se impor.

2 – E o conceito de autoritarismo pedagógico? Como ele pode ser definido?

O autoritarismo já é uma imposição dos seus desejos, sem questionamentos, sem querer saber a opinião do outro, sem o respeito; acho que é a imposição da sua vontade pela força.... (quer dizer) pela posição que ocupa, se você é o professor, você está ali... Você impõe seu respeito ao aluno.

3 – Quais são as diferenças que podem ser observadas entre os conceitos de autoridade e autoritarismo pedagógicos?

Acho que autoridade você consegue ter um respeito pela opinião do outro, você consegue ser respeitado; agora o autoritarismo não. Você só consegue através da imposição. A diferença básica é a imposição de sua vontade, do seu desejo, independente da opinião do outro.

4 – Em sua opinião, qual a relevância, para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, do aluno respeitar a autoridade pedagógica do mestre?

Acho que no processo de ensino/aprendizagem o aluno tem que estar aberto ao aprender, ao aprender de diversas maneiras e o professor pode ser a pessoa que

vai direcionar o aprendizado dele (aluno) pelo menos dentro da sala de aula, por isso a necessidade dele respeitar a autoridade do professor. Então seria fundamental o respeito com o seu professor, para que ele (aluno) possa passar pelo processo de aprendizagem.

5 – Quais seriam as formas utilizadas pelo senhor (a) para estimular o aluno (a) a sentir a necessidade de se respeitar tal autoridade nas relações estabelecidas entre os corpos docente e discente?

Eu acho que um aluno só vai respeitar a autoridade de um professor à medida que ele for respeitado como aluno. Então, para ele respeitar a autoridade. - eu geralmente converso muito com as crianças sobre isso - eles questionam sobre as coisas, tem o direito de questionar, eu sempre falo isso: se não concordam, tem o direito de dar a opinião, tem o direito de questionar, só que tem que saber argumentar e saber ouvir. Acho que a partir do momento quem você consegue ouvir, você consegue respeitar, e por a sua opinião, ele (aluno) vai respeitar como autoridade.

6 – Quais seriam as principais dificuldades para que os alunos respeitassem tal autoridade pedagógica?

Eu acho que a maior dificuldade é a gente respeitar o aluno enquanto aluno, como autoridade de professor tem uma tendência a chegar na classe e você falar e acabou. (refazendo a pergunta). Acho que a principal dificuldade do aluno é ver o professor como uma autoridade dentro da escola, porque hoje, a autoridade do

professor se perdeu muito, então o aluno não consegue mais ver o que é isso. Então acho que a principal dificuldade é isso: sentir o professor como uma autoridade mesmo, dentro da escola.

7 – Em sua opinião, o senhor (a) obtém êxito em concretizar, nas relações com os alunos, aquilo que pensa sobre o conceito de autoridade pedagógica? Se sim ou não, por quê?

Sim. Eu acho que sim, porque existe um respeito, a partir do momento que eu passo a valorizar a opinião do aluno, a respeitar o que ele fala, o que ele pensa. Eu passo também a respeitar o processo de ensino/aprendizagem e o inverso também acontece: se o aluno vê que estou respeitando a opinião dele, o que ele pensa, que faz diferença a opinião dele, ele também vai respeitar o professor, vai respeitar a autoridade do professor. Porque eu trabalho muito com contratos dentro da sala de aula, então a gente; por exemplo, no primeiro dia de aula, a gente monta um contratinho de convivência, dos dez itens que tem que ter de convivência mínima em sala de aula. Então existe um respeito no contrato, se alguém quebra alguma norma do contrato, a gente vai conversar por que aconteceu isso, então acho que isso valoriza muito a autoridade do professor.

8 – Você tem afinidade com aquele aluno (a) que você pensa respeitar sua autoridade pedagógica? Como se dá esta relação?

Sim. Eu acho que fica uma relação mais fácil, mais tranquila. O aluno aprende mais rápido, porque ele gosta, ou talvez eu goste mais do aluno, então fica uma coisa mais fácil. Então ajuda bastante.

9 – Em sua opinião, o desrespeito com a autoridade pedagógica atrapalha na formação do aluno? Se sim ou não, por quê?

Atrapalha muito. Por que o processo de ensino e aprendizagem precisa ter, no mínimo, uma cumplicidade, tanto do professor quanto do aluno, porque é um trabalho em conjunto. O professor está dedicando um tempo dele para o aprendizado daquele aluno, e o aluno também está ali para aprender, acredito eu. Então, acho que, onde não existe respeito, este trabalho, este processo, não dá certo, então tem que existir um mínimo de respeito, para dar certo.

10 – Qual a sua reação diante de um aluno (a) que não respeita sua autoridade pedagógica em sala de aula?

Eu questiono a atitude dele. Quero saber, converso, geralmente converso num tom baixo olhando no olho dele, só com ele e não com todos. Questiono o porquê da atitude, faço com que ele me argumente porque está tomando aquela atitude. Isso vai ser bom para ele no futuro, que ele pense nas coisas que ele faz, que ele está fazendo, se vai ser bom para ele ou não. Normalmente, os alunos ouvem... todos ouvem, e pensam e conversam e dá para gente chegar num diálogo; e os resultados são positivos.

11 – Em sua vida de aprendizagem, o senhor(a) se lembra de algum momento no qual o professor(a) foi autoritário(a) ou exigiu sua autoridade?

Me lembro... Na universidade. E aí assim... fica bem explícito o autoritarismo mesmo, porque era um professor que pregava uma coisa, só que agia de uma

maneira diferente. Na hora de fazer, fazia completamente diferente, fazia valer suas vontades, então isso ficou marcado. Exemplo: Teve uma professora, mas isso não aconteceu comigo, mas foi uma coisa revoltante que aconteceu com o grupo que eu participava. Teve uma professora que sempre fazia avaliação de final de curso, a auto-avaliação do curso. Na sala de aula ela falava que podia pôr tudo que a gente pensava, como tinha sido o andamento do curso, pôr nossa opinião sobre as aulas que ela dava, tudo que era para o enriquecimento pessoal dela para ela melhorar a aula. Então uma amiga pôs a opinião dela sobre a aula, uma opinião que não foi tão a favor da professora e esta professora chamou essa aluna, num horário que não era de aula (pois já estávamos de férias). Fez a aluna ficar trancada em uma sala revendo a opinião dela em relação à aula, enquanto ela não mudou na folha (por escrito) a opinião dela sobre a aula da professora, ela não liberou a aluna. Então, eu acho que isso foi o cúmulo, foi o absurdo do autoritarismo. O mais absurdo não foi ela ter.... foi absurdo ela fazer a aluna mudar de opinião sim; mas, o mais absurdo de tudo foi ela ter deixado a aluna trancada na sala, porque fez a aluna ir no período de férias na Universidade Federal, fez a aluna entrar na sala dela, rever o que ela tinha escrito, enquanto ela estava ali pensando a professora saiu da sala, trancou a porta por fora, volta dali uma meia hora para saber como tinha sido, se ela realmente tinha mudado a opinião dela, isso tudo estava vinculado à nota que ela receberia no final do semestre.

ENTREVISTA – PROFESSOR I

1 – De que modo o senhor (a) define o conceito de autoridade pedagógica?

Autoridade pedagógica é a hora que você está com a sua sala, com seus alunos. Você está ali no papel de professor, este já carrega em si a autoridade pedagógica. Você está ali para ensinar em diversos lugares, diversas salas que você tem, isso aí fica mais nítido ou não, porque a pessoa chega ali te vendo como a pessoa que sabe, e se coloca numa posição menor, como se ele estivesse ali para prender. Então temos que tomar muito cuidado com esta posição. No meu conceito, a gente está aprendendo junto com os alunos, e eles aprendendo com você e você com eles. Então, quando você se coloca numa posição de autoridade pedagógica, como se você fosse o dono do saber, a coisa se complica um pouco, principalmente quando você quer trabalhar junto e trazer o que eles já sabem para dentro da sala de aula. Então quando eu começo em uma sala nova: vocês esqueçam todos os conceitos que vocês já tinham de escola, principalmente porque trabalho com adultos, aqui nós vamos trabalhar com o que vocês estão trazendo, é claro que nós temos um programa para cumprir, temos que fazer prova, só que o que eles estão aprendendo vou tirando do dia-a-dia deles, então matemática, português, são coisas que eles estão trabalhando, estão vendo. Tô tirando de dentro deles o que eles já sabem. Então eu costumo dizer que não vou ensinar nada, porque vocês já sabem tudo. Nós vamos passar para uma linguagem científica, assim dá para colocar a gente no mesmo nível, e eliminando esta autoridade pelo saber, então existe esta autoridade? Existe; pois, de uma maneira ou de outra você está controlando o que

eles estão aprendendo, mas sempre procurando deixar claro que um está aprendendo com o outro.

2 – E o conceito de autoritarismo pedagógico? Como ele pode ser definido?

Acho que o autoritarismo é você já chegar e assumir esta postura, de que eu sei e você está aprendendo, aqui eu sei tudo, você testa aí para aprender, você vai aprender do jeito que eu quero, na hora que eu quero, como eu quero, independente de estar analisando o que acontece com os alunos na sala. Então você tem que ver se a matéria eles aprenderam, esta maneira que eu fiz não tá legal, não aprenderam nada. Vamos começar tudo de novo, de outra forma que consiga ter uma linguagem que seja acessível pra todo mundo.

Acho que é mais por aí.

3 – Quais são as diferenças que podem ser observadas entre os conceitos de autoridade e autoritarismo pedagógicos?

Acho que já quase respondi nas outras duas, mas seria assim: autoridade é uma coisa que você tem pelo seu cargo, o autoritarismo seria a maneira como você conduz este cargo, a sua ação na sala de aula.

4 – Em sua opinião, qual a relevância, para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, do aluno respeitar a autoridade pedagógica do mestre?

Dependendo da faixa etária que você está trabalhando, acho que isso é muito relevante, porque se a pessoa não sabe por que ela está estudando, o porquê ela

tem que aprender aquilo, então ela não quer aprender, porque é muito mais fácil para ela aprender. Se ela tem aquela autoridade do mestre, que você vai aprender por causa disso ou por causa daquilo, então eles vão te respeitar, agora se ele nem sabe por que ele está ali, ele não vai. Acho que aí, está a autoridade, já que o cargo que tem. Você é o professor ali... Ainda tem-se um conceito entre os alunos, ele é o professor. Tenho que respeitá-lo como professor, então esta autoridade que o cargo lhe dá ainda é muito importante principalmente quando estamos lidando com adolescentes.

5 – Quais seriam as formas utilizadas pelo senhor (a) para estimular o aluno (a) a sentir a necessidade de se respeitar tal autoridade nas relações estabelecidas entre os corpos docente e discente?

Eu procuro trabalhar sempre, quando vou começar a aula, falando o que nós vamos fazer no dia, qual a matéria que vamos fazer e o que nós vamos desenvolver naquele dia. Então se você se impõe: olha eu trabalho aqui, sou o professor. Cumpre aquele papel de professor junto com eles: olha, nós vamos fazer desta maneira, o que vocês acham? vocês concordam ou não concordam?, querem fazer de maneira diferente?

Só que assim vamos ter que cumprir aquele conceito naquele dia, aquela tarefa, porque aquela tarefa faz parte do meu papel de professor, então aquela autoridade de cumprir o papel, pois ganho para isso, e vou fazer aquilo. Na medida em que você vai se colocando como profissional, eles vão percebendo que você está ali para ensinar, então vamos fazer esta troca, pois ela tem que ser feita, porque se você não fizer sua parte aí começa a virar bagunça.

6 – Quais seriam as principais dificuldades para que os alunos respeitassem tal autoridade pedagógica?

Olha! O que tenho trabalhado, as principais dificuldades, primeiro é eles não terem limites mesmo, não têm limites em casa, não têm limites na escola. E também a postura da maioria dos professores que vejo: chegam lá, se der para encostar eles encostam; se der para eles não fazerem, não fazem. Eles não cumprem o papel deles. Então o professor que cumpre o papel, que discute, dificilmente ele vai ter problema de desrespeito à autoridade dele. Acho que é a maneira dele se portar na sala. Então a principal dificuldade é o desinteresse pelas aulas e também a maneira que o professor se impõe como professor, profissional.

7 – Em sua opinião, o senhor (a) obtém êxito em concretizar, nas relações com os alunos, aquilo que pensa sobre o conceito de autoridade pedagógica? Se sim ou não, por quê?

É difícil você falar que todas às vezes você vai obter este êxito, porque você está ali com pessoas diferentes, idades diferentes e com uma prática diferente. Então, se você estiver sempre utilizando o concreto, você vai observar assim: quem são estes alunos?

Na realidade, quem é que está ali, qual é o conceito que eles têm, também, de autoridade pedagógica, porque às vezes sempre tem aquele aluno ali que está ali para azucrinar. Ele não te respeita e nem os colegas do lado e, às vezes, o problema não é nem com você, o professor. O problema é casa, a escola ou ele está querendo contestar alguma coisa, e acho que você vai conseguindo.

Nessa relação com os alunos, colocar a sua autoridade, a partir do momento que você consegue conhecer seus alunos, principalmente estes que te dão trabalho, o porquê eles estão ali, uma piadinha às vezes, você sair daquela coisa... Porque a maioria das coisas você vai repetindo: deu certo de uma maneira, você vai repetindo aquilo. Então a hora que você vai ver que isto aqui é uma relação feita diariamente, a hora que você vê que a aquele aluno mais difícil está te puxando o tapete, está querendo ver até onde vai a tua cordinha, se você mudar teu padrão, solta uma piada, faz uma graça ou até deixa ele sem graça...encara a brincadeira, aí, às vezes, você começa a chegar mais e saber mais o porquê das coisas, mas acho que o primordial é você se colocar no lugar daquele aluno que está ali assistindo aula, às vezes todo dia igual, porque não adianta você falar que cada dia eu faço uma coisa... porque as vezes você está se repetindo sem perceber.

Então, analisar o que você está fazendo também, ou por que hoje não deu certo, vamos analisar o que foi que eu fiz, ou o que é que estou fazendo toda aula igual. Acho que nesta relação o mais importante é você conhecer o aluno que esta ali, até os mais difíceis.

8 – Você tem afinidade com aquele aluno (a) que você pensa respeitar sua autoridade pedagógica? Como se dá esta relação?

Olha, acho que... Eu acho que eu me afino mais com os que não estão, os que não respeitam, por que aquele que está ali...tudo bem, se faz tá legal, não te contesta, está tudo bom. Às vezes até passa por despercebido. Agora aquele que está te testando toda hora, está vendo você, acho que você se afina mais com aquele, acho que o meu desafio está mais ali.

9 – Em sua opinião, o desrespeito com a autoridade pedagógica atrapalha na formação do aluno? Se sim ou não, por quê?

Acho que atrapalhar, depende do professor, porque se ele encara aquilo como um desafio, o aluno vai progredir, pois ele vai arranjar uma forma do aluno estar... não só naquela autoridade... mas cumprindo a parte dele. Agora se o professor se coloca numa postura: eu ensino, aprende quem quiser, ou: eu trabalho pelo que eu ganho; não está se importando com aquele aluno que está lá, aí vai atrapalhar e muito.

10 – Qual a sua reação diante de um aluno (a) que não respeita sua autoridade pedagógica em sala de aula?

Tem os alunos que você pode até tentar fazer diferente com eles, ou tentar conhecê-lo. Mas eu já tive extremos de alunos que te cospe e outras coisa... Eu já coloquei para fora, já chamei os pais, já fiz um acompanhamento por fora, estar conversando, do que está acontecendo, do porquê não respeita, de estar realmente conhecendo. Mas às vezes a gente perde... Ou você faz alguma coisa ou você não faz... Vou citar um caso: eu dava aulas no telecurso e tinha alunos que eu percebi que estavam vendendo drogas, não vendendo drogas dentro da escola, mas recebiam telefonemas, iam para fora, e foi indo, indo, indo... Isso estava atrapalhando a sala, me atrapalhando, e eu fiquei numa postura assim, eu faço ou não faço? Eu encaro isso? É perigoso, você vai pensando, pensando uma semana, vai pensando outra e aquele negócio complicando, até que você chega e fala: olha... você tem que botar um freio ali, ou chegar e falar aqui dentro a minha autoridade não permite isso, ou daqui para lá você não vai passar. Você tem que chegar e falar: Olha você sabe

mais que os alunos que estão aqui, está atrapalhando porque você já sabe, então eu sugeria que você viesse só para fazer as provas. Tive problemas com isso, mas a sala estava resguardada, porque ali dentro da minha sala não foram fazer mais, porque se eu não passasse outros... Iria perder completamente como conduzir minha sala, porque os outros iam achar que poderiam fazer a mesma coisa.

11 – Em sua vida de aprendizagem, o senhor(a) se lembra de algum momento no qual o professor(a) foi autoritário(a) ou exigiu sua autoridade?

Eu me lembro que na terceira série, a professora mandava fazer uma cópia para poder aperfeiçoar a letra, e esta cópia ía sendo feita durante o ano como tarefa de casa, e você só pararia de fazer esta tarefa de casa (que seria a cópia) quando você tirasse 10, e eu me lembro que era filha da professora, nunca tirei este dez, tirava 9.0, 9.5, mas nunca tirei 10 para parar de fazer. Esta foi uma... na escola. Também na Universidade, quando em vários momentos, eu me lembro de dois, onde não ouviram minha opinião ou não levaram em conta, então seriam problemas assim: o professor estava ali falando sobre a cota para os negros e a hora que disse que na minha opinião as cotas deveriam ser para alunos carentes ele deu uma resposta sem nem levar em conta meus argumentos. Isso aí me marcou muito porque isso foi no meio da sala, me senti constrangida. Ele falou que: por causa de pessoas como você que acontece isso com os negros. Achei que estava assim muito abrangente e me colocou numa situação perante a sala de constrangimento. Outra vez outro professor (na Universidade) disse que eu não teria conhecimento e nem argumentos para discutir um assunto com ele, também na frente da sala. Ele expôs o que estava falando e na medida em que eu me posicionei contra, ele simplesmente falou que:

you do not have the capacity to discuss with me. He spoke in the room, it caused me a very big embarrassment, because in the end of the day I was forming and he also did not let me expose what were my arguments.

ENTREVISTA – PROFESSOR J

1 – De que modo o senhor (a) define o conceito de autoridade pedagógica?

Em primeiro lugar, eu acho que a autoridade pedagógica se dá no respeito que o professor tem ao seu aluno, sempre. O professor está ali como mediador do conhecimento, sempre respeitando o que o aluno tem já de conhecimento, de vida, o conhecimento enquanto mundo, o professor deve respeitar. Então, a autoridade pedagógica, ela se faz a partir disso: desse respeito, dessa troca de conhecimento e nunca o professor deve chegar na sala como detentor do conhecimento e sim o mediador, o facilitador do conhecimento que o aluno já tem e juntos eles vão concretizar um outro conhecimento a partir de suas pesquisas, interações com o ensino e aprendizagens. Então acho que, resumindo, a autoridade pedagógica tem tudo a ver com o respeito que o professor tem. As diferenças de classe social, as diferenças de raças, as diferenças de conhecimento dentro de sala de aula, respeitar o aluno não individualmente, mas também em grupo.

2 – E o conceito de autoritarismo pedagógico? Como ele pode ser definido?

O autoritarismo pedagógico é quando a pessoa tem autoridade de cima para baixo (de forma vertical), ela se vê como a detentora do conhecimento, uma pessoa que tem autoridade sobre outras pessoas e não respeita as diferenças de conhecimentos entre seus alunos. Então o autoritarismo pedagógico, eu acredito que é quando o professor pensa que só ele sabe e só ele pode passar conhecimento. Ele anula tudo

que o aluno tem: tudo. Ele deixa o aluno raso e desconsidera tudo que o aluno já possui e não considera nenhuma fala, nenhuma atitude. Tudo para ele vai partir da educação que lê vai dar de agora em diante; também não aceita nada que saia fora do padrão do que ele considera ideal. Isto é o autoritarismo.

3 – Quais são as diferenças que podem ser observadas entre os conceitos de autoridade e autoritarismo pedagógicos?

Bom, as diferenças que eu vejo nas relações professor/aluno na autoridade e autoritarismo é que quando o professor tem autoridade pedagógica o aluno respeita, o aluno é tratado como parceiro da educação. Então o aluno tem abertura para falar com este professor, o aluno se sente parte integrante desse processo, porque ele é sujeito do processo de aprendizagem; enquanto que no autoritarismo, se o aluno se ausenta, se anula em falar, é por medo, por estar sendo coagido, porque tudo que ele vai falar não está certo não está legal, tem que ser o padrão do professor. Então, no autoritarismo, o aluno não respeita o professor, ele tem medo da autoridade do professor.

4 – Em sua opinião, qual a relevância, para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, do aluno respeitar a autoridade pedagógica do mestre?

Bom, o aluno que respeita a autoridade e não o medo desse professor, apenas pela autoridade, vai ser muito importante para o processo de ensino, porque ele não vai ter medo de perguntar, de fazer trocas com o professores e com os próprios pares; porque quando o aluno sente medo, ele está coagido pelo autoritarismo, ele não faz

nada, ele se nega a fazer e, se faz, faz com medo de errar. Então o aluno quando ele tem a autoridade pedagógica (o professor) ao contrário, ele busca conhecimento, ele tem prazer em ir para a escola, ele quer aprender, porque o professor respeita o limite dele, respeita a diferença, respeita o modo dele aprender; porque o professor vai partir de onde ele não sabe, e do que sabe para ele aprender mais. Então é muito importante a autoridade pedagógica no sentido de respeito. Porque vai ser importante neste processo de ensino e aprendizagem? Porque o aluno vai se lançar, motivar-se para a aprender, então ele vai na escola por gosto de aprender e não por obrigação.

5 – Quais seriam as formas utilizadas pelo senhor (a) para estimular o aluno (a) a sentir a necessidade de se respeitar tal autoridade nas relações estabelecidas entre os corpos docente e discente?

Bom, uma forma que eu sempre uso é nossa roda de conversa (diálogo) onde os alunos expõem suas opiniões, o que eles pensam, as suas reivindicações; então o professor precisa ouvir as angústias dos alunos. Eles têm muito que reivindicar, muito mais que a gente, porque qualquer atitude avessa que o aluno venha ter em sala de aula, ou é fruto do autoritarismo do professor, ou é porque ele não está sendo compreendido. Então o diálogo entre professor e aluno, seja na hora da discussão em sala, seja nas rodas de conversas informal a partir de um texto lido... Um texto excelente para trabalhar é fábulas, em que eles vão falar a moral da história, em que eles vão refletir sobre aquilo; o que está sendo bom para a vida deles, o que eles podem tirar daquele texto, então o professor que trabalha muito com fábulas consegue educar moralmente seus alunos, na questão de valores e

princípios e saber o que este aluno pensa a partir disso. Então este é o meio que eu uso com os alunos, o diálogo, sempre.

Através mesmo de uma simples fábula você pode saber o que o seu aluno tem de reivindicação, de opinião e de angústias. A partir disso mudar até o como você vai trabalhar os conteúdos.

6 – Quais seriam as principais dificuldades para que os alunos respeitassem tal autoridade pedagógica?

A maior dificuldade, é o aluno que já vem com um autoritarismo imposto, e até ele distinguir que o professor que está recebendo ele naquele ano, tem autoridade e não autoritarismo, demora. Porque ele já vem com uma rebeldia e algo incutido nele, de autoridade, de massacre pedagógico...é uma massacre mesmo, ideológico. Ele tem medo, muitos você tem que estimula ele a falar, estimular dá resposta, incentivar; não! Faça como você sabe! Vamos ver o que você está pensando, ele tem medo; então a maior dificuldade é quando ele já vem com experiências traumáticas de um sadismo pedagógico. E lógico, na rede tem vários profissionais...tem profissionais e profissionais (menção de diferentes profissionais).

Então quando você pega um aluno que já está estabelecida a autoridade pedagógica, aquele aluno que tem acesso à mesa do professor, aquele aluno que tem acesso ao falar, é muito bom; porque ele já vem com esta experiência, ele não tem medo.

Então, o aluno, ou ele tem medo de te dar a resposta ou ele te responde mal, porque ele não sabe que a pergunta que você está fazendo é para o bem dele. Então acho que é a maior dificuldade.

7 – Em sua opinião, o senhor (a) obtém êxito em concretizar, nas relações com os alunos, aquilo que pensa sobre o conceito de autoridade pedagógica? Se sim ou não, por quê?

Tenho. Tenho porque assim...eu sou a professora que fala demais, não só como professora, mas como pessoa, falo demais, e eu passo isso para meus alunos e deixo eles falarem muito, lógico na hora certa. Eu ouço muito. Então não sou o tipo de pessoa que fala: Não, não quero saber, chega, é tal coisa! Não, eu não dou uma ordem, ou seja lá o que for, uma orientação, e é isso, não. Eu passo as instruções, o que deve ser feito; ordenar mesmo o que tem que ser feito, acho que a palavra é forte, mas é isso mesmo que o professor faz dentro de sua sala. Então, quando eu estou lançando isso, ao mesmo tempo eu obtenho respostas, eu deixo, tem muito esta troca, tem muita roda de conversa, tem muita troca de experiências, muito trabalho em grupo. Então eu acho que tenho êxito.

8 – Você tem afinidade com aquele aluno (a) que você pensa respeitar sua autoridade pedagógica? Como se dá esta relação?

A questão da afinidade ela é muito importante, porque além de ser profissional a gente também é pessoa, é ser humano, é sujeito, e o sujeito é dotado de sentimentos a partir de várias ações, dos relacionamentos com as pessoas, é claro que facilita, o aluno que tenho maior afinidade, mas não que eu vou excluir aquele que chegou revoltado ou ainda não entendeu sobre a autoridade pedagógica. É claro que a afinidade, ela vai ser mais um fator aliado à questão da autoridade pedagógica, mas ele não vai ser o único, porque eu não posso excluir o resto dos alunos, mas é muito importante.

9 – Em sua opinião, o desrespeito com a autoridade pedagógica atrapalha na formação do aluno? Se sim ou não, por quê?

Sim. Atrapalha, porque o aluno está perdendo, a partir do momento que ele não está trocando as experiências dele, de vida, de aprendizagem seja com os pares ou com o próprio professor, atrapalha. Então a falta de respeito atrapalha.

10 – Qual a sua reação diante de um aluno (a) que não respeita sua autoridade pedagógica em sala de aula?

Eu tento integrar ele ao grupo. Seja em forma de trabalho, seja em nossas rodas de conversas. Porque, quando o professor... ele prepara um tempo, da hora da leitura dele e a consequência da roda de leitura é a roda de conversa, ele com certeza, ele já está trabalhando com o aluno rebelde. Porque o aluno que não respeita ele vai ver, espera aí! Só eu estou assim! Pôxa minha professora ouve todo mundo, minha professora tem momentos de roda de conversa ela não fica só na lousa, ela não fica só no papel. Então, eu acho que o aluno, com certeza, ele mesmo...ele tenta, lógico que no princípio...como ele sempre teve um sadismo pedagógico em cima dele, ele sempre vai achar que todo professor não vai gostar dele. A partir do momento que ele vê o grupo se integrando, ele quer fazer parte, ele não vai ficar excluído. (Você está considerando que este aluno já teve uma experiência ruim anterior?) sim, com certeza, sempre teve. Porque o aluno não chega revoltado do nada, ele pode ter problema na casa dele, ter problemas pessoais, todo mundo tem, mas a pessoa quando ela chega num ambiente onde ela é bem recebida, não tem porque ela ter revolta, por mais que ela tenha problemas fora; é lógico que aquilo...ele tem a

personalidade dele, uns são mais quietos, outros são mais agitados mas não tem porque a pessoa chegar revoltada se ninguém fez nada para ela. E os alunos que mais tem problemas na família, são aqueles que quer participar, por que eles querem se sentir bem na escola. Então eu falo, que eu sei de toda a história de vida de cada um de meus alunos, porque com tempo eles se abrem; eu sei o que se passa na casa dele, com a mãe dele, com o pai dele, tudo, porque ele conta. Ele conta porque ele vê no professor uma válvula de escape...eu tenho com quem me desabafar, porque com os coleguinhas não tem, viram motivo de chacotas e com o professor tem, se o professor der espaço.

11 – Em sua vida de aprendizagem, o senhor(a) se lembra de algum momento no qual o professor(a) foi autoritário(a) ou exigiu sua autoridade?

Sim. Quando a gente é pequeno, sempre tem os professores que marcam positivamente e os que marcam negativamente, isso na vida de todos. Mas o que mais me surpreendeu foi quando eu entrei na pedagogia para ser...me formar pedagoga, como especialista em educação, tudo que era passado na teoria, os próprios professores não faziam uso da prática do que estavam ensinando, então isso para mim foi mais marcante. Porque você lê um texto, e vê como o professor é autoritário, e você se recordar do seu momento de infância é fácil...nossa! tal professor me respeitou e tal não me respeitou, mas dentro da universidade você tem que ser construtivo, você tem que construir o conhecimento com seu aluno, você tem que deixar ele se expressar, você precisa disso...só que ai ele chega e já fala assim: você não pode. Tem que ser assim. Eu quero tal coisa. Isso para mim não é autoridade pedagógica é autoritarismo. (E isso ocorreu com você?) muitas vezes,

dentro da universidade. Tanto na área de filosofia, história, que é uma área de interesse mais ideológico...mas acho que o que mais me chocou foi na área de metodologia, porque como que vou ensinar para um aluno uma metodologia que eu não estou tendo na prática (na sala). Se meu professor manda eu ser construtivista e ele é autoritário comigo. Então não me chocou nas aulas de história, filosofia, sociologia o autoritarismo dos professores, não foi uma coisa que me chocou. Eu acho assim eles não tinham a obrigação de saber, eu acho que eles foram autoritários no sentido do aluno ter o conhecimento, de levar aquilo muito a sério, não me chocou. Mas na área da metodologia me chocou, porque os professores da metodologia te ensinam a ser professor e eles não dão o exemplo disso. Exemplo: Embora seja um pouco contraditório dizer, mas nas aulas que o semestre tinha que apresentar vários seminários, eu acho que teve falhas, no sentido de que as pessoas muitas vezes estudavam o seminário delas somente, mas eu acho que teve autoritarismo nas trocas de experiências, embora as pessoas estivessem mais atentas ao tema que elas fossem apresentar, tinha a roda de discussão no fim do seminário. E todo mundo opinava sobre o assunto, porque tinha um texto para ler, talvez a gente não tinha tanto a fundo a leitura de quem estava apresentando, mas sabia do que se tratava. E nas trocas de experiências de relatos em que a gente fala da própria experiência, não só eu, como as pessoas que já atuavam eram tratadas com um autoritarismo muito negativo, porque os professores não admitiam o que a gente falava da realidade, na rede, seja particular de ensino, municipal, estadual, que dentro da nossa sala tinha diversidade de pensamentos e de atuação profissional, então parece que tinha que ficar no sonho idealizado, no idealismo pedagógico, ao invés de trabalhar com pontos reais. Então se falava, como a gente deveria tratar os alunos, e quando agente fala das experiências, ninguém falava

pode ser assim ou deve ser assim; ao contrário, isso não pode acontecer, tem que ser de tal jeito, de uma forma impositiva e mostrando para a classe que a escola tinha que ser totalmente diferente da realidade que ela está sendo posta, ou que a gente não pudesse falar da realidade. Eu senti uma forma de autoritarismo muito negativa, os professores não considerarem tanto as pessoas que estavam prática/teoria, teoria/prática. Respeitava-se algumas experiências outras não; e não por ensinar, mas para fazer um sadismo em cima. Outra experiência autoritária e discriminatória, foi quando eu fui fazer a entrevista para o mestrado na metodologia, fiz a prova, passei tudo certinho, quando foi na entrevista uma professora me questionou porque eu estava prestando lá, sendo que eu tinha feito uma bolsa monitoria nos fundamentos que então eu deveria ir para lá. Me senti discriminada e não passei. Acho que não foi só por este motivo, mas tenho certeza que este foi um deles, e isso é autoritarismo.